

o futuro
será coletivo
ou não será

O futuro será coletivo ou não será

Práticas poéticas e políticas no espaço urbano pandêmico: o caso das @_tarantinas

Por Ana Paola Ottoni

Ana Paola Vianna Ottoni de Siqueira

O futuro será coletivo ou não será. Práticas poéticas e políticas
no espaço urbano pandêmico: o caso das @_tarantinas

O futuro será coletivo ou não será.
Práticas poéticas e políticas no espaço urbano pandêmico: o caso das @_tarantinas

Ana Paola Vianna Ottoni de Siqueira

Dissertação apresentada ao Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais
UFPB/UFPE, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes Visuais.

Orientador: Prof. Dr. Rui Chaves

João Pessoa, 2 de fevereiro de 2023

Ana Paola Vianna Ottoni de Siqueira

O futuro será coletivo ou não será.
Práticas poéticas e políticas no espaço urbano
pandêmico: o caso das @_tarantinas

Dissertação apresentada ao Programa associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPB/UFPE, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes Visuais.

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S618f Siqueira, Ana Paola Vianna Ottoni de.

O futuro será coletivo ou não será. Práticas poéticas e políticas no espaço urbano pandêmico : o caso das @_tarantinas / Ana Paola Vianna Ottoni de Siqueira. - João Pessoa, 2023.

78 f. : il.

Orientação: Rui Chaves.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCTA.

1. Espaço urbano. 2. Pandemia. 3. Artes visuais. 4. Projeção expandida. 5. Ativismo. 6. Coletivo @_tarantinas. I. Chaves, Rui. II. Título.

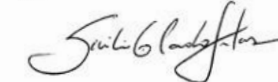
UFPB/BC

CDU 711.4(043)

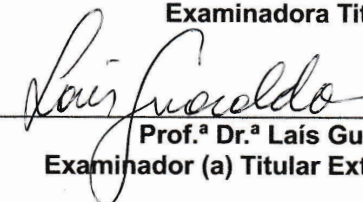
Aprovada em 2 de fevereiro de 2023



Prof. Dr. Rui Miguel Paiva Chaves – PPGAV/UFPB
Orientador/Presidente



Prof.^a Dr.^a Sicília Calado Freitas- PPGAV/UFPB
Examinadora Titular Interna



Prof.^a Dr.^a Laís Guinaldo– UFRN
Examinador (a) Titular Externo (a) à Instituição.

Agradecimentos

Agradeço aos amigos; aos professores, com imenso respeito e carinho; à Eduardo Dias, pela parceria; à Mariana do Vale pelo olhar preciso; à Estrela Santos pelos caminhos compartilhados; à Elisa Elsie, Mércia Costa, Ane Montenegro, Susana Guerra e Adriana Lunardi pelos diálogos; à Berenice Vianna e Luiza Mugnol, pelas contribuições; ao coletivo @_tarantinas pela generosidade e arte ativista, feminista e potente; ao Professor Rui Chaves por apontar novos horizontes e pela cuidadosa orientação; ao PPGAV UFPB/UFPE por abrigar minha pesquisa e ao CNPQ pela bolsa de estudos que possibilitou este trabalho; à Sicília Freitas e Laís Guaraldo por aceitarem o convite para participar da banca; à Larissa Miranda por zelar pela minha saúde; à Louise Gusmão pela acolhida; aos meus pais pelo apoio incondicional; à minha família, Zeca e Chico pela compreensão, amor e aconchego.

Para Chico e Zeca

Resumo

Título: O futuro será coletivo ou não será. Práticas poéticas e políticas no espaço urbano pandêmico: o caso das @_tarantinas

O futuro será coletivo ou não será? Práticas poéticas e políticas no espaço urbano pandêmico é uma pesquisa teórico-crítica que experimenta a escrita auto ficcional para narrar o encontro da pesquisadora/espectadora com a produção de ações de intervenção urbanas do coletivo @_tarantinas, na intenção de relacionar estas práticas com o espaço urbano no período da pandemia. Acrescenta ainda, no campo das artes visuais, os processos de produção da projeção expandida e do ativismo como arte, investigando questões de temporalidade, materialidade da imagem, espacialização e da possível participação do espectador. Este trabalho dedica-se a investigar um conjunto de ações de intervenção artísticas realizadas pelo coletivo no primeiro ano da pandemia, entre março de 2020 a fevereiro de 2021, nas cidades de Natal, RN e Rio de Janeiro, RJ.

Palavras-Chave: Espaço Urbano. Pandemia. Artes Visuais. Projeção expandida. Ativismo. Coletivo @_tarantinas

Abstract

Title: The future will be collective or it will not happen. The poetic and political practices in the pandemic urban space: the case of @_tarantinas

Will the future be collective or it will not be? The poetic and political practices in the pandemic urban space is a theoretical-critical research that tries out self-fictional writing to state/describe the researcher/spectator's encounter with the production of urban intervention actions by @_tarantinas collective, in order to relate these practices to the urban space during the pandemic period. It also adds, in the field of visual arts, the production processes of expanded projection and activism as art, exploring questions of temporality, materiality of the image, spatialization, and the possible participation of the spectator. This work is dedicated to investigate a set of artistic intervention actions carried out by the collective in the first year of the pandemic, between March 2020 and February 2021, in the cities of Natal, RN and Rio de Janeiro, RJ.

Keywords: Urban Space. Pandemic. Visual arts. Expanded projection. Activism. @_tarantinas collective

A maneira prevalente de ver arte hoje em dia é afetiva. Se Kant retomou a antiga pergunta: “A obra é bela? “e Duchamp formulou a indagação da vanguarda “A obra é arte?”, nosso critério principal parece ser “**Essa imagem ou objeto me comove?**”

Hall Foster, 2021. Grifo meu.

Sumário

16 Introdução

29 Diário de quarentena/diário-desvio/diário de outra janela/
diário de movimento do mundo

30 Março/
Caderno de pandemia

98 Setembro/
Crises

34 Abril/
Espectador

110 Outubro/
Utopia

56 Maio/
Espaço público, urbe, cidade

118 Novembro/
Projetar

70 Junho/
Coletivo

130 Dezembro/
Processos de criação

80 Julho/
Ativismos de ocupação

134 Janeiro/
Sem previsão

88 Agosto/
Vozes feministas

136 Fevereiro/
Carnaval

143 Zona conclusiva/
Considerações finais

147 Posfácio/
Se isso fosse um livro

148 Índice remissivo de imagens

151 Referências

Em março de 2020, a Organização Mundial de Saúde declarou a situação de pandemia mundial, obrigando ao confinamento milhões de pessoas ao redor do mundo, suprimindo o uso e a circulação no espaço público urbano da vida de milhares. O cotidiano das cidades latino-americanas foi afetado, bem como a vida de cidadãos e artistas. Desde o início do isolamento, acompanhei coletivos¹ de intervenção urbana audiovisual de várias cidades latino-americanas que ocuparam espaços urbanos com narrativas audiovisuais pautadas por questões políticas, econômicas, sanitárias, ambientais, sociais, de gênero, de raça, migratórias, entre outras, buscando afetar o espaço social a partir do espaço visual.

Novas táticas para ações ativistas ecoavam dentro da experiência pandêmica. No presente incerto, narrativas de resistência se cruzaram e se contaminaram, permitindo experiências coletivas de ocupação do espaço público esvaziado. Para muitos artistas e coletivos foi necessário repensar as formas de estar nas ruas, de produzir artisticamente, de articular uma produção estético-política às demandas sociais. As projeções ativistas incitam um movimento não-organizado, tratam de ampliar o alcance do que é real através de dispositivos efêmeros, convocam o olhar do espectador e compõem espaços nas cidades.

Naquele momento as ações de intervenção urbana projetadas serviram como uma forma de comunicação entre o artista ativista e o público. Observar o dispositivo de projeção de imagens como ferramenta ativista e de criação coletiva reforçou meu interesse pelas diversas formas e fluxos que derivam do audiovisual expandido.² O mundo da arte contemporânea e das imagens expandidas vêm desenvolvendo práticas que convidam artistas e espectadores a um diálogo desde os anos 60 através dos happenings, projeções múltiplas e performances.

1. Coletivos que formaram essa referência latino americana: Delight Lab no Chile. Streetdente (Bogotá), La nueva banda de la Terraza (Medellin) na Colômbia, Contagiamos Imágenes e Artiiciclo na Argentina.

2. PORTUGAL, Demétrio. Outros fluxos cinematográficos e sua produção de imagens. In: *O cinema e seus outros*. Lucas Bambozi e Demétrio Portugal (orgs) São Paulo, Ed. Equador, 2019.

3. WODICZKO, Krystof. *Public projections*. Public Address, 1992.

4. FOSTER, Hall. *O que vem depois da farsa?* São Paulo: Ubu Editora, 2021.

5. Descrição no Instagram do coletivo. Disponível em: https://www.instagram.com/_tarantinas_/. Acesso em 14/02/2022.

A chegada do vídeo, como dispositivo nas artes, reforça o elo entre cinema e artes visuais. Essas ações artísticas que inicialmente ocupavam espaços não museais, evoluíram por meio de intervenções em espaços públicos urbanos, locais de resistência, de contestação, de protesto e dissidência. Projeções ativistas não são uma forma recente desse diálogo. Nos anos 80, Krystof Wodiczko³ já projetava imagens de populações de rua em edifícios e monumentos na cidade de Nova York como um alerta ao processo de gentrificação de áreas urbanas da cidade. Suas imagens são públicas, corporificam arquiteturas específicas das cidades onde atuam, e trazem para o debate temas como o sujeito em diáspora, conflitos de fronteiras e guerras.

A maneira de ver arte hoje é afetiva, nos lembra Hall Foster,⁴ e a narrativa do grupo me envolveu e afetou em um momento complexo e difuso da humanidade. Encontrei o coletivo @_tarantinas no final de março de 2020. A partir desse encontro virtual estive no lugar de espectadora, acompanhando os trabalhos de intervenção áudio, gráfico e visual do coletivo.

Mas afinal quem são as @_tarantinas? O grupo é formado por quatro incríveis mulheres: Bruna Drummond, Fernanda Palhano, Lara Ovídio e Mariam Daichoum, com formações transdisciplinares em Geografia, Neurociências, Artes Visuais e Filosofia, respectivamente. O nome do coletivo é livremente inspirado no estilo cinematográfico do diretor Quentin Tarantino e assim elas se definem: “temos muito ódio no coração e projetado com muito amor.”⁵ O grupo possui afinidades estéticas e políticas, nasce dentro do contexto de uma performance de Carnaval e se estabelece durante a pandemia mundial, convocando possíveis olhares à reflexão sobre uma série de urgências além da crise sanitária brasileira, através de intervenções urbanas audiovisuais.

A dinâmica de trabalho das ações de intervenção projetadas pelo grupo se constrói a partir do isolamento imposto pela pandemia. Diariamente se reuniam de forma virtual com intensa troca de informações, referências e notícias. As decisões sobre escolhas visuais e textuais eram tomadas coletivamente e a confecção das imagens, gráficos e gifs compartilhadas entre elas. Utilizaram projetores domésticos pessoais e emprestados, e

valeram-se das redes sociais como local de registro de sua produção e divulgação, como demonstra a imagem abaixo.



Printscreen do registro de Projeção/frame da Intervenção de 3/05/2020. Bairro da Glória @_tarantinas

Ao longo do tempo percebi que construir uma lógica coletiva e habitar territórios urbanos eram a base da prática das @_tarantinas. E não só. A crítica implacável da realidade exigia uma não-neutralidade em seu discurso. Suas ações luminosas carregam informação e questionamentos. As imagens-texto vão além do gesto efêmero da projeção. As @_tarantinas estabelecem em suas ações conexões pulsantes, reflexos e reflexões, modulam o espaço experienciado por elas, incrustado na cidade, ocupando o campo de visão de possíveis espectadores, fisicamente e remotamente. Sua voz como coletivo se distingue dos demais, usam a palavra-imagem como matéria prima e muitas de suas ações e intervenções possuem o vigor de obras como a série *Truisms* (1977-1979) de Jenny Holzer,⁶ os letreiros de Barbara Kruger⁷ e os neons do coletivo Claire Fontaine.⁸

Durante o primeiro ano da pandemia, as intervenções das @_tarantinas ganharam um compasso particular, no início guiadas por um ritmo público

6. Menção ao início da trajetória de Jenny Holzer, dos lambe-lambes da série *Truisms* (1977-1979), nos quais imprime frases de ‘verdades óbvias’, colocadas no meio da rua para o grande público. A partir da reação das pessoas perante suas obras, a artista passa a ocupar um maior espaço na cidade. Se apropria da arquitetura e de espaços publicitários; escreve nas ruas, no chão, nos carros, nas fachadas dos prédios. Trata sobre violência, opressão, direitos humanos e poder com senso de humor e coragem. Disponível em: <https://projects.jennyholzer.com>. Acesso em 12/11/2021.

7. Barbara Kruger (1993) denuncia relações de dominação. Suas imagem-textos falam diretamente ao espectador. Sua obra indaga: Quem fala? Quem está em silêncio? Quem é visto? Quem está ausente? Percebo que a construção gráfica do coletivo @_tarantinas coincide muitas vezes com a proposta de Kruger.

8. O coletivo Claire Fontaine é um coletivo feminista conceitual, fundado em 2004. Sinalizam sua postura política na série de *led letters*, *Capitalism is not working*, com destaque para a obra *Capitalism kills (Love)* (2008) que remete à triste trajetória dos migrantes e funciona como monumento aos seus sonhos desfeitos. Disponível em: <http://www.clairefontaine.ws/search/capitalism>. Acesso em 12/11/2021.

9. No original: El feminismo, en tanto movimiento, dejó de ser una exterioridad que se relaciona con «otr*s», para ser tomado como clave para leer el conflicto en cada territorio (doméstico, afectivo, laboral, migrante, artístico, campesino, urbano, feriante, comunitario, etc.). Esto hace que se despliegue un feminismo de masas e intergeneracional, porque es apropiado desde los más diversos espacios y experiencias. (GAGO, 2018. p. 247).

10. Informação verbal. *Otro fin del mundo es posible. Interrogando I nueva normalidad*. Encontro online de Voces Situadas n. 16. Museu Situado. 14/10/2020. Museu Reina Sofia

11. Intervenção urbana 18/09/2020.

12. HARAWAY, Donna. *Seguir con el problema: Generar parentesco en el Chthuluceno*, Bilbao, Consonni, 2019.

(apoio às manifestações antigoverno, painéis, postura anticapitalista), alternadas para um ritmo de reação aos acontecimentos midiáticos (notícias-catástrofes divulgadas minuto a minuto), um ritmo secreto e psicológico (reflexões, fragmentos de músicas, lembranças, frases poéticas, o não-dito) e um ritmo fictício (o imaginário, a revolução, a utopia). Esse processo é permeado por uma escuta atenta ao contexto em que estão inseridas e que merece ser aprofundado para compreender a temporalidade em que sua produção se insere. As @_tarantinas produzem uma arte urgente diante do isolamento e da situação político-social; as projeções são gestos cotidianos feministas diante do “novo normal”.

O posicionamento antipatriarcal e anticapitalista do coletivo dialoga diretamente com as ideias de Veronica Gago, que ressalta que o feminismo atual enquanto movimento deixou de ser algo que se relaciona com o outro para se tornar a chave para ler o conflito em cada território, fazendo com que se desdobre um feminismo de massa e intergeracional, pois se apropria dos mais diversos espaços e experiências.⁹ Nesse sentido, resultam paradigmáticas as ações de intervenção urbana realizadas pelo coletivo na série intitulada *Quintas-feministas*: as projeções destes dias estabelecem seu posicionamento contra toda uma série de abusos tanto na esfera doméstica, íntima, como na esfera pública. *O pessoal é político*, e as projeções com temática feminista fazem parte do programa de resistência das artistas contra o avanço neoliberal sobre os corpos, as pessoas, a natureza. Outra significativa e recorrente reflexão projetada pelo coletivo é ocupar o futuro, um exercício de pensar em um outro fim de mundo possível como ponto de partida.¹⁰ *O futuro será coletivo ou não será*, projetam as @_tarantinas.¹¹ De que maneira suas imagens abrem uma via alternativa, uma provocação para pensarmos juntas um outro mundo? Como queremos viver? Em meio ao distanciamento social essas provocações nos alertam para o potencial dos gestos cotidianos para reorientar esse futuro. Não falam de um futuro *naif*, otimista. Mais bem se aproximam do pensamento de Haraway¹² que articula uma outra ideia de futuro, temporalidade, de compreensão das espécies, do humano e da interdependência, tendo em conta que “seguimos com o problema”.

Qual a dimensão político e poética nas ações do coletivo @_tarantinas que se apropria do espaço urbano no período da pandemia? Em que medida

as novas configurações da projeção expandida afetaram um possível espectador no contexto da pandemia?

Indagar sobre essa forma de ação ativista, de como me afeta, revolve e representa foi o ponto de partida para essa investigação em Artes Visuais. Coincide com os quase dois anos de isolamento, introspecção e reflexão sobre o futuro, quando quase tudo ficou em um tempo de suspensão. Investigações sobre a questão da projeção expandida foram desencadeadas durante minha pesquisa de graduação.

O interesse pela projeção em espaços públicos urbanos e seus desdobramentos como arte ativista suscita então a necessidade de dimensionar questões como o contexto para intervir, o lugar com significados, a participação do espectador, o processo do trabalho coletivo, a imaterialidade da imagem.

O objetivo dessa investigação foi relacionar as projeções do coletivo @_tarantinas com o momento histórico do ano de 2020, dimensionando os efeitos poéticos e políticos dessa forma de arte sobre a minha experiência pessoal como espectadora e artista.

Para tanto, busco ressonâncias e desarranjos entre as ações de intervenção do coletivo no primeiro ano da pandemia e o pensamento de teóricos e artistas, entre o cotidiano delas e o meu próprio, entre o repertório construído por elas dentro de uma linha temporal e a narrativa em primeira pessoa.

Necessário contextualizar que o fenômeno dessa dissertação é o conjunto de ações audiovisuais ativistas do coletivo @_tarantinas, ações que nascem e se desenvolvem durante o período do primeiro ano da pandemia, entre os meses de março de 2020 e fevereiro de 2021. Como o resto do mundo fomos pegos de surpresa pelo vírus, porém diferente do resto do mundo, vimos o país atingir um número recorde de infectados e de mortes em decorrência da Covid-19, crise que nos lembra da total condição de fragilidade do cotidiano a cada nova cepa anunciada. A supressão do espaço público foi condicionante para a existência das projeções. Definir espaço público passa pela noção do que é ser humano

13. DEUTSCHE, Rosalind. *Agorafobia*. Revista Arte e Ensaio. n.36, pgs.-116-173. 2018.

e o tipo de comunidade política que desejamos.¹³ A experiência do isolamento, o desaprender a conviver, descobrir uma intimidade consigo mesmo e estar atento ao mundo através das “janelas” foram elementos que serviram como terreno para a construção da pesquisa, a partir da observação diária das ações de intervenção ativistas do coletivo @_tarantinas.

PASSOS METODOLÓGICOS

A pesquisa, de abordagem qualitativa, foi dividida em três etapas. A primeira etapa foi dedicada à observação, levantamento imagético e textual da produção do coletivo, a identificação e catalogação dos trabalhos de intervenção gráficos e audiovisuais realizados entre março de 2020 e fevereiro de 2021. Neste período foram realizadas 97 ações de intervenções luminosas, registradas pelo coletivo e publicadas nas redes sociais do grupo. As projeções aconteceram em duas cidades diferentes, no bairro da Glória no Rio de Janeiro, RJ e nos bairros Tirol e Ponta Negra em Natal, RN. Em diversos registros, textos complementavam e comentavam a intervenção de cada dia. Além dos registros, tive acesso a outros documentos preciosos como registros de bastidores, o manifesto do coletivo publicado na revista MoVcidade e duas videoartes produzidas no mesmo período. Após cartografar todas as intervenções das @_tarantinas, desenhei um mapa mental com os principais temas das projeções realizadas pelo coletivo, percebendo alguns eixos temáticos principais: Política, Pandemia, Utopias, Feminismos, Meio ambiente, Amor e Arte. Nessa cartografia cada tema se desdobrou em uma diversidade de microtemas. Diante da vasta produção artística do coletivo dentro do recorte temporal delimitado pela pesquisa, surgiu a necessidade de realizar uma curadoria sobre as ações de intervenção. O processo de curadoria foi baseado principalmente no critério de como as intervenções geraram em mim afeto e significado, além de uma potente capacidade disruptiva no contexto de pandemia em que vivemos. Foram selecionadas 33 ações de intervenções projetadas no período de março de 2020 a fevereiro de 2021. Essas ações sustentaram o percurso do diário, construído a partir das datas em que foram projetadas. Portanto, as ações de intervenção do coletivo escolhidas por mim, dialogam com a narrativa

em primeira pessoa, com o referencial teórico da pesquisa, com notícias veiculadas pela mídia no período e com o trabalho de artistas e coletivos contemporâneos cuja produção é ressonante ao das @_tarantinas. Nesse caso destaquei ações, manifestos e trabalhos dos coletivos LASTESIS, Contagiamos Imágenes, G.A.C e Claire Fontaine, que envolvem o uso da palavra como dispositivo e a tática de apropriação de espaços urbanos. Também nesta etapa foram realizadas leituras de textos de fundamentação teórica e acompanhamento de palestras *online* de temas pertinentes à pesquisa. Na segunda etapa da pesquisa, realizei a coleta de materiais de processos de criação e conversas com o coletivo, novas leituras e aportes bibliográficos. Na terceira e última etapa da pesquisa foi realizada a reescrita da análise teórico-crítica de uma seleção de ações de intervenção do coletivo a partir da noção da metaficção historiográfica, que descrevo a seguir.

Essa pesquisa inicialmente cartografou os trabalhos/ações de intervenção artísticas do coletivo @_tarantinas com intenção de acompanhar os processos de criação ativistas e sua relação com o contexto onde vivem e atuam, buscando mapear as ações de visibilidade ocorridas no primeiro ano da pandemia. À medida que a documentação foi sendo produzida, os momentos de reconexão com o percurso do coletivo foram se tornando mais intensos bem como o interesse pelo encontro e o contato direto com as integrantes do grupo, em busca de uma relação horizontal entre mim e o coletivo artístico ativista. Essa etapa evidencia que algo estava em processo de construção, pois é “a partir da subjetividade que afetos e sensações irrompem, sentidos são dados e algo é produzido.”¹⁴ Eu, autora, pesquisadora e espectadora estou implicada nesse processo.

A história do isolamento, da necessidade de trabalhar em coletivo, da urgência em estabelecer pontes com a realidade é também a minha história.

A partir das considerações da banca de qualificação, fui incentivada a buscar uma voz autoral em que minha escrita se incorporasse à narrativa como parte da pesquisa. Decidi desenvolver a ideia de um diário de bordo, uma *bitácora*, um outro tipo de registro de escrita que então se tornaria o cerne da dissertação. Deste modo o pressuposto metodológico

para a pesquisa é a construção de um relato ficcional do primeiro ano da pandemia, narrado em primeira pessoa, cartografando as questões explicitadas nas ações do coletivo e revendo publicações da mídia daquele período, em busca de um lastro com a realidade.

A reescrita da pesquisa em forma de diário demorou a começar, pois a contribuição teórica/histórica e crítica precisava encontrar uma escala humana, onde a narrativa pessoal se entrelaçasse às experiências ficcionais e factuais. Foi um enorme desafio me tornar personagem dessa narrativa que se funde, por diversas vezes, à memória do coletivo, numa trama reflexiva.

Elaborar esse discurso baseado na memória de um passado recente acabou por solicitar uma estratégia metodológica de escrita, a Metaficção Historiográfica,¹⁵ conceito criado pela professora e pesquisadora canadense Linda Hutcheon. Para ela, a metaficção reinsere os contextos históricos em uma obra como sendo significantes, e até mesmo determinantes. Essa é uma característica que identifiquei, considerando o contexto social, político e de crise sanitária no Brasil, quando transcorre o fenômeno desta investigação.

A memória é subjetiva pela importância que os fatos assumem para nós. Ela é fragmentada e manipulável, acumulando fatos pessoais, coletivos e históricos. A nova historiografia respeita fontes não-tradicionais e vê os fatos do cotidiano como fonte de versões múltiplas.

O uso desse conceito nos faz voltar a um passado repensado, para verificar o que tem de valor nessa experiência passada.¹⁶ A Metaficção Historiográfica leva em conta a qualidade híbrida do texto e funciona com a apropriação de fatos históricos, jornalísticos, filosóficos e documentais. Apropria-se da história oficial com a intenção de dar voz a narradores diversos e promove intertextualidade entre pontos de vista. Essa característica também fica explícita no texto desta dissertação, que concilia diálogos entre as narrativas audiovisuais do coletivo, da minha própria, e de notícias de jornais e revistas produzidas no período. Projetei um discurso autorreflexivo sem abandonar o contexto das artes visuais, ao qual me vinculo, propondo novas leituras para o fenômeno de vigília artística produzidas pelas intervenções ativistas do coletivo.

15. HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

14. ROMAGNOLI, Roberta. *A cartografia e a relação pesquisa e vida*. Revista Psicologia & Sociedade, vl. 21, n.2, 2009.

16. HUTCHEON, 1991, p. 63.

A produção desta cartografia demandou um mergulho na fundamentação teórica em busca de conceitos que se incorporassem ao processo de construção da pesquisa, dando consistência e apoio ao entrecruzamento de ideias, pensamentos e leituras. São investigadas as práticas artísticas em espaços públicos [ARDENNE, DEUTSCHE, WODICZKO]; a arte ativista [LIPPARD, EXPOSITO]; a cidade como lugar da experiência [TUAN, HARVEY, LEFEBVRE], o projetar como forma de pensar [DUBOIS, MACIEL, WEIBEL], a pandemia [BERARDI, ZIZEK, PELLEJERO, PRECIADO]; feminismos [GAGO, SOLNIT, ADICHIE, HOOKS, LORDE], ativismo feito por coletivos [TOLOKONIKOVA, LASTESIS, G.A.C., CLAIRE FONTAINE, COM. INVISÍVEL], e diálogos com as ideias de autores e artistas [DIDI HUBERMAN, OITICICA, ROLNIK, HALAWI, OKANO]. O tema de Isolamento social e quarentena que atravessam todo o texto apoiam-se na leitura de publicações coletivas lançadas durante a pandemia [SOPA DE WUHAN, NO TREMOR DO MUNDO, PANDEMIA CRÍTICA, PANDEMIA CAPITAL, DOSSIÊ CORONAVÍRUS).

Neste diário/caderno cada mês abarca uma unidade, um tema construído de imagens e palavras. A narrativa descobre com assombro, à medida que a pandemia avança, que a situação de estarmos à deriva aumenta. Não existe um só sentimento que possa definir os primeiros meses da pandemia. O cotidiano e suas repetições foram costurados entre a rotina familiar, as notícias, as caminhadas, as *lives*, o áspero, a dúvida, a utopia, a raiva. O espaço doméstico passa a ser lugar de trabalho, o quarto se transforma em escritório, a sala em ateliê, academia, sala de aula. A ideia de público e privado se transforma.

Para definir a passagem do tempo dentro da experiência da quarentena, escolhi seguir a cronologia dos doze primeiros meses da pandemia. A narrativa denota a experiência, a atividade viva dentro do confinamento, muitas vezes fragmentada como seria natural no texto de um diário.

O conteúdo de cada mês é alimentado pelas entradas no diário. Estas entradas carregam conceitos que dialogam com o campo da arte e da vida, aqui revelados a partir da observação das ações de intervenção do coletivo. A fala do coletivo está sempre destacada ao longo do texto, posicionadas próximas aos frames das projeções escolhidas. As

impressões sobre o avanço da pandemia e seu impacto no âmbito macro e micropolítico perpassa todo o diário. Vi e revi muitas imagens, na tentativa de ser fiel ao momento em que tudo acontecia. Algumas entradas do diário pertencem somente a uma imagem, enquanto outras agregam uma série de *frames* de uma ação/intervenção específica. Tomei a liberdade de nomear as intervenções de acordo com as palavras-imagem presentes na ação de intervenção. Nas legendas informo data e local da ação, conforme a informação da postagem que contém o registro.

Escolhi, como primeira imagem do diário, uma imagem particular, que não foi projetada, mas revela uma das etapas do processo de criação do coletivo @_tarantinas: o momento da projeção. Encostada na janela, uma mesa de madeira é a base para uma torre de livros de arte e fotografia que sustentam no topo, o projetor utilizado para realizar as ações de intervenção. O computador, os cabos, o megafone são os outros dispositivos que compõem esse cenário.

O mês de **março** trás uma função de introdução, apresenta o conceito *entre-lugar* e inaugura a forma de tatear o que está por acontecer. É o momento em que tenho contato pela primeira vez com as ações ativistas do coletivo @_tarantinas. Nenhuma imagem é apresentada propositalmente neste período. No mês de **abril**, o texto investiga situações de espectadorialidade constituídas pela experiência pessoal e pela experiência de um possível espectador. Pontuo a questão da participação do espectador através do sonoro, usando onomatopeias que representam o tanger das painéis nos momentos de painelaços. Me identifico como espectadora anônima das projeções. No mês de **maio** investigo como o espaço público se inscreve na obra do coletivo; identifico questões relativas à cidade como lugar da experiência e foco de resistência; o espaço urbano, do ponto de vista da arte; e a cidade esvaziada pela crise sanitária mundial. No mês de **junho** são investigados os desdobramentos das proposições artísticas que trabalham em forma de coletivo; o fazer colaborativo e a arte em contexto; as articulações entre conceitos de lugar, tempo e ritmo. Nos meses de **julho, agosto e setembro**, as entradas do diário problematizam respectivamente os temas ativismos, vozes feministas e crises, analisando as potências que constituem a essência do trabalho do grupo, a partir de relações com outras experiências coletivas e ativistas. Apresento o pensamento feminista que se constrói em uma série

intitulada *Quintas Feministas*, onde o coletivo projeta palavras-imagem em busca de diálogos urgentes em suas obras/ações. Abordo outras crises com o apoio de textos de Franco Bifo Berardi, Hall Foster, Naomi Klein, Troy Vetesse.

Nos meses de **outubro e novembro**, busco expandir assuntos relativos à utopia anticapital e apresento reflexões acerca do conceito de espaço e lugar e da arte de projetar como uma forma de pensar. Costuro reflexões sobre as imagens que formam nosso mundo, sua imaterialidade e a possibilidade de um outro cinema através do diálogo com pensamentos de Alberto Manguel, Philippe Dubois e Georges Didi Huberman.

Os últimos meses do diário, dezembro, janeiro e fevereiro, coincidem com a progressiva diminuição de projeções do coletivo @_tarantinas e a retomada da rotina, tanto pessoal como do grupo. Nesse período analiso o desejo de potencializar o processo coletivo de criação, reflexão que se constrói com apoio de ideias de Virginia de Medeiros, Rebecca Solnit e Helio Oiticica. Em **fevereiro**, anuncio o começo do fim. Após quase um ano de pandemia e distanciamento, a narrativa se desloca no tempo para recordar a última experiência coletiva de carnaval de rua vivida pelo coletivo, local também onde nasce o primeiro trabalho delas com uma simbólica performance de rua sobre o fim do mundo. O carnaval surge como espaço de resistência, coletividade e ludicidade. O carnaval que nos lembra nosso direito à cidade, à democracia e a liberdade de expressão. A narrativa percorre uma linha circular sem prometer ao leitor uma conclusão ou um retorno ao estado de normalidade, pois “não é possível retornar a lugar nenhum. Os pontos de partida não ficam parados e na volta não estão mais lá. Para retornar, é preciso, de início, um ponto de partida eterno e imutável”, como nos fala Dolina.

Esta dissertação, escrita em primeira pessoa, é uma resposta às ações pensadas e projetadas pelo grupo como forma de reação ao que aconteceu no país, compartilhadas em um diário-diálogo da discente pesquisadora em Artes e o projeto de arte ativista do coletivo @_tarantinas.



Registro de projeção. Arquivo pessoal do coletivo @_tarantinas.

projeto diário- caderno de pandemia// diário-
desvio//diário de outra janela// diário do
movimento do mundo

Março-

Caderno de pandemia

17. Informação verbal. Discurso da escritora e cineasta Susan Sontag para o Prêmio da Paz do Comércio Livreiro Alemão em 2003. Sontag diz que um escritor é alguém que presta atenção ao mundo, o que significa tentar entender, absorver, conectar-se, de que maldade os seres humanos são capazes; e não ser corrompido – tornado cínico, superficial – por este entendimento.

18. *Sonic* é um personagem de jogos japonês, criado nos anos 90 e que ressurgiu em forma de filme em 2020.

1 de março

Dizem que para escrever é preciso constância, e mesmo sem nada muito claro para dizer, sentar na frente das teclas e teclar. Então começo assim mesmo, com o pensamento desnordeado. Tenho que tirar algo do congelador para o almoço, responder ao e-mail do Coordenador, terminar de ler o texto da aula da terça-feira, confirmar presença na reunião de amigos no sábado... escrever é prestar atenção ao mundo.¹⁷ Existem diversas possibilidades / ferramentas táticas de intervenção urbana. Como as ferramentas *détourné* e *dérivé* dos situacionistas nos anos 60, os artistas contemporâneos se apropriam, desconstroem e trabalham sobre a linguagem dominante atual...

4 de março

Os desastres políticos, sociais e econômicos que vivemos no Brasil diariamente são alimento para a aparente apatia de milhões. A TV, a internet, as mídias sociais vomitam notícias revoltantes a cada minuto. Será que com tanto, não temos razões suficientes para uma revolta? Hoje é o aniversário de 7 anos do Chico. Ele escolheu comemorar com os amigos em uma sessão de cinema do *Sonic*.¹⁸ 30 crianças, um caos organizado. Na hora dos parabéns ele travou e não conseguia encarar as pessoas. Foram os minutos mais longos da vida dele, e da minha. Fim de festa, fim de pânico. Voltamos aliviados para casa.

5 de março

Encontrei um amigo querido no elevador. Voltou do carnaval de Olinda super gripado. Será o vírus? O Ministério da Saúde anunciou o 30º caso de coronavírus no Brasil - um homem que mora em SP e visitou quatro países da Europa no mês passado. O avanço do vírus também afeta a peregrinação a Meca e até adiou em 7 meses a estreia do novo filme do 007, *No time to die*.

11 de março

As coisas andam muito estranhas.

13 de março

A OMS declarou hoje que o coronavírus é uma pandemia mundial. Aqui temos um decreto que fala de medidas que podem ser adotadas como isolamento e quarentena; emergência de saúde pública. Hoje, nós três ganhamos máscaras de presente de um amigo. Novos hábitos pela frente.

17 de março

Janelas contra Bolsonaro. Nas mídias sociais, *Influencers* convocam a população a mostrar sua indignação. Hoje, o governo do Rio Grande do Norte cancelou as aulas na rede pública e privada em todo o estado, pelo período inicial de 15 dias. Vamos para as janelas.

19 de março

Novo panelaço. Somos poucos no prédio que batemos as painéis. Decretado estado de calamidade pública no RN, em virtude da pandemia do novo coronavírus. Continuamos a entoar. #Fora B.! Muitas projeções em grande escala vêm sendo feitas em cidades brasileiras.

20 de março

Aumento das medidas de restrição de circulação de pessoas com a suspensão do funcionamento de quase tudo. Restaurantes, bares, lanchonetes ficam abertos apenas para serviço de entrega e retirada no local. Fechamento de parques públicos e de diversão: boates, museus, bibliotecas, teatros, cinemas e demais equipamentos culturais. Estão chamando mercados e farmácias de serviços essenciais. Podemos acessar com regras de distanciamento.

O espaço público é a primeira vítima fatal do Coronavírus,¹⁹ no momento em que o confinamento se torna uma realidade para parte das populações urbanas, a necessidade do distanciamento social, o trabalho que se torna remoto, a educação *online* e a vida cultural e social é tolhida ao virtual.

19. BEIGUELMAN, Giselle. Coronavida: Pandemia, Cidade e cultura Urbana. São Paulo: ECidade, 2020.

27 de março

A vida mudou de lugar? Coexistimos agora num intervalo diferente de tempo e espaço?

Vivemos no entre-lugar. Na cultura japonesa existe um conceito complexo chamado *Ma*. No dicionário de língua clássica japonês- português Iwanami, o *Ma* é definido como um “um espaço intervalar entre dois objetos contíguos existentes; o espaço cercado por pilares ou biombo, construtor de um recinto; no sentido temporal, a uma pausa existente entre dois fenômenos contíguos.” Pois é nesse ‘entre’ lugar, vazio, tempo, espaço intervalar, que nos encontramos agora. Este conceito, elemento da cultura japonesa parece ser adequado para o momento em que a população mundial se depara com a pandemia. A pesquisadora Michiko Okano diz que o *Ma* se processa na dúvida, pela possibilidade de variadas leituras, uma vez que convoca o receptor a participar da construção da espacialidade, da visualidade “invisível”.²⁰ Passei no RH da Universidade para assinar minha demissão. Mesmo usando máscara, a sensação é de liberdade.

20. OKANO, Michiko. *Ma: entre-espaço da arte e comunicação no Japão*. Fapesp, 2012.

21. ROLNIK, Suely. Ninguém é deleuziano. Despedir-se do absurdo. Entrevista a Lira Neto e Silvio Gadelha. O povo. n.6, Fortaleza, 1995.

22. TAVARES, Gonçalo M. O Sr. Calvino. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2007.

1 de abril

Emoções, o tempo. A filósofa Sueli Rolnik diz que o que nos força a pensar é o mal-estar que nos invade quando forças do ambiente em que vivemos formam novas combinações. Isso nos obriga a reconquistar um foco. O pensamento faz isso. Auxilia-nos a atravessar estados sensíveis.²¹ O meu pai...Chico. Projeto de mestrado? Espero poder contar com esse dispositivo para o futuro próximo que se desenha.

2 de abril

Lembro-me da imagem da janela de desabotoar, do Sr. Calvino, incrível personagem da série literária *O Bairro* de Gonçalo Tavares, que desde sua casa observa a paisagem urbana de suas janelas com cortinas de abotoar. Como se o mundo não fosse uma coisa disponível a qualquer momento, mas sim algo que exigia dele e de seus dedos, um conjunto de gestos minuciosos.²² Abotoar/Desabotoar. A janela é o olho da casa. É por uma necessidade de liberdade que torna desejável ter janelas, e através delas vemos uma parte do mundo exterior, nos posicionando nos sentidos horizontal e vertical. Penso. Abotoar/Desabotoar. Gesto minucioso. Gesto frágil.

4 de abril

Hoje meu pai faz 80 anos. A grande festa foi adiada. As passagens aéreas devolvidas. Mas a gente já tem tudo organizado: fizemos um bolo de chocolate com recheio e cobertura, imprimimos o rosto dele para enfeitar o topo junto das velas e combinamos um horário para nos ligar a 3.500 km de distância. Fizeram um vídeo com fotos da vida dele, do seu passado: memórias para passar no telão da festa. Longo e piegas.

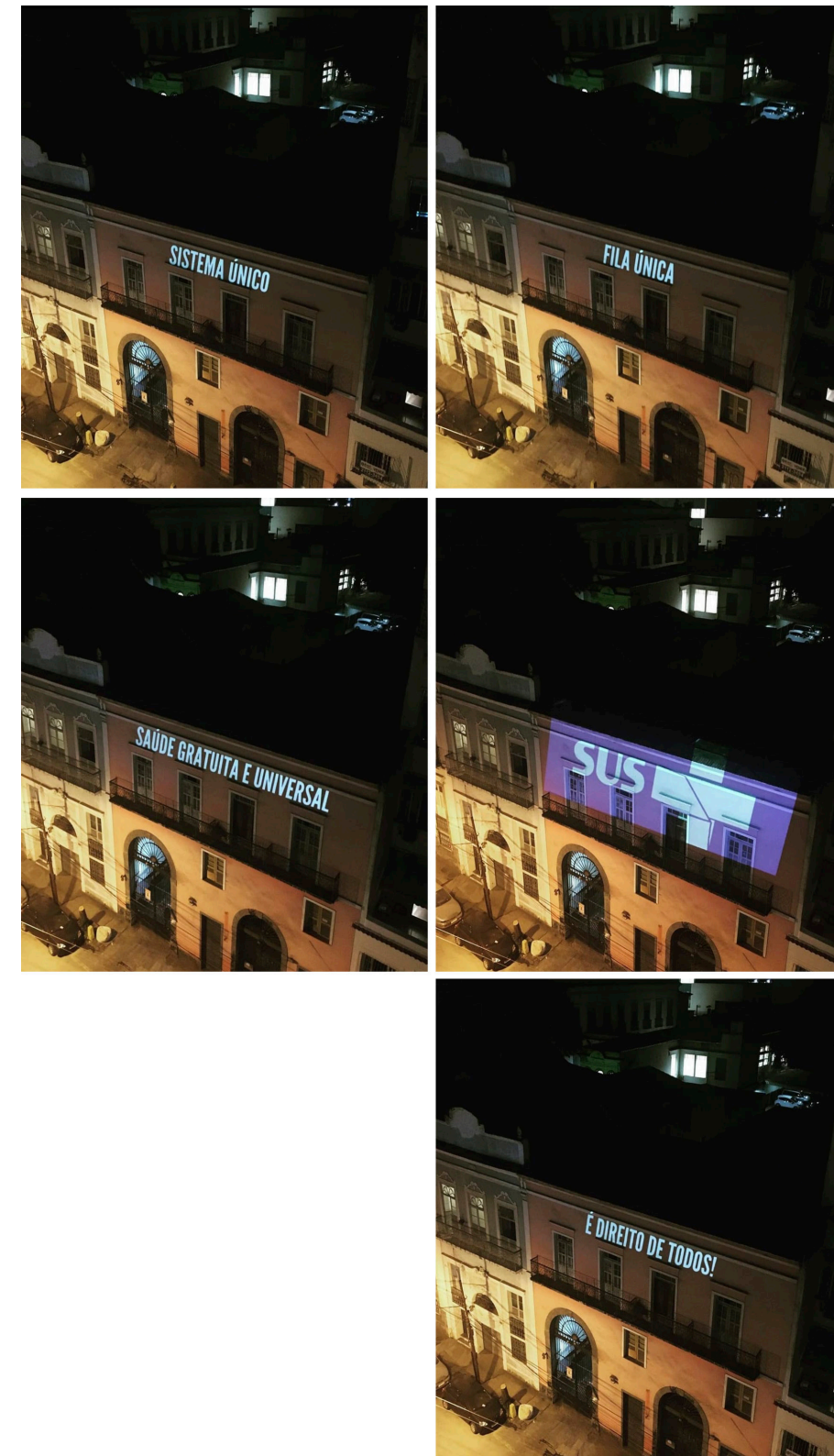
8 de abril

Mais uma convocatória para o pannelo às 20:30. Pan, pan, pan, pan, Tim, Pan, Pan, Tim Tim Tim. São Paulo, Rio, Brasília, Recife, Belo Horizonte, Fortaleza, Salvador. Vamos para a janela na hora combinada. O presidente faz novo pronunciamento na TV. O governo segue negando as orientações de isolamento defendidas pela OMS. Abrimos novamente as nossas

janelas e batemos panelas. #Fora genocida! Reconheço a voz dos amigos do 10º andar. Hoje parece que temos novos manifestantes. No prédio, a maioria é de aposentados. Desconfio que essa mesma maioria apoia o B... e seus ministros sinistros.

9 de abril

Hoje apareceu no meu *instagram* uma projeção urbana que representa a mim e a muitos: *Precisamos lutar para que os leitos sejam distribuídos igualmente entre todos, os que têm e os que não tem plano de saúde. Ou é isso ou é política de extermínio.* Assinam como @_tarantinas.



Projeção/frames da Intervenção de 9/04/2020. Bairro da Glória @_tarantinas

10 de abril

Acabaram os limões da gamela. Decidimos sair em missão-colheita até a beira do rio, foi um ótimo passeio: trouxemos sacolas cheias para compartilhar com nossa pequeníssima comunidade. Saúde. As informações sobre a pandemia não são nada animadoras: dobraram o número de casos em uma semana. Mais de 20.000 confirmados.

Li uma notícia curiosa: estudos sobre a psicologia do confinamento apontam as chaves para superar os danos que ele causa.²³ Será realmente possível não se deter no futuro incerto? *Concentre-se nas coisas que você pode controlar, não no que não pode. A ansiedade pode escapar do controle se você passar todo o dia se preocupando com o futuro*, diz a especialista da Universidade de Manchester. Astronautas e expedicionários submetidos a longos períodos de isolamento apresentam uma forma de hibernação psicológica, com dificuldade de recordar coisas e completar tarefas. Viramos todos pandenautas, mas sem treinamento. Tenho uma leve sensação que estou esquecendo de coisas.

11 de abril

Pandemia. Primeiro mês dentro de casa. As @_tarantinas voltam à ação no telão da rua, da cidade, do bairro da Glória na cidade do Rio de Janeiro. A minha janela agora é o computador. A ligação com uma rede maior diminui a solidão. Paro. Do anonimato de uma janela, um jogo de palavras em letras brancas e maiúsculas é projetado por alguns minutos em *loop* sobre a fachada de um antigo edifício. Podemos ler e nos assombrar com a provocação quase ameaçadora que diz: *Nós vamos/ocupar/o futuro*.

Quem é a primeira pessoa do plural que se auto intitula como nós? E de que futuro estão falando? A projeção parece contestar a especialista em confinamento da Universidade de Manchester. Mas é para quando? O cotidiano está fragmentado. O coletivo @_tarantinas é composto por quatro mulheres que ocupam uma empena da cidade neste tempo de isolamento social.²⁴ Elas projetam e escrevem. Tenho a sensação que encontrei companhia. Poderei olhar para minha janela de outra forma? Talvez essa “entre distância” se torne menos terrível.

23. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/ciencia/2020-04-11/esta-dificil-pensar-e-nao-parar-de-comerciantes-polares-e-astronautas-sabem-lidar-com-o-isolamento.html>

24. TARANTINAS. Não há tempo para o equívoco: um manifesto pela ação coletiva. Revista MoV. cidade n 01, 2020.

25. Entrevista a Paul Ardenne. In: NAIDIN, J.; CODEÇO, F.; ARDENNE, P. Arte Contextual e as condições do Antropoceno. *Revista Vazantes*, v. 5, n. 1, p. 425-444, 22/12/2021.

26. TUAN, YI-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. Londrina: Eduel, 2015.

27. Declaração do coletivo postada junto da ação de intervenção do dia 11/04/2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-3NIQWHnAh/>. Acesso em 11/04/2020.

O crítico e curador Paul Ardenne fala sobre essa arte em conexão com o real, reativa, contendo uma lógica interna, um objetivo.²⁵ Esse objetivo pode ser a tomada de consciência de um espectador e até um possível engajamento. Esperança. Quando olhamos para fora olhamos para o presente e para o futuro; quando olhamos para dentro estamos provavelmente olhando para o passado.²⁶ Existe verdade nisso. Quando tínhamos uma rotina fora de casa, estávamos abertos a outro tipo de novidade. As @_tarantinas me provocam a enfrentar um fragmentado cotidiano para invadir o futuro.



Projeção/frames da Intervenção de 11/04/2020. Bairro da Glória. @_tarantinas

“Desde que nos trancamos dentro de casa, vemos um movimento de introspecção que aponta às vezes para o passado, outras vezes para o futuro. O passado é infinitas vezes recontado, reinventado, ressignificado. O passado é móvel, mas sempre imóvel também. Muito do mundo mudou rapidamente e há dias falamos que o futuro não é mais o que era. O presente que parece haver se esvaziado de sentido e potência é onde o horror tem lugar. No presente, a disputa, há disputa. O futuro será coletivo ou não será.”
@_tarantinas²⁷

12 de abril

Estou hipnotizada pelo vulcão em erupção, sua incandescência, processo de criação e destruição que vem do subterrâneo. Essa imagem projetada pelas @_tarantinas é a síntese do nosso presente. Estamos dormindo sobre o vulcão. Expele lava e fumaça, numa dança que escorre, não pelas fissuras da montanha, mas pelas janelas e portas de um velho edifício da Glória. No registro da projeção tem uma voz em *off*: “Uma pandemia é como um vulcão que pode entrar em erupção a qualquer momento”. Estranha evidência da intervenção. Uma nova experiência urbana se desenha na medida em que um coletivo de artistas mulheres se propõem a transformar o esvaziado cotidiano como local de afetos e emoções na tessitura social.

O som de painelas sendo tangidas soam ao fundo. Pan, pan, pan, pan, Tim, Pan, Pan, Tim Tim Tim. Estou em um cinema público. O espaço dentro da tela é algo recortado da realidade (a fachada do prédio que recebe a intervenção) e a projeção do vulcão em erupção se trata de recuperação de imagens de arquivos de uma dada realidade (de algum outro lugar, já que no Brasil não existem vulcões em atividade). Sou espectadora dessa sessão de arte ativista, e não quero sair da sala antes do final do filme. Mais do que nunca, o habitante da metrópole recorre à visão como seu sentido mais privilegiado,²⁸ afinal ele é, acima de tudo, um observador. Não que essa visão seja certa, ou dominante. Talvez possa ser uma viagem interna.

O ser humano como a medida do mundo. Do lado de cá da tela, eu, testemunha da catástrofe política, social e sanitária, assim como as @_tarantinas. Elas falam da nossa situação instável que pode se tornar insustentável. Essa experiência da pandemia é uma forma de sentirmos juntos.

O país não tem um plano de ação para enfrentar essa pandemia. A fonte de informação mais confiável é a mídia. Sabe-se muito pouco sobre o vírus e quase nada sobre suas sequelas.

Sei que a contemplação é poesia, revelando e propondo interpretações,

mas neste fim do mundo anunciado seguiremos dando tempo à poesia das imagens? Elementos espaciais e sonoros, dentro e fora do quadro, que agregam um efeito de reconexão com a espuma dos dias. O som do pannelo da vizinhança do bairro me faz desejar a reinvenção do futuro do qual as @_tarantinas nos convocam a ocupar. Um ato de projeção corajoso que me desafia e nutre.

28. BAUDELAIRE, Charles. O pintor da vida moderna. In: Filosofia da imaginação criadora. Petrópolis: ed. Vozes, 1993.

29. Declaração do coletivo postada junto da ação de intervenção do dia 11/04/2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-5qD2YHDbF/>. Acesso em 11/09/2022.



Projeção/frame da Intervenção de 12/04/2020. Bairro da Glória. @_tarantinas

O vulcão irrompe porque uma situação que parecia relativamente instável se torna, de repente, insustentável. @_tarantinas²⁹

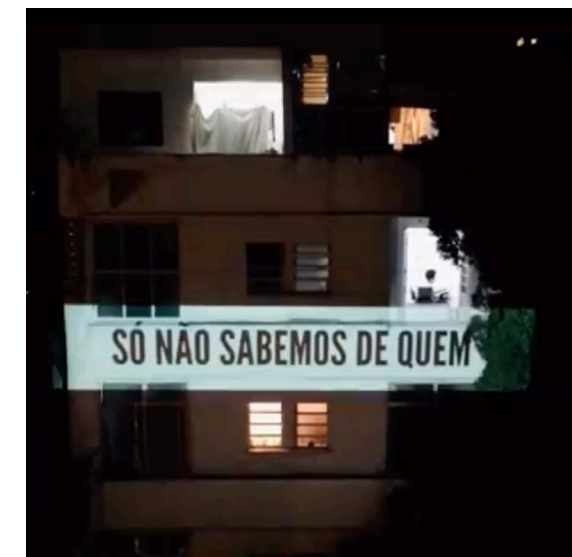
17 de abril

Passei mal a noite inteira, com febre. Muito medo de ir até uma emergência.

A ameaça do vírus talvez incentive novas formas de solidariedade, enquanto cobramos do governo atitudes urgentes, mas o sentimento é de desamparo. As @_tarantinas projetam a surreal frase do vice-presidente da República: *Tudo sobre controle, só não sabemos de quem.*

Certamente esse governo não está interessado em proteger seus cidadãos.

O que vale é a economia. DESMORONAMENTO. O Brasil vai mal. Não há testes. Falta material para as equipes de enfermagem na linha de frente. Faltam respiradores, leitos e medicamentos. E sobra cloroquina, medicamento-*fake*, sem provas de eficácia. Em plena crise sanitária, o presidente demite o ministro da saúde por discordar das medidas de isolamento social defendidas por este. E pouco a pouco novas palavras vão surgindo no léxico midiático da quarentena: telemedicina, negacionismo, *lockdown*, *homeoffice*, *Cloroquiners*, *Quarenteners*, *achatar a curva*. O pico da pandemia é anunciado por cientistas e pela mídia, mas o Governo Federal tem feito muito pouco para prevenir o caos.



Projeção/frames da Intervenção de 17/04/2020. Bairro da Glória @_tarantinas

A quarentena anunciada já ultrapassa os 40 dias, e o tratamento dado à pandemia pelo governo do Brasil segue caótico. Minha escrita é factual, perto das coisas. O projeto do diário transforma-se lentamente num “eu-muitas-tarantinas”. Acredito que o ato de crítica [arte?] se prende também com afeto. Uma historiografia dos atos menores, atos falhos, dos vencidos.

As palavras-imagens projetadas adquirem implicações discursivas. Fazem parte de um discurso político mais amplo, e se chocam quando o centro da ação é deslocado da projeção na empena para a ação que acontece em tempo real. Sobre a fachada de um edifício colonial rosa no bairro da Glória, as @_tarantinas projetaram frases que naquele instante funcionam como uma legenda, uma sinopse da história que incomodamente cabe ali.

Nesse momento em que estamos limitados a nossas casas, janelas e corredores, será que existe um espectador disposto a friccionar a vida? O outro que vê, espectador do espaço público, permanece oculto, fora do enquadramento.³⁰

Talvez a pandemia seja a brecha no tempo para recuperar essa relação entre o sujeito e o mundo, entre o sujeito e a cidade, entre o sujeito e o sujeito..., mas quem são os vizinhos-espectadores? A identidade de quem olha não é a de um espectador específico. Pode ser simplesmente alguém que escolheu o mesmo bairro que você para viver. Toda obra tem seu público e toca diretamente na questão de como o artista se relaciona com seu tempo.³¹

Será que os vizinhos-espectadores também batem em suas painéis as 20:30 pelo #Fora B.? Ou é daqueles que penduram a bandeira do Brasil na janela? [aliás essa apropriação simbólica tem sido uma das coisas mais horríveis que tenho presenciado, e me parece que é algo sem volta.]

Posso falar da minha experiência como espectadora virtual, disponível para escutar e ver, mesmo a 3 mil km do território do bairro da Glória. O trabalho de intervenção no espaço público realizado pelo coletivo não nos permite apontar espectadores que vivenciam a experiência. A ação é efêmera,

30. Deutsche (2018) fala de um espectador correspondente àquele cinematográfico, que permanece fora dos limites da imagem, existe uma condição física em ambas situações, que diz respeito a presença daquele que vê e do confronto que ali se cria.

31. A percepção que um artista tem das coisas, por mais complexa ou refinada que possa ser, está destinada a encontrar um público por menor que este seja, estaria em perfeita sintonia com a obra. (TARKOVSKI, 2010, p. 200).

32. Informação verbal. KLEIN, Naomi. *Construindo movimentos*. Live organizada pelo Rising Majority. abril 2020.

mas a experiência está também acessível no espaço híbrido que conecta o físico e o virtual.

Leio os comentários nas redes sociais a partir do material de registro da intervenção dessa noite, alguns espectadores reagem por escrito. O lugar da projeção articula a prática artística e a midiática, seus aspectos poéticos, sua efemeridade. Minha reação não é pública, as imagens não são minhas, mas certamente desperta minha revolta silenciosa. Preciso encontrar formas provisórias, movimentos não alienantes. A projeção contrasta com a inserção em tempo real do entregador que vai fazer seu trabalho de “serviços essenciais”.

Parece combinado, mas a ação de hoje só reforça essa realidade: a pandemia não criou oportunidades, e quando a vida voltar ao “normal”, como vamos lidar com essa nova forma de existir? Urgências unem pessoas. Na crise não existe glamour. Quando a crise, presenciada ou percebida ocorre, ela produz mudanças reais, mas depende de quais ideias existem por aí.³²



Projeção/frames da Intervenção de 18/04/2020. Bairro da Glória. @_tarantinas

25 de abril

Hoje em Portugal comemoram o dia da liberdade, a revolução dos cravos, celebram a democracia e a população aderiu às regras rígidas de confinamento e restrição de circulação mantendo baixos índices de contaminação. Penso nos amigos que migraram e estão por lá. Escolhas. Já aqui... seguimos em meio à crise sanitária, 3.670 mortes confirmadas. Um levantamento indicou o Brasil como um dos países que menos realiza testes para o coronavírus. Quem tem estômago para seguir o noticiário ganhou uma tensão extra. Mais uma crise política instaurada. O Ministro da Justiça, S. Moro, da Lava Jato, pediu demissão do cargo acusando interferência política na Polícia Federal. Já vai tarde... O dólar disparou.

29 de abril

Os dias começam cada vez mais silenciosos. Temos todo o tempo do mundo. Meu despertador é o tilintar dos sinos das vacas lá embaixo. Sou espectadora também do que se passa fora da minha janela. Ou agora sou ainda mais. Será o efeito das @_tarantinas? Vejo uma imensa faixa de verdes, ondulada, cortada por um pequeno rio, alguns pastos alagados, pequenas estradas de terra, picadas no mato, caminhos de boi, cercas de varas. Uma linha de alta tensão desenha com seus cabos um tracejado na paisagem. Um coqueiral margeia uma parte do rio. À esquerda um residencial em estado de abandono. Passeio. Rebecca Solnit foi a mulher que me apresentou a caminhada como um dispositivo maior do que político e estético. Já conhecia a deriva, os Situacionistas, as passagens de Walter. Mas foi lendo a história do caminhar que me conectei com o pensamento de Solnit. *Wanderlust* é um livro que chegou em um momento importante da minha vida, de tomada de decisões, caminhos, posições. Caminhar e pensar possuem uma relação profunda. A mente é uma espécie de paisagem, e caminhar é uma maneira de percorrer um pensamento novo.³³ Tenho saído para caminhar quase que diariamente. Às vezes caminho pelo bairro fantasma, outras vezes pela praia quando a maré baixa. O bairro em que vivemos é zona limítrofe com uma área de lançamento de foguetes, que mesmo inativa há muitos anos mantém avisos de perigo de morte em um muro meio cenográfico construído sobre

33. SOLNIT, Rebecca
*Wanderlust: a history
of walking*. New York,
Editora Penguin, 2001.

uma duna. Pouca gente respeita o tal aviso, eu inclusive. Sempre vejo pegadas de gente e de animais quando vou para o outro lado do muro. A caminhada que mais me apetece dura 1 hora e meia e vai até a falésia vermelha, pela praia. É o tempo perfeito para conversar com minhas ideias e pensamentos.

Estamos em uma zona de divisa de municípios que tem um pouco de mar, de mata, casas de veraneio e prédios antigos, agricultura familiar, muitos lotes vagos e manchas de gente ocupando esse espaço em granjas e pequenas vilas de casas. No horizonte vejo a coroa de areia avermelhada de algumas dunas e uma torre de observação. Ela faz parte do complexo penitenciário de Alcaçuz. Construído sobre uma imensa duna, a maior penitenciária do estado é famosa por suas rebeliões e fugas. Passeio com o meu olhar. Muita gente dá notícia de fugitivos e de seus rastros pela redondeza. Nunca encontrei com nenhum, mas quando sinto cheiro de fogueira, imagino que estejam escondidos no meio da mata, esperando o momento de seguir. É desse local assimétrico que escuto o mundo. Não esperar que alguém lhe diga o que deve fazer... A potência de afetar e ser afetado. Temos motivos coletivos e pessoais para me/nos revoltar. Passeio com o meu olhar.

30 de abril

A ação de hoje das @_tarantinas responde à notícia da nossa não- produtividade com humor e ironia. Assisto essa intervenção sem título, mas bem poderia se chamar *Greve das Mulheres*. A projeção elenca homens-filósofos, homens- cientistas, homens-revolucionários que produziram importantes contribuições e questiona: O homem que faz ciência, faz faxina? Fico pensando se Freud sabia onde guardava as vassouras e a escovinha de lavar privada na casa dele. A filósofa Silvia Federici alertava em seus textos nos anos 70, da necessidade de uma greve de mulheres para discutir as questões do trabalho assalariado, do trabalho doméstico e do capitalismo. Tanta água passou debaixo dessa ponte, e o patriarcado continua vibrando e se perpetuando nas mais diversas esferas da vida. Talvez seja realmente o momento de ativar e atualizar o debate na nossa bolha pandêmica.³⁴

34. *Eles dizem que é amor, nós dizemos que é trabalho doméstico não pago*. Federici (2019) aponta que se olharmos o trabalho doméstico sob uma perspectiva política isso produzirá uma revolução no poder social das mulheres. Esse trabalho foi transformado em um “atributo natural da personalidade feminina, em vez de ser reconhecido como trabalho”.

35. Ricardo Basbaum (2007) observa que nas práticas artísticas contemporâneas, os enunciados e as visibilidades confrontam-se no mesmo tempo e espaço. A palavra migra para dentro da obra, e menciona o gesto ver-ler do espectador como algo que mobiliza.

36. Disponível em: <https://www.thelily.com/women-academics-seem-to-be-submitting-fewer-papers-during-coronavirus-never-seen-anything-like-it-says-one-editor/>. Acesso em 15/02/2022.

37. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2020/10/4883191-feminicidios-crescem-durante-a-pandemia-casos-de-violencia-domestica-caem.html>. Acesso em 14/02/2022.

38. FEDERICI, Silvia. Entrevista em 14/10/2019. Portal Geledés. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-que-eles-chamam-de-amor-nos-chamamos-de-trabalho-nao-pago-diz-silvia-federici/>. Acesso em 14/02/2022.

39. Trecho de depoimento do coletivo na postagem do dia 30/04/2020. Disponível em https://www.instagram.com/p/B_oAzqzJzif/. Acesso em 14/02/2022.

Engajar a percepção do espectador é o resultado da articulação da prática artística da intervenção e sua proposta visual. O uso da palavra como dispositivo gráfico é um dos elementos determinantes que termina por mobilizar esse público.³⁵

A projeção do coletivo amplificou de forma biônica uma constatação antiga, mas com dados da conjuntura recente: mulheres estão submetendo menos artigos desde o início da pandemia de Covid-19.³⁶ A divisão do trabalho doméstico não tem sido nem de perto igualitária. Estamos todos confinados, mas... cuidar da casa, da alimentação, das crianças, da rotina da família: a sobrecarga ficou clara, pois muitas de nós não temos companheiros que enfrentam essas tarefas de frente. Precisávamos de uma pandemia para ter certeza destes dados? Tantas décadas de luta feminista, de mobilização, de vontade construtiva nos deu uma falsa sensação de que, pouco a pouco ocuparíamos verdadeiramente outros espaços. A pandemia nos mostrou que não. O trabalho doméstico, invisível, continua sem valor. A relação entre pandemia, trabalho doméstico, violência doméstica e patriarcado é direta. Dentro da mesma conjuntura aparece outra situação divulgada na mídia recente, que aponta o aumento de casos de feminicídio e da subnotificação de violência doméstica no Brasil.³⁷ Federici diz que muito da violência doméstica está relacionada ao trabalho doméstico, pois se a casa não está limpa, a comida não está boa, as crianças estão fazendo barulho... a mulher não quer fazer sexo... A violência é institucional, subjuga o trabalho não pago da mulher e o trabalho assalariado dá poder ao homem que “supervisiona” o trabalho doméstico.³⁸

Uma revolta pode ser algo barulhento ou silencioso, coletivo ou pessoal, que busca uma mudança do que já está estabelecido, um processo catártico de finalmente expelir sentimentos de repressão, e as @_tarantinas sabem tornar visível uma crítica urgente, colocando em palavras e imagens suas posturas, como aqui, onde a urgência de uma fala anticapitalista, antipatriarcal e o chamado à luta feminista nos convidam para uma ação construtiva real, para criar espaços de troca, para, sim, fazer pequenos [mas não insignificantes] movimentos.



Projeção/frames da Intervenção de 30/04/2020. Bairro da Glória. @_tarantinas

Maió-

Espaço público, urbe,
cidade

40. “O espaço é um cruzamento de móveis... O espaço estaria em relação ao lugar da mesma forma que a palavra quando é pronunciada... Em suma, o espaço é um lugar praticado”. (DE CERTEAU, 1990, p. 172).

41. O bairro da Glória é “o retrato panorâmico do Brasil... as fronteiras culturais e sociais se misturam. Ali se localizam camadas de história que precedem as primeiras caravelas... é um arquivo a céu aberto” PEREIRA, Margareth. Informação verbal. In: Visões da Glória. Disponível em: <https://ogloria.art.br/visoes-da-gloria>. Acesso em 14/02/2022.

1 de maio

Espaço e lugar são coisas distintas, espaço é um lugar praticado, ensina Michel de Certeau.⁴⁰ Poderemos pensar numa prática de resistência, espaço de ação e revolta política neste momento?

As ações de intervenção do coletivo parecem acontecer em duas cidades muito diferentes, Rio de Janeiro e Natal. As características, condições e tensões de cada lugar são parte da lógica da intervenção.

Existe arqueologia presente nas fachadas do bairro da Glória no Rio de Janeiro onde as @_tarantinas projetam. As construções do bairro estão profundamente ligadas às histórias daquele lugar. Após uma breve pesquisa assombro-me com as camadas acumuladas naquele território. Séculos de disputas, guerras, conspirações e militância.⁴¹ Já a cidade de Natal, desagregada por uma rodovia, sempre me pareceu uma cidade estranha. A cada vez que se convocam manifestações de rua, o ponto de encontro é diante de uma antiga fábrica têxtil transformada em shopping center. A cidade vem sofrendo uma verticalização radical nos últimos 15 anos. Os bairros de Petrópolis e Ponta Negra vão perdendo sua identidade enquanto os edifícios residenciais estão cada vez mais altos, e as pessoas, cada vez mais isoladas.

O coletivo inscreve a cidade na projeção e atua na realidade das cidades. Uma realidade física e ao mesmo tempo imaterial. Uma realidade habitada, imbricada com a experiência interpessoal do cotidiano pandêmico das integrantes do coletivo @_tarantinas. Parece que existe aqui uma outra forma de narrar, de verbalizar a história de uma época. A paisagem ocupada pelo cinema público das @_tarantinas é o lugar da experiência, e hoje elas nos chamam para experimentar o que estão dizendo. Gosto dessa forma de contar histórias. As empenas dos bairros da Glória e dos bairros Petrópolis e Ponta negra em Natal viram tela para a crítica à lógica do capitalismo, do patriarcado, da crise sanitária, que se transforma em verso, oferecendo uma nova ocupação de território.

4 de maio

I'm still alive, projetam as @_tarantinas. A intervenção de hoje é incômoda e arrebatadora. Em meio à pandemia, estamos vivos, porém presos em uma espécie de ficção distópica. Pessoas estão morrendo porque seus corpos não resistem e não há vagas nos hospitais. O vírus dizima vidas e elimina o espaço social mais vital e democrático de nossas vidas - as ruas.

Lembrou-me o potente trabalho de outro coletivo, o Claire Fontaine.⁴² Percebo que intencionalidade e significado são características comuns na narrativa insurgente de ambos coletivos. Acompanhar o percurso das ações urbanas das @_tarantinas em um momento histórico apavorante é compartilhar a verve de que precisamos agir diante de tudo.

42. Menção ao trabalho do Claire Fontaine, que mistura ativismo político e formas minimalistas. Questionam a incapacidade política no contexto do capitalismo tardio ao se declararem artistas em greve. A série de neon *Foreigners Everywhere* leva o nome de um grupo anarquista de Turim, que luta contra o racismo. O coletivo se apropria da frase e a transpõe em neon para invadir espaços urbanos e espaços de arte usando os códigos de comunicação e consumo para melhor criticá-los. Disponível em <https://pomeranz-collection.com/?q=node/55>. Acesso em 14/02/2022.



Projeção/frames da Intervenção de 04/05/2020 Natal RN @_tarantinas

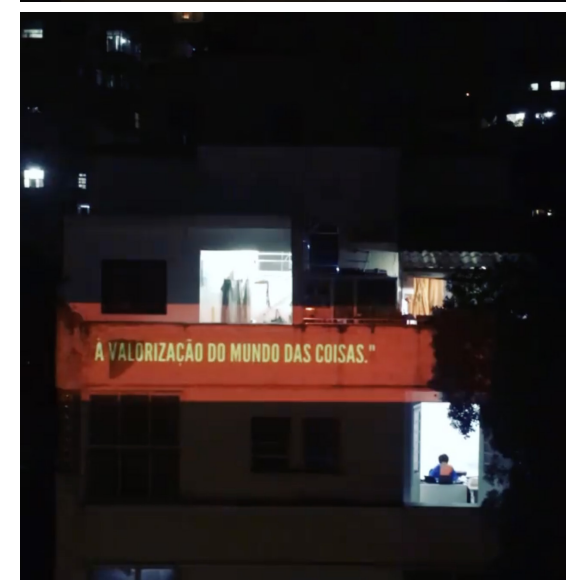
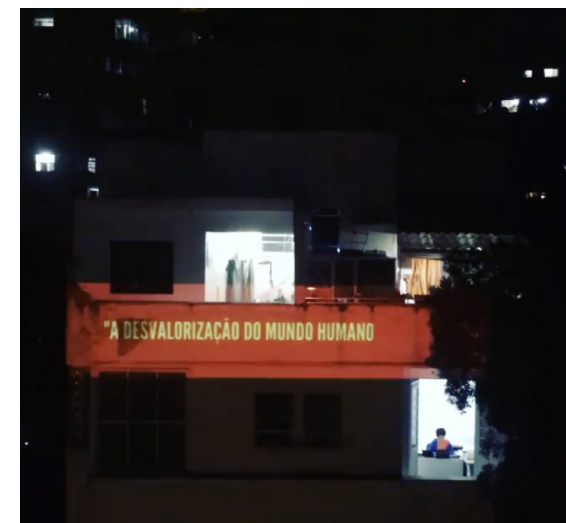
5 de maio

Entramos no terceiro mês “oficial” do surto da Covid-19. Um *lockdown* indefinido com um governo que está mais preocupado com a economia do que com a vida dos cidadãos. “Como chegamos até aqui?” questiona o jornalista Mike Davis. Ele fala do contexto norte americano, que assim como nós, neste momento, é governado por um louco neoliberal negacionista. Obrigar milhões de trabalhadores a voltarem para seus trabalhos sem proteção ou testes é uma sentença de morte.

A intervenção desta noite imprime justamente esse sentimento – o ser humano perdeu seu valor. As @_tarantinas recuperam o pensamento de Karl Marx, que diz: “a desvalorização do mundo humano, aumenta em proporção direta à valorização do mundo das coisas”. Quem precisa de um novo sapato na pandemia? E para que tantas roupas no armário?

No último réveillon, enquanto celebrávamos a virada de um novo ano, médicos chineses notificaram colegas ao redor do mundo de um rápido crescimento de pneumonia aguda ao redor da cidade de Wuhan, resultante de um vírus até então desconhecido.⁴³ Parece cena de mais um filme catástrofe, mas foi o que aconteceu.

43. DAVIS, Mike. Voltar ao trabalho sem proteção ou testes será uma sentença de morte. Disponível em: <https://jacobin.com.br/2020/05/mike-davis-voltar-ao-trabalho-sem-protexao-ou-testes-sera-uma-sentenca-de-morte/>. Acesso em 12/05/2020.



Projeção/frames da Intervenção de 5/05/2020. Bairro da Glória. @_tarantinas

Neste momento, gosto da cidade vazia, mesmo que ela se pareça com um museu cheio de obras de arte, fechado. As cidades são invenções.⁴⁴ O significado de espaço é mais abstrato que o de lugar. Gosto da imagem do lugar que se forma na pausa. Então hoje a experiência foi andar mascarada por um bairro que não conheço. Uma sensação muito estranha e ao mesmo tempo prazerosa. Atravessei a ponte alta, e lá de cima percebi que a cidade é um corpo que não para de crescer, engolindo tudo em seu caminho.⁴⁵ A pandemia restringiu muitos trabalhos, mas incrivelmente a construção civil não parou (ou só parou por falta de material). A cidade fantasma continua em construção. O registro de nossa presença no mundo vai além de um lugar. Os sobrados estão em ruínas e a especulação imobiliária já tem tudo arquitetado.

Lugar, tempo e uso de energia.

Lugar concebido= cidade.

Lugar percebido= o uso que fazemos dela.

Investigo a questão da temporalidade. Do ritmo. Tun Tan Tiiimm tun. Batemos painéis mais uma vez. Lefebvre nos fala de repetição, identidade e diferenças dentro de um tempo.⁴⁶ Afirma que em todas partes onde há uma interação entre um lugar, um tempo e uso de energia, aí está o ritmo. E para que haja mudanças, um grupo deve intervir para imprimir um ritmo de uma época, seja de forma insinuante ou pela força. Seus atos devem inscrevê-los na realidade. Esse agente de mudança pode ser uma classe, uma casta, um coletivo... De certa maneira, as @_tarantinas seguem o fluxo quando tratam de discernir a armadilha do presente que “se dá como presença”, dos efeitos dessa presença. As ações de intervenção politizam o espaço urbano na busca de afetar e ser afetado. As projeções sobre a cidade possuem um ritmo próprio, temporário.

44. TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. Londrina: Eduel, 2015.

45. “O choro de uma metrópole é uma coisa sem fim, ela não encontra consolo em nada. Ela mesmo se consola, ri de si mesma ao ver seu corpo espelhado no céu, um corpo que não para de crescer, um ser engolindo tudo que encontra em seu caminho. Coisas infinitas não tem consolo”. Guimaraes, Cao. *Histórias do não ver*. Rio de Janeiro: Ed. Cobogó, 2019.

46. Menção ao conceito de ritmo análise, tratado em profundidade por Lefebvre e que nos dá pistas de como proceder para captar o ritmo, sugerindo uma espécie de meditação sobre o tempo, sobre a cidade e sobre as pessoas. LEFEBVRE, Henri. *Ritmo-Análisis*: Espacio, Tiempo y Vida Cotidiana. Nova York: Ed. Continuum de Val, 2004.

Hoje caiu o segundo ministro da Saúde em meio a pandemia do Covid-19. No Brasil há mais de 200 mil infectados e 14 mil óbitos registrados, e o presidente B. persiste em contrariar a ciência, levando adiante o discurso negacionista e pró-cloroquina. Um militar vai assumir o Ministério e seguir com a política pró-reabertura da economia. Vem aí um novo protocolo de saúde. Necropolítica. Estamos à deriva, mas seguimos gritando de nossas janelas: Genocida! Pan, pan, pan, pan, Tim, Pan, Pan, Tim Tim Tim. Ficar em casa é a campanha que o Governo Federal deveria encabeçar, mas ironicamente ele prefere medicar a população com sintomas leves da doença com um remédio sem eficácia comprovada. Protozoário, vírus... tudo igual.

Desobediência civil é ficar em casa, projetam as @_tarantinas.⁴⁷

Vários artistas, coletivos e instituições não governamentais se mobilizam em campanhas do #ficaemcasa por todo o país, na tentativa de alertar a população sobre o poder transmissível do vírus e a necessidade de isolamento. Por que é tão difícil fazer com que as pessoas entendam que nosso labirinto caseiro pode nos salvar? No presente, o distanciamento é uma forma de aproximação.⁴⁸ O coletivo usa a cidade como linguagem, endereçando suas imagens a quem esteja disponível a recebê-las de suas janelas.

A empena cega, a fachada do edifício, a platibanda, o pórtico, a vista da janela têm sido o novo *site-específico*⁴⁹ do artista confinado. As @_tarantinas exercitam desejos, insubordinações e ativam sua narrativa usando a estratégia da projeção sobre a textura urbana, procurando formas de ali destacarem sua narrativa.

47. Menção ao ato de resistir, ao qual para se concretizar devemos desobedecer, ou ao menos nos guiar por nossa intuição. Não é possível outro tipo de democracia? Pergunta Thoreau (2012). “As leis injustas existem. Deveremos nós contentar-nos com obedecer ou devemos antes fazer tudo para emendarmos? Deveremos cumpri-las até conseguirmos emendá-las ou deveremos transgredi-las sem mais?”

48. Sobre o distanciamento social, Berardi (2020) conta que, “o mais difícil é como perceberemos o corpo do outro na rua, no café, na cama. É provável que saíamos do distanciamento social com um medo instintivo do corpo do outro”.

49. Menção à proposição de Jorge Menna Barreto que oferece um entendimento distinto para *site específico*, não como categoria, mas como uma metodologia artística realizada em cinco etapas: escolha do site, escuta e mapeamento, identificação de um problema, construção da obra e fissuras. MENNA BARRETO, Jorge. *Exercícios de Leitoria*. 2012. Tese. (Doutorado em Artes Visuais) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.



Projeção/frame da Intervenção urbana 15/05/2020. Bairro da Glória. @_tarantinas

16 de maio

Acordei reflexiva. Saudades de lugares em Belo Horizonte, São Paulo, Havana, e até Timphu, onde nunca estive, mas gostaria de ir. Viajo como o viajante em *Cidades Invisíveis* de Calvino. A crítica de arte e curadora Lucy Lippard define o lugar como uma porção de terra/cidade/paisagem vista de dentro, uma ressonância de uma localidade específica que é conhecida e familiar. Lugar “como componente geográfico de uma necessidade psicológica de pertencer a algum lugar, um antídoto a alienação dominante.”⁵⁰

50. LIPPARD, Lucy. *The lure of the local: senses in a multicentered society*. New York: New Press. 1997.

Tempo tão estranho que estamos vivendo. A intervenção audiovisual nas cidades talvez recupere aquele tempo contemplativo que a vida contemporânea extinguiu. A pandemia tem sido um verdadeiro laboratório para a humanidade, e o território urbano, ajustado aos novos modos, permanece talvez ainda como local de resistência, espaço de ação e revolta política.⁵¹

51. HARVEY, David. *Cidades rebeldes - do direito à cidade à revolução urbana*. Ed. Martins Fontes. 2014.

18 de maio

Lugares públicos. Pan, pan, pan, pan, Tim, Pan, Pan, Tim Tim Tim. Apesar dessas projeções acontecerem no dito espaço público, terão elas o atributo de interesse público? O que significa o espaço ser “público” – o espaço de uma cidade, edifício, exposição, instituição ou de uma obra de arte?⁵² Busco no caderno anotações sobre isso. Rosalind Deutsche evidencia que o modo como definimos o espaço público está intimamente conectado a ideias sobre o que significa ser humano, a natureza da sociedade e o tipo de comunidade política que queremos.

52. DEUTSCHE, 2018, p.117

Fazer o invisível visível nestes lugares permite demonstrar a necessidade, o interesse, e os termos de luta que o artista ativista se propõe mobilizar.

Estamos organizando uma coleta entre amigos de computadores, tablets e celulares para doar para crianças da comunidade. As escolas permanecem fechadas e algumas estão se organizando para oferecer aulas online, mas e os alunos como vão acessar? A internet hoje é artigo de primeira necessidade, e não estamos vendo nenhum tipo de organização digital

para que as pessoas possam acessar. Ela não é um espaço público, uma vez que exige uma senha, um acesso. Esse apagão na educação é muito grave e vai refletir durante muito tempo.

20 de maio

E quando o humano se ausenta?

Vi a imagem de um grupo de cervos andando por uma cidade vazia no interior do Japão. O geógrafo Yi-Fu Tuan nos diz que a cidade é o único ambiente criado exclusivamente para uso humano.⁵³ A quarentena isolou os seres humanos e encorajou os animais silvestres a circularem por cidades desertas em vários lugares do mundo. Eles estão explorando o urbano ou simplesmente retomando o espaço roubado deles? O bicho homem, agressivo, caçador, poluidor é a paisagem do medo para os animais. Na ausência do humano, os bichos tomam coragem e se movimentam. Perto de casa temos visto um casal de raposas circulando em plena luz do dia. Fico feliz em vê-las, mas acho que a recíproca não é verdadeira. Hoje eu desenho o cheiro das árvores, como diz Manoel de Barros.⁵⁴

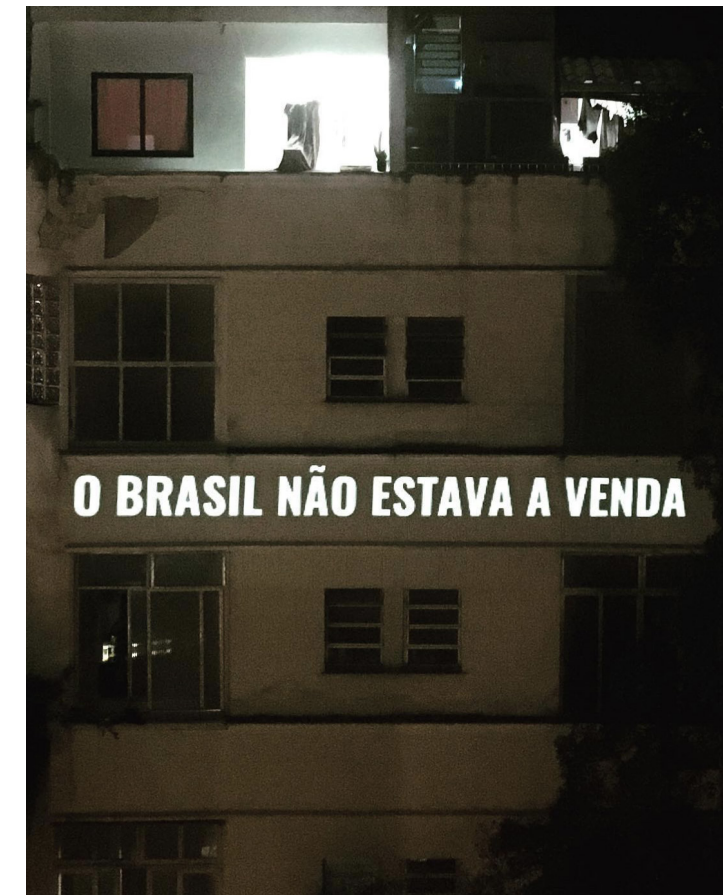
22 de maio

Por decisão do STF, veio a público o vídeo da reunião entre B. e seu ministério terraplanista. Uma demonstração de autoritarismo, posturas de desrespeito e negacionismo. O Brasil está afundando em plena crise sanitária, e o presidente fazendo discurso pró-armamento da população.⁵⁵ *O Brasil não estava a venda/ no entanto venderam o Brasil* – projetam esta noite o coletivo @_tarantinas.

53. TUAN, Yi-Fu. Lugar: uma perspectiva exponencial. *Revista Geograficidade*, v. 8 n. 1, 2018

54. BARROS, Manoel. Uma didática da Invenção In: *O livro das ignoranças*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.

55. Trecho em vídeo da reunião disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=D6Jw_GVWu0E. Acesso em 12/10/2021.



Projeção/frames da Intervenção urbana 22/05/2020. Bairro da Glória. @_tarantinas

27 de maio

Das nossas estreitas janelas só vemos o que o enquadramento nos permite. Estamos limitados pela mídia, pelos governos, pela cibervigilância. Que espaços ocupamos? Que parte de nós estamos deixando para trás? Somos milhões de pessoas encapsuladas no isolamento: costureiras, professoras, barbeiros, cozinheiras, taxistas, artesãos, estudantes, cineastas, poetas. Penso na vizinha do bairro da Glória, que estuda à noite, provavelmente trabalhando em sua tese... será que o afastamento social foi bom ou ruim para sua escrita? Será que ela conseguiu coletar dados, acessar bibliotecas virtuais? Ou será que teve que abandonar suas ideias iniciais e construir outra pesquisa? As @_tarantinas projetam em letras maiúsculas: *A educação destrói mitos* e celebram a tese da vizinha. A esperança é um músculo.

Espaço público é uma invenção da democracia, onde normalmente se reconhece a legitimidade do debate sobre o que é legítimo e ilegítimo.⁵⁶ No Brasil, os artistas que ocupam esses espaços convivem com a repressão e a admiração, potencializando a criação de um espaço político. Espaço público não significa acesso ilimitado. A cientista política Chantall Mouffe entende o espaço público como local de conflito, onde não há possibilidade de consenso.⁵⁷ O espaço privado, por sua vez, legitima uma postura, um grau considerável de interesses, onde o debate é restrito.

56. DEUTSCHE, 2018, p. 120.

57. MOUFFE, Chantal. *Práticas artísticas y democracia agonística*, Barcelona: MACBA/UAB, 2007.



Projeção/frames da Intervenção urbana de 27/05/2020. @_tarantinas

Junho- Coletivo

A arte colaborativa oferece um caminho para ampliar e arraigar nossa escuta.

1 de junho

Refletir sobre o trabalho de arte coletivo é resgatar experiências pessoais no cinema e no ativismo, vivências das quais estive próxima. Fazer coletivamente implica em estar aberto para nos ouvir e sermos ouvidos. O fazer coletivo é dar espaço para essa escuta e entender como essa escuta transforma nossa forma de viver com toda sua potência. O fazer coletivo é político porque envolve a participação do outro, a incorporação de ideias para um fluxo comum. Penso na etimologia da palavra consenso, que tem raiz no latim *Consentire*, que significa experimentar junto, sentir junto. Então, o trabalho de arte coletivo tem essa característica em que os processos conduzem a uma percepção de que o trabalho pode e deve ser inclusivo, que o impulso pode nascer individual, mas a força de realizar algo é coletiva. São sistemas abertos.⁵⁸ Reencontro no percurso das projeções do coletivo uma intervenção do primeiro mês da pandemia, *Sozinho, a gente não é nada*, que reverbera reflexões sobre a arte colaborativa.

58. Menção a proposição de André Mesquita sobre o fazer coletivo: “Coletivos são sistemas abertos que compartilham informação. Mesmo com formatos variados e diferentes modos de composição não estão imunes a uma condição de trabalho descontínua e instável, nem aos eventuais conflitos internos, desentendimentos de ordem política ou afetiva, dificuldades em conciliar o trabalho em grupo com carreiras individuais.” In: MESQUITA, André. *Insurgências poéticas: arte ativista e ação coletiva*. São Paulo: Annablume. FAPESP. 2011.



Projeção/frame da Intervenção urbana 30/03/2020. Bairro da Glória. @_tarantinas

3 de junho

Tela em branco. Hoje as @_tarantinas não projetaram intervenções. Sinto falta dessa conexão. Vejo fotos no jornal: um homem de macacão, luvas amarelas e enxada no ombro. Olha para a lente da câmera. Ele é coveiro, em um cemitério público em Manaus. Na frente e atrás dele, centenas de cruzeiros em madeira ocupam a linha do horizonte até encontrar a floresta. Interesse-me pela história de Marcos, o coveiro. Ele conta que o trabalho sempre foi manual, mas com a pandemia a prefeitura alugou 2 tratores. Nos piores dias da Covid, ele e os colegas enterraram 115 corpos em um dia. A média normal era de 20. Penso em seu cotidiano, da urgência avassaladora da pandemia, da história de quem foi e de quem fica.

7 de junho

A intervenção desta noite nos convida a refletir sobre o desaparecimento político. A projeção traz-me indignação e silêncio. Não escuto panelas, apenas o ruído da cidade. Nos anos 70 e 80, a ditadura militar eliminou centenas de brasileiros que discordavam do sistema. Números ocultos. Violência invisível. Um apagão de dados sobre a pandemia é a novidade do Governo, que não só decidiu suprimir informações, mas também atrasar os boletins para depois do horário do fechamento das edições dos jornais brasileiros. “O estado pode ser mais nocivo que a doença” disse o ministro demitido pelo governo por discordar sobre o uso da cloroquina. Lutamos pela preservação da vida em meio à situação de emergência sanitária mundial, e o que o sistema brasileiro nos oferece é uma omissão de dados, um apagamento de vidas que não resistiram ao vírus. São quase 50 mil vidas perdidas. Essas pessoas não tiveram a chance de discordar de nada. Simplesmente foram varridas para debaixo do tapete. Em outras palavras: se morrermos agora a gente não vira nem estatística, por esse motivo temos que resistir e denunciar. Hoje aconteceram protestos antifascistas e antirracistas em várias cidades do Brasil. Mesmo com o risco de contágio, muita gente saiu às ruas e outras foram para as janelas protestar.



Projeção/frames da Intervenção urbana 7/6/2020. Bairro da Glória. @_tarantinas

21 de junho

Ritmo. Pan, pan, Tim, Pan, Pan, Tim TimTim. Tu. Ta. Tiimmm. Novo panelaço. Corpos do capitalismo colaboram forçadamente nos grandes estaleiros de construção. Formigas? O bem maior pensado pela necessidade de preservação da vida humana.

Ações individuais só se somam quando pensadas coletivamente, projetam as @_tarantinas. Em *loop*, a intervenção em letras pretas e brancas é animada pelas formigas que se deslocam rapidamente sobre a superfície da coluna branca de um edifício natalense. As formigas são ágeis, parecem saber o que fazer. Chamamos de “trabalho de formiguinha” aquele feito com esforço e dedicação, trabalho em equipe. Penso na história da força do formigueiro,⁵⁹ onde as formigas operárias são a maioria dentro do coletivo, são todas fêmeas, responsáveis por coletar o alimento, defender o formigueiro, cuidar dos ovos.

O tema do fazer colaborativo não é apenas auto referencial.

Na projeção de hoje o texto-imagem das @_tarantinas convoca a todos para se envolverem em torno de uma causa comum. Penso. O que tenho feito para agir coletivamente? No mundo da arte, as práticas colaborativas estão presentes principalmente nas ações dos artistas contextuais, que buscam um tipo de interação com a realidade.

59. Menção ao comentário do coletivo @_tarantinas em 21/06/20 sobre a força do formigueiro. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CBt1b_cJ167/. Acesso em 12/10/2021.



Projeção/frame da Intervenção urbana de 21/06/2020. Natal. @_tarantinas

23 de junho

O processo coletivo é uma forma de resistência. Quando uma ação coletiva acontece em um lugar [público ou não] ao qual não se é convidado, uma diversidade de reações, concordantes e discordantes, é provocada. A arte colaborativa ativista está conectada a um certo lugar e a um possível espectador dentro do cotidiano.⁶⁰

24 de junho

Véspera de São João. Festas e comemorações públicas estão suspensas por decreto. Aqui no Nordeste essa limitação atinge duramente o emocional das pessoas. Nada de fogueiras na porta das casas, nem reuniões de família. A fumaça não é bem vinda em tempo de pandemia. 54 mil mortes confirmadas por covid. Mais de um milhão de infectados no Brasil. Hoje vi nos jornais a imagem de uma nuvem de gafanhotos que avança pela Argentina. Parece que quando faz frio, os insetos não voam, e quando chega a noite eles também não se deslocam. Infelizmente com o vírus do Covid não existe essa possibilidade, ele silenciosamente se alastra sem descanso, nem trégua.

28 de junho

A pergunta abre espaço ou preenche? O trabalho de um coletivo potencializa a visibilidade e a circulação de uma prática artística. Decidir estratégias, pensar palavras-imagem que possibilitem ativar um discurso estético-político, criar junto, construir graficamente, manipular, extrair uma narrativa, multiplicar uma imagem, ser cúmplice. Tudo isso parece pertencer à dimensão do coletivo. Quando fazemos cinema... Quando projetam nas empenas. Qual é a sua tática?

O futuro será coletivo ou não será projetam as @_tarantinas. O coletivo performa uma micropolítica quando nos alerta da necessidade brutal de sairmos de nossas bolhas e agirmos. Estão narrando a história em tempo real, circunscritas a um espaço maior, que inclui não apenas o físico, mas também o virtual.

60. Menção ao modo de ativação do coletivo G.A.C. No original: "Cuando se irrumpe en el espacio público -o en cualquier otro espacio al que no se haya sido invitada/o- para accionar sobre algo que allí está sucediendo, se produce sobre los demás un extrañamiento, que trae aparejada alguna toma de decisión vinculada al tema mismo de la intervención... Existen muchas herramientas del lenguaje que la propia ciudad produce y que al ser usadas para la comunicación y no para la alienación de los cuerpos provocan lazos inusuales dentro del entorno del andar cotidiano" (G.A.C., 2009, p.174).



Projeção/frame da Intervenção urbana de 18/09/2020. Bairro da Glória. @_tarantinas

Julho-

Ativismos de ocupação

No esperes a que alguien te diga lo que se supone que tienes que hacer.

Escoge por ti. Y hazlo tú mism@. Nadia Tolokonnikova

1 de julho

Hoje foi dia de breque nos apps. As @_tarantinas projetam seu apoio à greve nacional dos entregadores de aplicativos. Os entregadores pedem aos usuários que não encomendem nada pelos serviços para apoiar o movimento. Querem assegurar o mínimo, como um almoço, manutenção das motos, material E.P.I.⁶¹

A pandemia aumentou a desigualdade social drasticamente. Com a crise, as divisões de classe explodiram. Encontro um artigo de Slavoj Žižek⁶² sobre uma nova classe trabalhadora, uma classe de super explorados do cuidado, que sempre existiu, mas que a pandemia deixou mais visível e vulnerável: faxineiras, cuidadoras domésticas, trabalhadores da construção e serviços essenciais. A realidade social de milhões de trabalhadores é ser a linha de frente do capitalismo contemporâneo. O fortalecimento das dinâmicas neoliberais é um dos efeitos da pandemia do novo coronavírus.

O que mais podemos fazer além de tanger panelas?

61. Menção à greve dos entregadores de aplicativos. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2020/07/01/e-greve-entregadores-param-hoje-e-fazem-desafio-a-economia-dos-aplicativos.htm>

62. ŽIŽEK, Slavoj. *A pandemia e a nova classe trabalhadora*. Editora Boitempo. 2020. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2020/05/01/zizek-o-1o-de-maio-em-um-mundo-viral/>. Acesso em 14/01/2022.

63. Trecho de depoimento do coletivo na postagem do dia 1/07/2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CCClHPpb8t/>.



Projeção/frames da Intervenção urbana de 1/07/2020. Bairro da Glória @_tarantinas

Quando o proletariado se junta, o burguês estremece!
Toda conquista de direitos se dá pela luta de classes! @_tarantinas⁶³

4 de julho

Uma empresa alemã começa a fazer testes de uma vacina contra o vírus. Teremos a mesma sorte que eles? Em Portugal já falam em medidas de flexibilização, e aqui a situação galopa em direção ao caos. No Rio de Janeiro, mais de 1.000 pessoas esperam por leite. Na cidade de São Paulo, avenidas estão sendo bloqueadas para endurecer as medidas de isolamento. Enquanto o governo federal não se movimenta para trazer soluções, o presidente B. acusa governadores e prefeitos de fazerem uso político da pandemia... Assisto a imagens de cidades vazias, praças, avenidas, cruzamentos. O momento é de recolhimento sim, mas não de submissão. Como ativar exercícios para uma revolta?⁶⁴

64. Menção às razões para uma revolta em outro contexto social, porém aplicável ao nosso: "O naufrágio da política, a arrogância dos poderosos, o reino do falso, a vulgaridade galopante, a exploração nua, o apocalipse ecológico - de nada somos poupados, nem mesmo de estar informados sobre isso". In: COMITÊ INVISÍVEL. Motim e destituição agora. Editora n-1, 2018.

O coletivo @_tarantinas aponta para essa forma literal de ativação, utilizando dispositivos distintos das Pussy Riots, [as brasileiras usam projetores e computadores, enquanto as russas, microfones e caixas de som], com objetivos bem próximos: amplificar a voz. O pacto do artista ativista é transpor. Ações estético-políticas existem como possibilidade de estabelecer relações.⁶⁵

65. Menção a Tolokonnikova (2018, p. 70). No original: "Lo mágico del arte es que eleva y amplifica tu voz; algunas veces, de forma literal, con un micrófono y altavoces. El arte es una máquina de hacer milagros, nos abre a realidades alternativas, algo que resulta muy útil cuando nos hallamos ante las crisis y la abundante falta de imaginación política que nos rodea".

O ativismo une as pessoas pelas urgências.⁶⁶ Lembro-me da projeção de 3 de abril: *Do que você precisa? Em que mundo você quer viver? As @_tarantinas fazem ativismos para se conectarem às pessoas. Projetam mensagens com intenção. Um convite para estarmos inteiramente presentes. O ativismo delas é uma oportunidade de nos reconectarmos com nós mesmos, com a arte e uns com os outros.*

66. Uma ação estético-política "é algo que quando se instaura por intermédio da ação, adentra uma zona de indiscernibilidade, uma zona de risco, que não nos permite saber de fato do que se trata: arte ou protesto? arte ou crime?...uma ação estético-política é borda, fronteira de risco, abismo". COLETIVO 28 de maio (i.e. Jorge Vasconcellos e Mariana Pimentel). O que é uma ação estético-política? (um contra manifesto). Revista Vazantes, Volume 1. no. 1. Programa de Pós-Graduação em Artes. Universidade Federal do Ceará. 2017.



Projeção/frames da Intervenção urbana de 03/04/2020. Bairro da Glória @_tarantinas

8 de julho

Levamos meses trancados em casa, imaginando essa revolução anticapital. Estamos entalados até o pescoço de notícias ruins, de descaso com a saúde, com a vida, com a natureza. Nos dizem que a situação é transitória. Quanto tempo mais temos para seguir no erro?

15 de julho

Continuo pensando na arte coletiva que ocupa. Dotar de condição pública um espaço talvez seja uma boa definição de ativação de um espaço público.⁶⁷ O que ações ativistas realmente fazem? Ocupam espaços que não são realmente públicos, mas que ao final, propõe um uso distinto para ele. Esta ativação é a principal característica do modo de fazer arte ativista utilizando linguagens experimentais que autorizam potências.⁶⁸

17 de julho

No conhecido ensaio *Cavalos de Troia: arte e poder ativistas*,⁶⁹ a curadora e crítica Lucy Lippard define o artista político como aquele cujos assuntos e, de vez em quando, seus contextos refletem questões sociais, na forma de crítica irônica. Ainda na tentativa de definir artistas políticos e ativistas, acrescenta que “a arte política tende a ser socialmente preocupada, enquanto a arte ativista tende a ser socialmente envolvida”. A arte ativista não é um ismo, um gênero. Tampouco é instrumental. O poder da arte ativista é promover engajamento. As mudanças só vão acontecer se forem parte de um movimento mobilizador.

Percebo que o coletivo @_tarantinas ocupa ambas categorias. Fazem arte política, na medida em que comentam e analisam criticamente a situação política e social em suas intervenções. São ativistas porque produzem arte dentro de um contexto singular, onde suas ações existem e são executadas no espaço urbano em que habitam e direcionadas para o público disponível ali.

Realizar arte ativista é conectar a capacidade de fazer com a capacidade de ver - e o seu poder para fazer que outros vejam e façam algo com aquilo que veem.⁷⁰

67. DEUTSCHE, Rosalind. Agorafobia. *Revista Arte & Ensaios*. n.36, pgs-116-173. 2018.

68. Informação Verbal. Palestra proferida por Marcelo Expósito. “A arte como produção de modos de ocupação” realizada no MUSAC, Espanha 2014.

69. LIPPARD, Lucy. Caballos de troya: arte ativista y poder. In: Wallis, Brian (org) *Arte después de la modernidade, nuevos planteamientos em torno de la representación*. (p. 343-361) Madrid: Akal arte contemporâneo. 2012.

70. Referência ao caráter propositivo da arte ativista. (LIPPARD, 2012, p.347).

18 de julho

Escrever sobre algo que estamos vivendo no contemporâneo parece simples. Diferente da escrita que demanda a energia de incorporar um conhecimento sensível e teórico. Ando às voltas com a escrita de um artigo, um ensaio pois comprometi-me a enviar para um evento acadêmico. Tento aproveitar o isolamento, mas não consigo desconectar das demandas da casa, do filho, de desinfetar as compras, de alimentar o gato, de cuidar das plantas. Vou procrastinando e parece que não tenho limite. No começo da pandemia tive a sensação que após aquela freada brusca do isolamento, haveria espaço para a criação. Não estou certa disso. Hoje vamos viajar pela primeira vez desde o início da pandemia. Vamos para a casa da minha sogra, em uma pequena cidade litorânea ao norte. Mudança de horizonte.

25 de julho

Como os personagens desempregados do filme de Aranoa, acordei e fui em busca do Sol.⁷¹ Subi a escada que leva ao terraço da casa da frente, me deitei no pedaço de madeira e tentei respirar, tentei meditar.

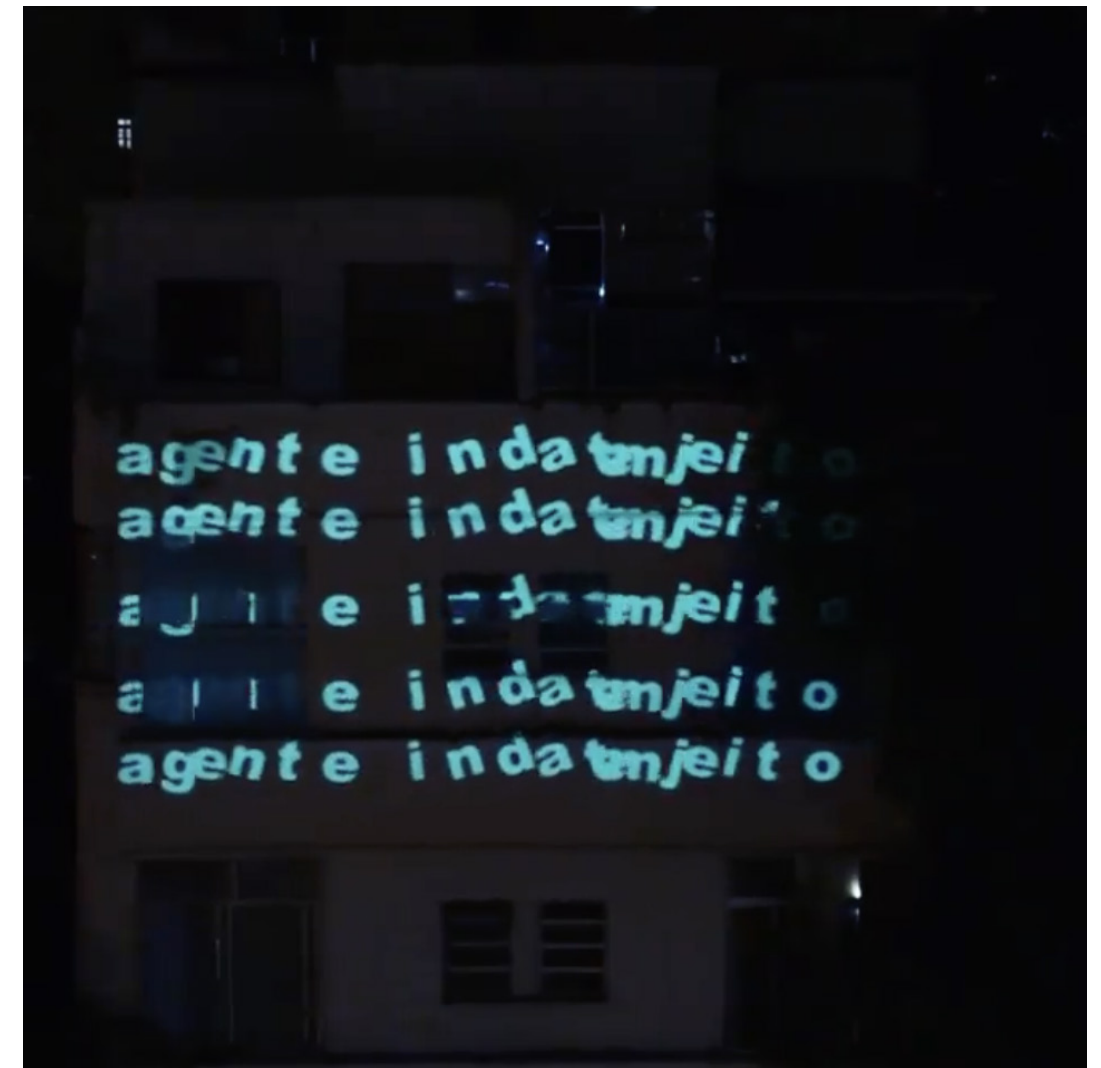
Peguei uma xícara de café, antes de desaparecer para o lado de fora. A linha do horizonte é um ansiolítico poderoso. Fiquei imóvel por um tempo, alonguei meus tornozelos e pernas. Penso na projeção das @_tarantinas de ontem à noite: *a gente inda tem jeito*. Essa mesma frase se repete em letras azuis minúsculas, dançando como uma cortina que recebe um pouco de vento.

Entendo como um convite; vamos nos reerguer.

27 de julho

Pensamento profundo número 3.743. Preciso colocar energia numa outra escrita, se quiser fazer o mestrado. O diário vai sofrer um desvio. Ou vai se tornar um diário-desvio.

71. Menção à situação de desemprego e desesperança que une quatro amigos no filme *LOS Lunes al Sol* (2002).



Projeção/frame da Intervenção urbana de 24/07/2020. Bairro da Glória @_tarantinas

Agosto-

Vozes feministas

72. Na quinta-feira, 14 de maio de 2020 o coletivo @_tarantinas escreveu: "As mulheres cuidam da casa, dos filhos, dos pais. Porque são tão poucas cuidando de países? Apenas dez chefes de estado do mundo são mulheres. Nossa última presidenta foi cruelmente impeachmentada sem crime ". Onde está nosso poder de representatividade?". E o coletivo complementa: "O golpe que deu lugar ao modelo machão populista é responsável por uma grande catástrofe... Confie em mulheres, vote em mulheres. Para que haja futuro, apoie o feminismo". Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CAMF4DGJrM5/>. Acesso em 14/02/2022.

73. HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

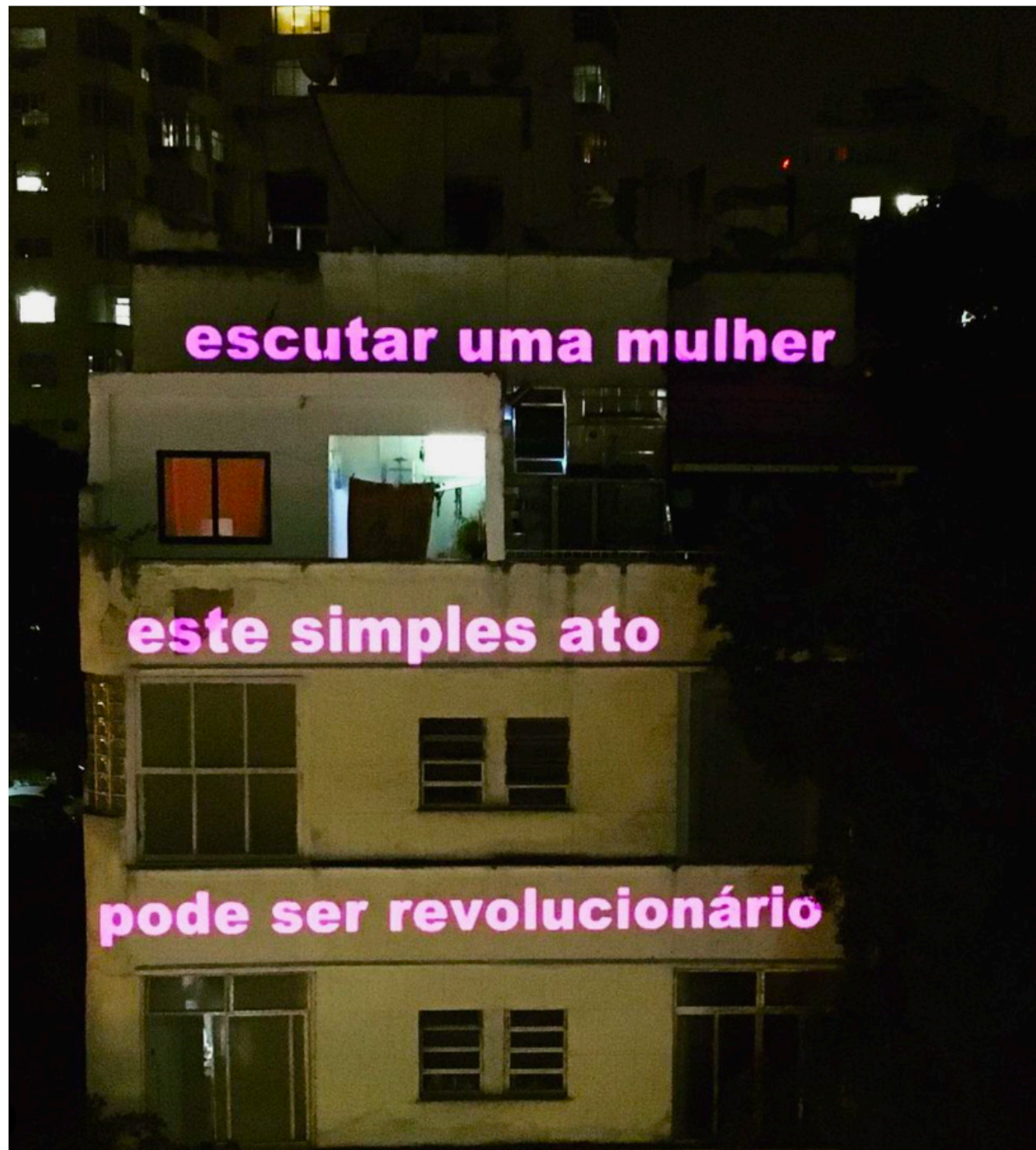
74. Estereótipos de gênero são absurdos, e para combatê-los, Chimamanda sugere que as mulheres questionem cobranças como saber cozinhar "não é algo que vem pré-instalado na vagina", e ter habilidades domésticas. Ela enumera quinze sugestões para a criação de uma criança feminista, e ao final diz que também vai tentar realizar com seus próprios filhos. (ADICHIE, 2017, p.21).

13 de agosto

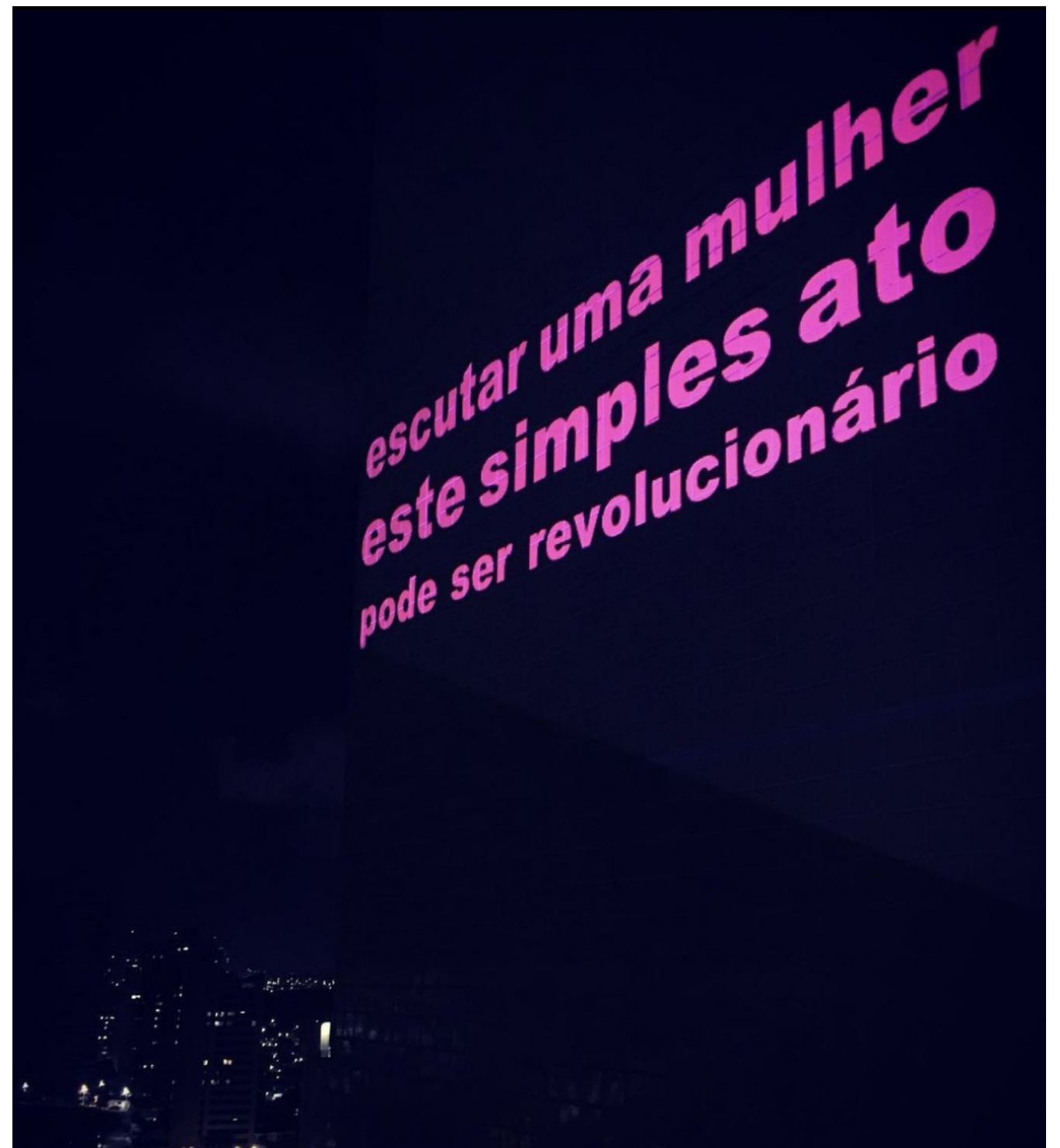
Hoje é quinta-feira, dia de projeção das @_tarantinas com pauta feminista. A ação projetada imprime em letras magentas: *escutar uma mulher/ este simples ato / pode ser revolucionário*. Escutar a outra. Escutar. Intersectar. A projeção proporciona que o pensamento feminista alcance as pessoas comuns.

O coletivo dá sua opinião e compartilha testemunhos que confirmam a fala feminista de artistas, filósofas, críticas e historiadoras. Uma vez por semana dedicam as projeções ao pensamento e à teoria feminista dentro do contexto pandêmico em que vivemos. O coletivo questiona: Como seria tratada a pandemia se o Brasil estivesse sendo governado por mulheres?⁷² A solidariedade política entre mulheres sempre enfraquece o sexismo e prepara o caminho para derrubar o patriarcado. Penso sobre a sororidade feminista, que segundo a escritora e ativista bell hooks, está fundamentada no comprometimento compartilhado de lutar contra a injustiça patriarcal, não importando a forma que a injustiça tome. Porém enquanto mulheres usarem poder de classe e de raça para dominar outras, a sororidade feminista não poderá existir por completo.⁷³

Sou mãe, filha, tia, madrinha. Vejo as projeções e penso no ato de educar. A educação feminista é um debate necessário e para todo mundo. Nesse sentido, um movimento bem endereçado está no livro *Para educar crianças feministas* de Chimamanda Ngozi Adichie.⁷⁴ No texto, adaptado de uma carta escrita para uma amiga, a autora alerta para a urgência de rever como as famílias estão criando suas filhas e filhos, pontuando a postura da mãe da criança, que antes de tudo é uma mulher, e não pode ser apagada pela maternidade. Sua teoria é que pais e mães começam muito cedo a ensinar às meninas como devem ser, com mais regras e menos espaço e aos meninos mais espaço e menos regras.



Projeções/*frames* das Intervenções urbanas de 13/08/2020. Bairro da Glória e 19/10/2020 Natal.
Série Quintas feministas. @_tarantinas



14 de agosto

Na projeção desta noite, o coletivo @_tarantinas se apropria da dinamite e da ironia de Tiravanija,⁷⁵ para quem sabe, aliviarmos o riso nervoso em meio a tanto stress.

Faço uma ponte com outro explosivo: dinamite em forma de palavra, de performance, de gesto gráfico que aparece nas ações de outros coletivos feministas latino-americanos, como o LasTesis e o Contagiamos Imágenes. Leio os manifestos e revejo algumas imagens.

O chileno Lastesis pensa que, em um cenário capitalista e neoliberal como o atual, o feminismo deve denunciar e propor. O coletivo ativa narrativas contra-hegemônicas utilizando a performance que engaja o público como estratégia de ocupação dos espaços urbanos.⁷⁶

Na Argentina, nasce o coletivo Contagiamos Imágenes,⁷⁷ que como as @_tarantinas, mobiliza-se no contexto da pandemia e produz um conjunto de ações coletivas e práticas artísticas com temáticas sobre a necessidade de construir uma justiça transfeminista, além de posicionar-se diante da pandemia e de problemáticas sociais urgentes. Utilizam uma série de dispositivos como intervenções urbanas via projeção e lambes, textos, fanzines e mobilizações de rua. O que esses coletivos têm em comum?

A diversidade de urgências vividas pelos três coletivos converge para o mesmo ponto: a necessidade de estar verdadeiramente no presente, produzindo imagens e performances que engajam pessoas a uma existência feminista responsável e atenta.

75. Menção à Rirkrit Tiravanija. Artista visual e professor.

76. O coletivo Lastesis ficou conhecido pela Intervenção urbana realizada em 4 de dezembro de 2019, no estádio nacional de Chile, que reuniu milhares de mulheres convocadas a performar junto ao coletivo contra os abusos da cultura patriarcal, a violência de gênero, a impunidade, a culpabilização das vítimas de abuso. A performance propõe o uso de vendas nos olhos, movimentos coreografados e um canto coletivo pautado por toques de tambores mapuches. (LASTESIS, 2021, p. 39)

77. O coletivo argentino se define como um "unx grupx de acción activista federal, horizontal y transfeminista. Nos juntamos en la pandemia 2020 y realizamos prácticas artísticas situadas coordinadas por Cama Redonda. El sentido de cada propuesta que llevamos a cabo es sostener acciones colaborativas enriqueciendo prácticas artísticas decoloniales, críticas y emancipadoras. Construimos una red, estudiamos problemáticas que nos interesan, producimos y compartimos imágenes para seguir pensando." (no original). Disponível em: <https://www.glarment.com/XX/Unknoun/102565731445441/Contagiamos-im%C3%A1genes>. Acesso em 14/08/2021.



Projeção/frame da Intervenção urbana de 14/08/2020. Bairro da Glória. @_tarantinas

23 de agosto

No Brasil, hoje são mais de 3 milhões de infectados e 114 mil mortos. Faltam testes, e a subnotificação é fato consumado. A boa notícia é que existem quatro vacinas em fase de testagem, e muita gente voluntariou-se para o teste. Enquanto na Europa os especialistas falam de uma segunda onda, o mundo acompanha finais de campeonatos de futebol sem público nas arquibancadas. O filósofo Byung-Chul Han narra que nenhum vírus é capaz de fazer a revolução. O vírus nos distancia e individualiza, enquanto a solidariedade é manter distância mútua. Não é a mesma solidariedade que permite sonhar com uma sociedade mais justa.⁷⁸

26 de agosto

Desde o começo das projeções do coletivo, presencio seu posicionamento antipatriarcal e anticapitalista, que dialoga diretamente com as ideias da professora e ativista Veronica Gago.

Nenhuma mulher será livre enquanto todas não forem- projetam as @_tarantinas esta noite. Mentalmente tento completar a frase da escritora e ativista Audre Lorde: *mesmo quando as correntes delas sejam diferentes das minhas*.⁷⁹

O feminismo atual enquanto movimento, deixou de ser algo que se relaciona com o outro para se tornar a chave para ler o conflito em cada território, fazendo com que se desdobre um feminismo de massa e intergeracional, pois se apropria dos mais diversos espaços e experiências.⁸⁰ Desde o começo da pandemia presenciei intervenções onde o viés feminista do coletivo ocupa distintos territórios, sempre com o olhar crítico para situações do cotidiano, ultrapassando o programa apresentado na série das quintas-feministas.

78. HAN nos diz que o vírus não vencerá o capitalismo, e que não podemos deixar a revolução nas mãos do vírus, porque afinal somos nós, pessoas dotadas de razão, quem devemos repensar e restringir radicalmente o capitalismo destrutivo. (HAN, 2020, p. 111).

79. LORDE, Audre. *Sister outsider: essays and speeches*. Crossing press, 2007.

80. No original: "El feminismo, en tanto movimiento, dejó de ser una exterioridad que se relaciona con «otr*s», para ser tomado como clave para leer el conflicto en cada territorio (doméstico, afectivo, laboral, migrante, artístico, campesino, urbano, feriante, comunitario, etc.). Esto hace que se despliegue un feminismo de masas e intergeneracional, porque es apropiado desde los más diversos espacios y experiencias. (GAGO, 2018, p. 247).



Projeção/frame da Intervenção urbana de 27/08/2020. Série Quintas-feministas. Bairro da Glória. @_tarantinas.

27 de agosto

São muitos os atravessamentos vividos por mulheres. O chamado por mudanças dentro da pauta do feminismo decolonial procura alcançar mulheres do continente latino-americano e do sul global a fim de romper com estruturas e unir vozes.

Ainda sobre mudanças, Rebecca Solnit faz um balanço das lutas feministas, e coloca que o feminismo é um esforço para mudar algo muito antigo, difundido e profundamente enraizado em muitas culturas, em inúmeras instituições e na maioria dos lares da Terra e também na nossa cabeça. Esse esforço contínuo, vem sendo realizado a cinco décadas, e como pontua Solnit: “o fato de que nem tudo tenha mudado de maneira permanente, definitiva, irrevogável não é sinal de fracasso.”⁸¹

81. SOLNIT, 2017, p.178.

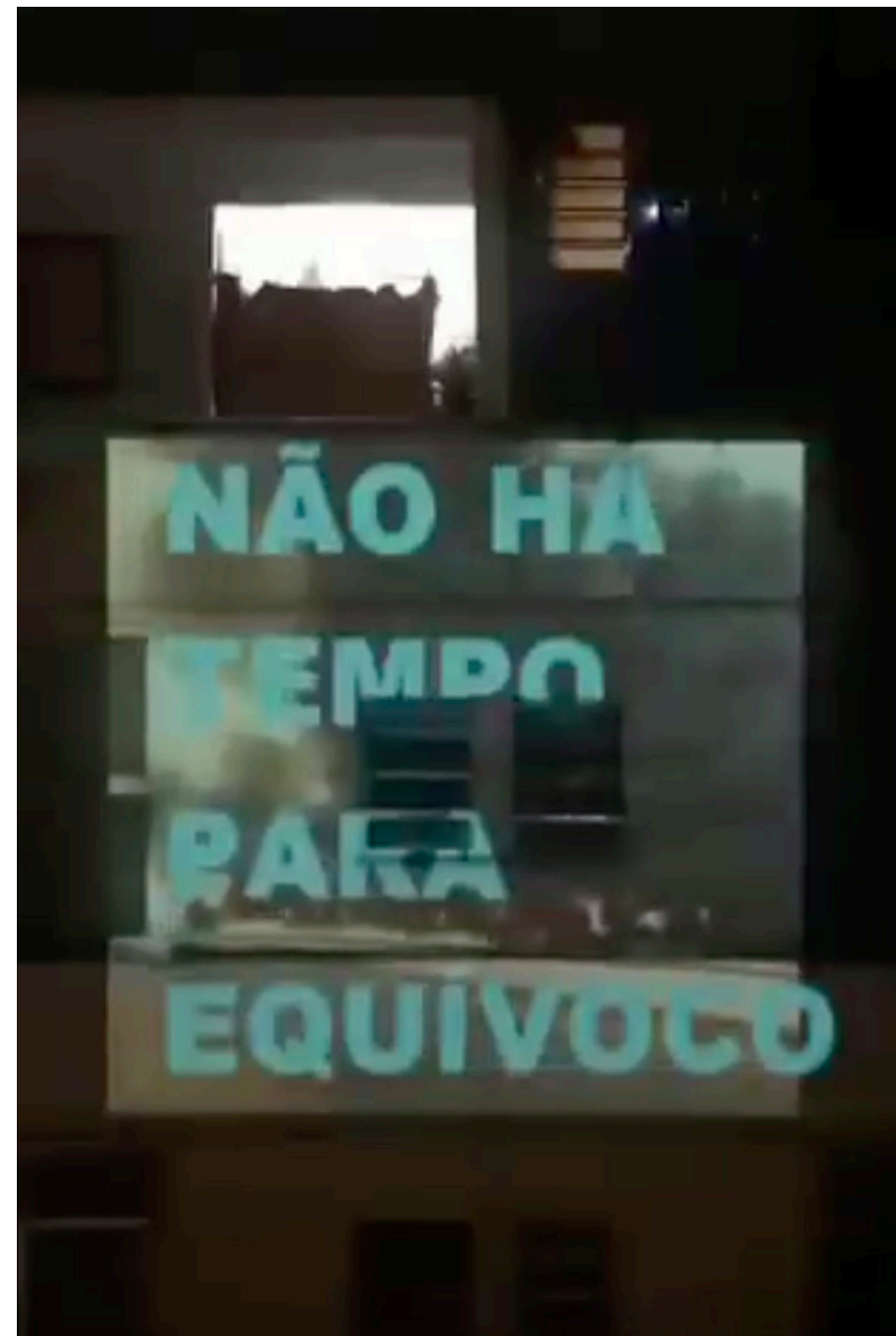
28 de agosto

Decidi parar de ver notícias. Os jornalistas zumbis continuam falando de suas casas confortáveis sobre o mesmo assunto. Tenho medo do número de mortos. Nossa ex-vizinha me ligou essa semana e disse que perdeu 3 amigos. Estamos presos nesse filme ruim. Resolvi reler coisas da nossa estante de livros. Sinto um alívio grande ao tocar o papel, as fontes escolhidas, entrar na história e sair quando quiser. Os olhos precisam de descanso das telas. O filósofo Paul Preciado sugere que utilizemos o tempo e a força do afastamento social para estudarmos as tradições minoritárias de luta e resistência. E convoca todos a “desconectarmos da internet e do celular, provocando um apagão diante dos satélites que nos vigiam para imaginarmos a revolução que vem.”⁸²

82. No original:
“Utilicemos el tiempo y la fuerza del encierro para estudiar las tradiciones de lucha y resistencia minoritarias que nos han ayudado a sobrevivir hasta aquí. Apaguemos los móviles, desconectemos Internet. Hagamos el gran blackout frente a los satélites que nos vigilan e imaginemos juntos en la revolución que viene.” (PRECIADO, 2020, p. 185).

Setembro-

Crises



Projeção/frame da Intervenção urbana. Bairro da Glória, 18/09/2020. @_tarantinas

18 de setembro

Essa noite as @_tarantinas projetam: *Não há tempo para equívoco*. Na fachada-tela, vemos em *loop* a sobreposição de letras verdes maiúsculas à imagem do fogo descontrolado que assola a região do Pantanal. O efeito da repetição colabora para que sejamos tocados pelas imagens, e, de forma difusa acaba por nos proteger momentaneamente do real.⁸³ A potência elementar da intervenção é o valor político de suas imagens e sua capacidade de mobilização e compartilhamento.

Não há tempo para o equívoco, alerta-nos o coletivo, enquanto, na imagem em movimento, labaredas de fogo engolem a vegetação. A ONU comunica que 2025 é o limite para interromper a alta de emissões de gases do efeito estufa e evitar a catástrofe climática. Não temos tempo para o descaso ambiental, tantas vezes discutido e que segue seu curso em prol da expansão da pecuária. Enquanto os países do Norte discutem em conferências milionárias a questão do aquecimento global, os países do sul esfolam-se com a, já em curso, crise climática. O que fazer para afetar a humanidade?

19 de setembro

Enquanto o Governo Federal bate cabeça sobre quais vacinas comprar, uma segunda onda do vírus parece se desenhar na Europa. Adicionalmente, o Ministério da Saúde não consegue atualizar os dados da pandemia, devido a um ataque *hacker* e assim não pode estabelecer uma média de casos e óbitos. O cenário não é dos melhores. Continuamos em isolamento.

20 de setembro

A maneira como uma obra de arte funciona em termos políticos é uma questão de como ela é capaz de exercer qualquer influência estética no observador.⁸⁴ Não consigo esquecer a imagem de uma onça com as patas queimadas na beira de um rio no Mato Grosso. O Pantanal está em chamas. A postura do governo diante da crise ambiental é parecida à adotada diante da crise da Covid: negacionismo, acusações de que a imprensa está

83. Menção ao efeito da repetição. Foster nos fala do realismo traumático presente na obra de Andy Warhol, que usa o efeito da repetição não como forma de restaurar um trauma, mas como forma de cultivar uma obsessão por um objeto. Aqui o dispositivo da repetição “serve para nos proteger do real”, onde um sujeito é tocado por uma imagem. (FOSTER, 2005, p.168).

84. ARCHER, Michael. *Arte contemporânea: uma história concisa*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

politizando o tema, etc. A falta de vontade política, a burocracia, o corte de recursos: sensação de estarmos à deriva mais uma vez. A natureza é provisória e frágil como o ser humano. Quando esse pesadelo vai acabar?

As @_tarantinas realizam uma projeção que critica esse estágio de abandono e a postura de lucro a todo custo. Somos parte desse mundo que pega fogo e também do mundo que é afetado pela arte delas. *Desde que o mundo parou, o desmatamento acelerou, o agro é pop*.



Projeção/frame da Intervenção urbana de 18/09/2020. Natal @_tarantinas



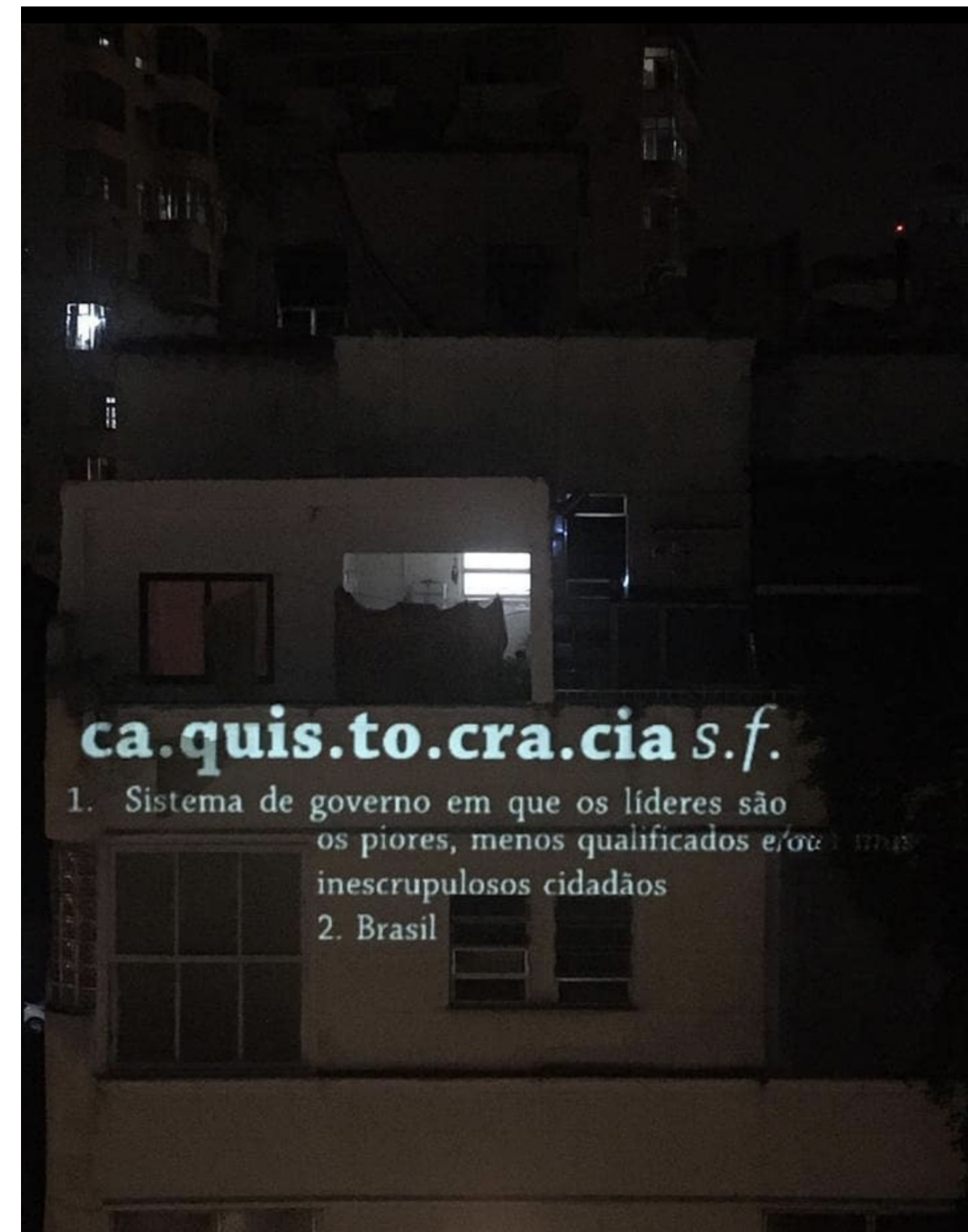
Projeções/frames da Intervenção urbana de 18/09/2020. Bairro da Glória. @_tarantinas

Assisti a uma conversa no site do Rising Majority que foi pura adrenalina. A crise que vivemos foi criada pelo sistema capitalista, concordam os debatedores. A escritora e ativista Naomi Klein fala do Capitalismo do desastre, que criou condições para a crise aprofundar-se e enfraquecer nosso sistema imunológico coletivo, premissa para o vírus se espalhar,⁸⁵ com sistemas públicos de saúde fragilizados, como na Itália e Reino Unido, com a degradação do trabalho na saúde, nos serviços, na falta de equipamentos de proteção... O capitalismo do desastre e seu oportunismo corporativo não pensa vidas e sim em como lucrar mais. Na América Latina esse cenário é ainda mais desalentador.

No começo da semana o coletivo @_tarantinas projetou o verbete *Ca.quis.to.cra.cia*, termo que foi inventado no século XVII para descrever a ascensão política de cidadãos sem competência para os cargos que ocupam.⁸⁶ Baseado na realidade política do país, o coletivo incluiu no verbete um novo significado para a palavra: Brasil.

85. DAVIS, Angela; KLEIN Naomi. *Construindo movimentos: uma conversa em tempos de pandemia*. São Paulo: Boitempo, 2020.

86. WARDE, Ibrahim. A caquistocracia. *Le monde diplomatique*. Junho 2020. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/a-caquistocracia/>. Acesso em 20/02/2022.



Projeção/frame da Intervenção urbana de 7/09/2020. Bairro da Glória. @_tarantinas.

25 de setembro

Um unicórnio de formas arredondadas galopa pela fachada do prédio branco. Meu bestiário infantil é limitado, e, parando para pensar bem, unicórnios são mais do que cavalos brancos com um chifre na testa. Poderiam ser uma ameaça mitológica?

Letras minúsculas verdes e magentas distribuem-se com o movimento do personagem. Podemos ler: *Capitalismo verde, dizem que existe mas ninguém nunca viu*. Diante de tanta calamidade, pensar sobre esse conjunto de práticas batizada de *Greenwashing*⁸⁷ é mais uma tentativa de assimilar nosso incômodo lugar na engrenagem do capital. As promessas publicitárias parecem vender bem, e daí vemos no rótulo do shampoo, na embalagem do ovo, no pacote de aveia todas essas promessas de que sim, estamos colaborando com o meio ambiente... Uma maneira de vender algo “sustentável” e suavizar a culpa de quem consome. Tenho lido mais detalhadamente os rótulos das coisas que compramos enquanto faço a higienização das mesmas. Fica cada dia mais claro a insustentabilidade do nosso sistema alimentar. A degradação do planeta é anunciada diariamente. Suas consequências políticas e sociais podem ser sentidas por milhões de seres humanos. O coletivo trabalha em suas ações o desejo de um futuro anticapitalista e feminista.

Duras escreveu certa vez sobre o desejo de abrir uma passagem em direção a uma margem distante.⁸⁸ Acredito que vamos precisar de um unicórnio para essa missão.

87. *Greenwashing* é o termo para designar a demagogia capitalista que serve para vender o discurso de produtos ecologicamente sustentáveis, utilizando a cor verde para dar credibilidade a produtos, ações, entidades.

88. Menção à escritora Marguerite Duras.



Projeção/frame da Intervenção urbana 25/11/2020. Bairro da Glória. @_tarantinas

26 de setembro

O coronavírus é uma doença do Antropoceno.⁸⁹ O limite do planeta envolve uma diversidade de questões, além da mudança climática. O discurso é mais amplo. No nosso grupo de pesquisas em artes estudávamos questões da arte no antropoceno e dali conheci uma diversidade de termos alternativos para as discussões ao redor das crises sociais, econômicas, subjetivas e ecológicas contemporâneas; uma das alternativas para renomear esse período foi o Capitaloceno, proposto por Donna Haraway, que aponta para um sistema voraz, que vê a vida humana, animal e vegetal como um mero recurso. Não é apenas a ação da força humana global que levou a essa crise generalizada, mas principalmente a ação das grandes indústrias. Outra alternativa foi a do Gineceno, proposta das artistas Raluca Voinea e Alexandra Pirici que, em um manifesto, reivindicam um novo modelo de administração eco-feminista, que localiza a violência geológica à dominação patriarcal.⁹⁰ Nomear os momentos da história do planeta talvez nos auxilie a refletir sobre nossas escolhas e ações.

89. Antropoceno é o termo formulado pelo químico Paul Crutzen, antrope significa humano, ceno denota períodos geológicos.

90. JOHAS, Regina. Arte na Era do Antropoceno. *Arterials* - Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes, [S.l.], p. 142-149, jul. 2018.

28 de setembro

Gosto do mês 9. Gosto de números ímpares, gosto do calor que chega depois da ventania. O calor me provoca otimismo, mesmo nesse contexto tão estranho da pandemia. Estamos descobrindo novos vizinhos, que antes não sabíamos existir. Todos os espaços coletivos do prédio estão interditados, enquanto isso as crianças brincam no estacionamento. Somos 3 ou 4 famílias que levam os pequenos para correrem e brincarem de máscara no final do dia. Todos trabalham em sistema remoto. A gente leva as cadeiras de praia e senta no árido território dos carros. Têm sido restaurador esses encontros, um sopro de sanidade mental conversar com Elisa, Mariana e Mércia. Que sorte a nossa! Às vezes aparece um pai, que geralmente fica com a cara no celular. Interage quem quer.

Outubro- Utopia

“A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.” Fernando Birri

1 de outubro

O que a gente deixa de rastro no mundo?

Se eu ou Zeca morrermos desse vírus, o que fica? Uma amiga me contou a história de um gerente de hotel do interior do estado que desempregado, precisou vender sua rara coleção de vinil dos Beatles. O inusitado é que dentro dos encartes havia cartas escritas por ele para a filha ainda bebê, que deveriam ser entregues quando a menina completasse 15 anos. No meio disso tudo, a Covid matou o pai da menina, e agora a família e os amigos procuram os compradores dos discos, em busca das cartas. Uma herança de palavras e projeções para o futuro como rastro. Esse vírus-pesadelo, é um delírio sem retorno, que desenha um futuro de crises de todo tipo sombreadas pela possibilidade de des-existir. O que podemos fazer para explorar o potencial utópico da pausa que nos impõe esta crise?⁹¹

91. PELLEJERO, Eduardo. Contingência, solidão, interrupção. Ideias isoladas sobre um tempo com o qual não contávamos, In: PELBART, Peter Paul (org). Pandemia Crítica -Outono e Inverno. São Paulo: Editora N1, 2021.

2 de outubro

Percebi que há pessoas, com quem convivo atualmente que nunca vi sem a máscara.

Outro dia, a mãe de um amigo do Chico me viu um momento sem a minha, enquanto eu bebia água e comentou: “Nossa, nunca tinha visto seu sorriso!” Somos íntimos estranhos, neste mundo de máscaras.

6 de outubro

92. “Se realmente queremos superar a crise ambiental, devemos fazer a transição agora para uma sociedade socialista fundada em princípios ecológicos e fazer o possível para gerenciar as inevitáveis armadilhas do novo sistema”. (tradução nossa). In: VETTESE, Troy; PENDERGRASS, Drew. Half-earth socialism: a plan to save the future from extinction, climate change and the pandemics. London: Verso Books, 2022.

A pandemia nos mostra a fragilidade do mundo capitalista neoliberal, que confiou até então no superpoder do mercado. O plano a ser traçado em direção a uma prática ecossocialista demanda o esforço de milhares.⁹² O desarranjo provocado pela pandemia é uma oportunidade para efetivar mudanças e o coração desse plano utópico está centrado na engenharia social, na cibernética, na otimização de recursos como por exemplo, minimizar o uso da terra ou aumentar o número de veganos para a criação de uma utopia global que dê conta da demanda de uma transição urgente para evitar o colapso ecológico. Salvar o futuro da extinção é uma utopia necessária. O futuro ecossocialista é feminino.

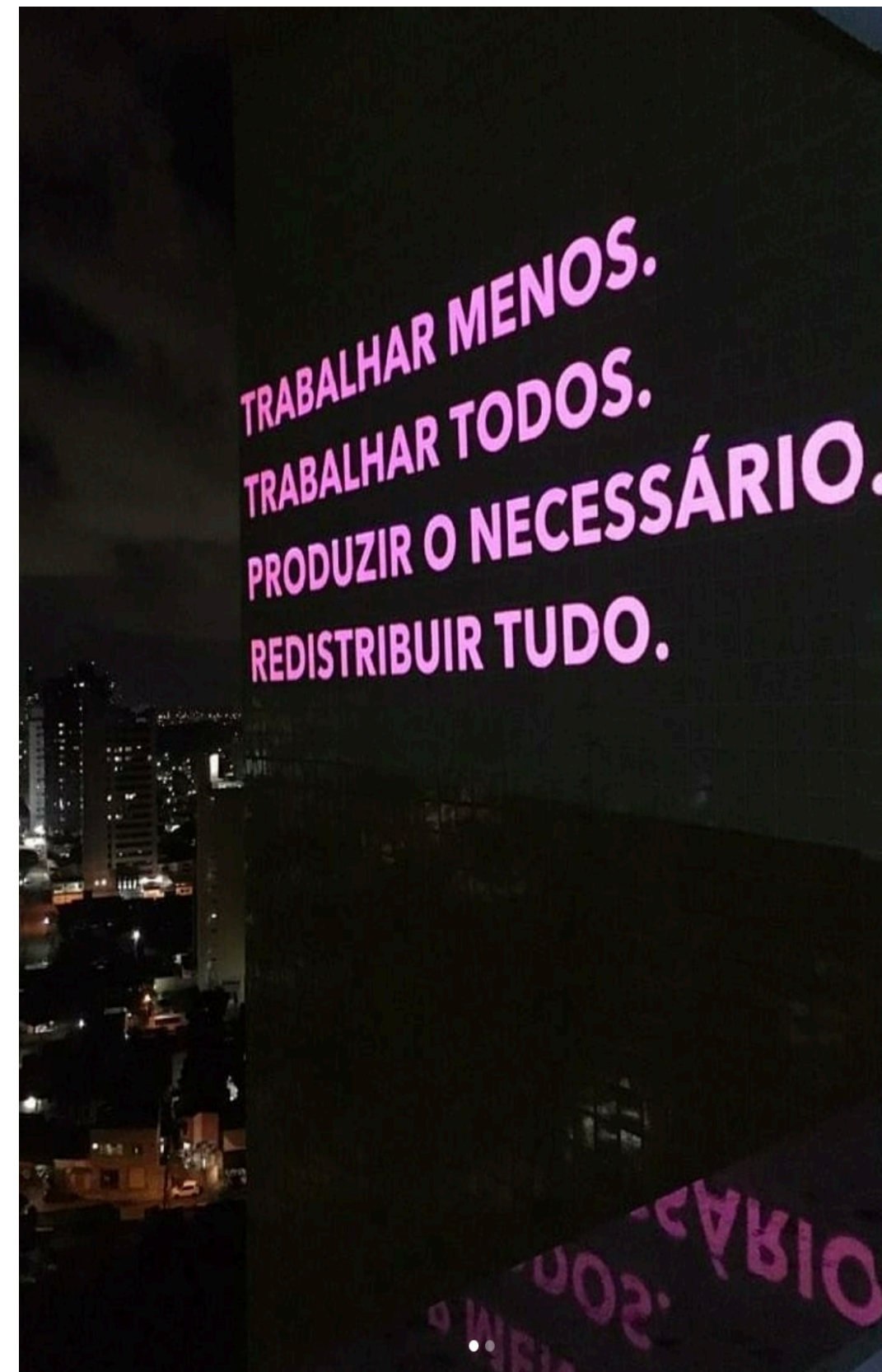
Lavorare meno, lavorare tutti, produrre il necessario, redistribuire tutto...

Essa frase apareceu em uma faixa improvisada em janelas italianas no começo da pandemia. Nada mais simples e justo. A Itália viveu dias de terror no começo deste ano, e foi por suas janelas que visualizamos nosso futuro. Apenas uma renda básica não resolveria a situação de emergência de milhões de pessoas em quarentena. Parar tudo para salvar vidas, e pensar coletivamente. Nosso inconsciente coletivo vai ter muito com o que lidar daqui em diante.

Vejo uma nova intervenção das @_tarantinas. A mensagem italiana é reapropriada por elas e projetada nesta noite de muitas nuvens em uma empena gigante na cidade de Natal. As palavras-imagem, são a um só tempo, libertadoras e acolhedoras. Juntas formam um tipo de crônica do que gostaríamos que acontecesse. As palavras se desfazem e refazem através do espectro de luz do projetor que fornece uma luz magenta ao espaço. Fico bastante tempo hipnotizada por essa dissolvência, ouvindo o zumbido do vento natalense que faz parte do registro da intervenção. A imagem texto explode cromaticamente em direção a centenas de janelas. A possibilidade de encontrar interlocução para discutir essas ideias é praticamente utópica, porém a ativação daquele espaço é monumental. As empenas da cidade viram tela para a crítica à lógica do capitalismo, que se transforma em verso, oferecendo uma interessante ocupação de território. A escala da obra é existencial e política.

Essa noite, sinto a imagem muito distante de mim, como se pudesse ver pela fechadura. Estou diante e dentro.⁹³

93. Menção ao conceito Diante-dentro. O filósofo e historiador da arte Georges Didi-Huberman toca na questão da imagem criada como um limiar, inacessível e que impõe sua distância. A porta é a figura da abertura, mas é condicional, ameaçada ou ameaçadora, capaz de tudo dar ou de tudo tomar de volta. (DIDI-HUBERMAN, 1998. p. 234).

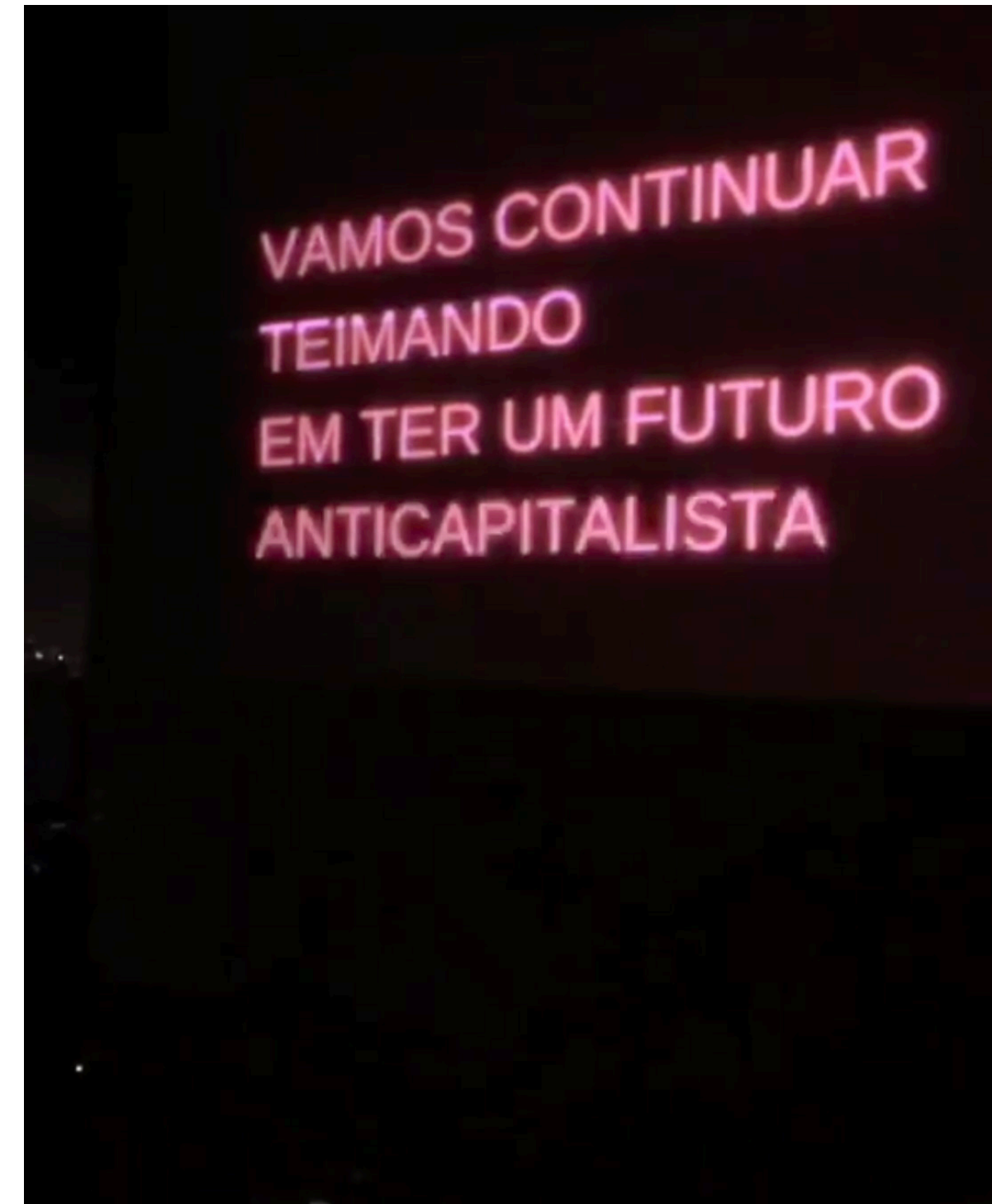


Projeção/frame da Intervenção Urbana. Natal. 8/10/2020. @_tarantinas

10 de outubro

Faz muito calor. Seguimos a rotina *online* de trabalhos e aulas. Temos máscaras novas. As @_tarantinas projetam em neon letras maiúsculas, na mesma empena natalense: *vamos continuar teimando em ter um futuro anticapitalista*. Na projeção a palavra anticapitalista pisca como uma lâmpada em seus últimos instantes de vida. Assim, o coletivo reativa sensibilidades e a empatia de quem está lá fora. O aparente impossível está sempre presente no possível, diz Lefebvre.⁹⁴ Novas possibilidades de transformação social no cotidiano podem acontecer, mas precisamos mais do que teimosia.

94. LEFEBVRE, Henri.
State, space, world.
Minneapolis: University
of Minnesota Press, 2009.



Projeção/frame da Intervenção Urbana 10/10/2020. @_tarantinas

11 de outubro

Li em algum lugar que depois de décadas sem ver o Himalaia por causa da poluição, muitas cidades do norte da Índia agora podem visualizar as montanhas. A quarentena declarada no final de março melhorou a qualidade do ar do país de mais de um bilhão de pessoas. Por esse motivo essas pessoas que agora abrem a janela e podem ver as montanhas mais altas do mundo, são para mim as mais ricas do planeta! Por que, afinal de contas, o que seria riqueza nestes tempos? Berardi nos convida a pensar na suspensão do funcionamento do dinheiro, pois talvez esteja aí a “pedra angular para sair da forma capitalista, e romper definitivamente a relação entre trabalho, dinheiro e acesso a recursos”. Meu pensamento se afina com o dele quando sintetiza que a crise em curso, não é uma crise, é um *reset*.⁹⁵ Quando chegar o momento de reiniciar a máquina devemos retomar o mesmo funcionamento de antes ou reprogramar “de acordo com a ciência, a consciência e a sensibilidade”? Fico com a segunda opção. Sou otimista.

12 de outubro

Estou na reta final da seleção do mestrado. Se meu projeto fizer sentido, terei a experiência da pesquisa e muitos motivos para me dedicar. Todo o processo tem sido virtual, e a última etapa é a apresentação oral. Proponho estudar a produção de coletivos de intervenção urbana na América Latina com recorte temporal da pandemia. Uma pesquisa que surge de uma situação de isolamento e que, ao final, será um trabalho escrito e vivido em primeira pessoa. Uma investigação acadêmica de arte como forma de intervenção, como canal de diálogo.

As @_tarantinas são uma importante conexão com o presente para mim. Suas intervenções articulam uma dimensão muito complexa a qual estamos todos submetidos [a pandemia] com o colapso da dinâmica capitalista neoliberal que engole tudo e todos. Os mais privilegiados podem ficar em casa, ou mudarem para longe dos grandes centros urbanos. Fugir pra onde?

Enquanto espero o café passar pelo filtro, relembro de uma sequência do filme *Memórias del Subdesarrollo*, de Gutierrez Alea.⁹⁶ O protagonista do filme, ‘dissidente’ da elite branca que foge do Socialismo, vê o mundo da janela de seu apartamento em Havana. Ele percebe sua condição como a chance para

95. O filósofo e escritor Franco ‘Bifo’ Berardi me provoca a pensar em uma concepção diferente de riqueza, quando observo toda a crise e recessão econômica que o mundo apresenta a partir da pandemia. Riqueza agora “não é equivalente ao dinheiro que se tem, mas à qualidade de vida que nos é possível experimentar”. Mercado e liberalismo privado devem ser considerados crimes ideológicos; economistas que “prometeram a cura para qualquer doença social com cortes de gastos públicos e privatização nos últimos 30 anos devem ser isolados”. In: BERARDI, Franco. *Crônicas da Psicodeflação*. UBU editora. 2020.

96. Menção ao filme MEMÓRIAS del Subdesarrollo. Direção: Tomas Gutierrez Alea. 1968.

escrever um livro. Parece que ele era o único que estava acordado para aquela nova realidade. Enquanto passeia seu binóculo pela cidade, reflete: “é muito bom ser comunista milionário em Nova York ou Paris. Será que eu mudei ou a cidade mudou?”

Precisamos buscar maneiras de viver que aumentem nossa potência, corpo e mente e assim resistir à lógica do sistema patriarcal capitalista. Acredito que a arte faz isso ao expor questões coletivas e individuais a partir de modos específicos de investigação da experiência do hoje.

19 de outubro

Hoje é meu aniversário. Não tem festa, nem projeção. Dia de fazer um balanço do ano...

Muitas são as questões compartilhadas com o pensamento das @_tarantinas neste momento. A verve anarquista, a necessidade de mudança inadiável... No começo da pandemia tudo parecia caminhar para a necessidade de colocar em prática o sonho socialista e utópico. Igual a milhares, perdi meu trabalho como professora em um curso tecnológico. Projetos audiovisuais suspensos e/ou cancelados. Como outros milhares, isolei-me em casa com meu companheiro e filho. Da minha janela vejo uma cidade ao longe, estamos em uma zona de transição urbana/rural. A imagem da cidade que temos ocupa o horizonte, a 30 km daqui. Não temos edifícios, nem empenas onde projetar. O sentimento de isolamento é exacerbado pela quietude. Não há um silêncio, mas uma clara mudança na acústica do espaço. Há algum movimento na rodovia próxima à nossa casa, mas não vejo nenhum dos aviões cheios de turistas aterrissando no novo aeroporto. Tenho a real sensação que o “entre” existe de fato.

E o que temos feito nesse entre? Criamos uma espécie de rotina, quando há muito tempo pra tudo. Brincar, limpar, cozinhar. Tudo pode ser feito sem pressa. Uma das atividades mais apreciadas de casa é ficar na janela ouvindo os bichos e às vezes localizando alguma fumaça no quintal de alguém. Meu filho de 7 anos decidiu escrever um livro, e eu comecei a desenhar novamente. Resgates. A distância da urbe não me fez desconectar de sua potência. Acompanhar o trabalho das @_tarantinas me fez entender a importância de continuar produzindo e desejando mudanças.

Novembro- Projetar

“A imagem que você vê e que você recebe, você a recebe por bem, você a recebe até o fim? Ela acaba por ser nossa... E de todos os outros onde ela poderá se difundir como bem comum.” Georges Didi-Huberman

97. De acordo com Gene Youngblood, a evolução da linguagem das imagens para além dos seus limites propiciava o fim da ficção da forma como era tradicionalmente concebida pela indústria cinematográfica e compreendida pelo público – ele denominou esse tipo de realização como sendo Cinema Expandido. YOUNGBLOOD, Gene. *Expanded Cinema*. New York: E. P. Dutton & Co, 1970. Disponível em: http://www.vasulka.org/Kitchen/PDF_ExpandedCinema/book.pdf. Acesso em 20/04/2020.

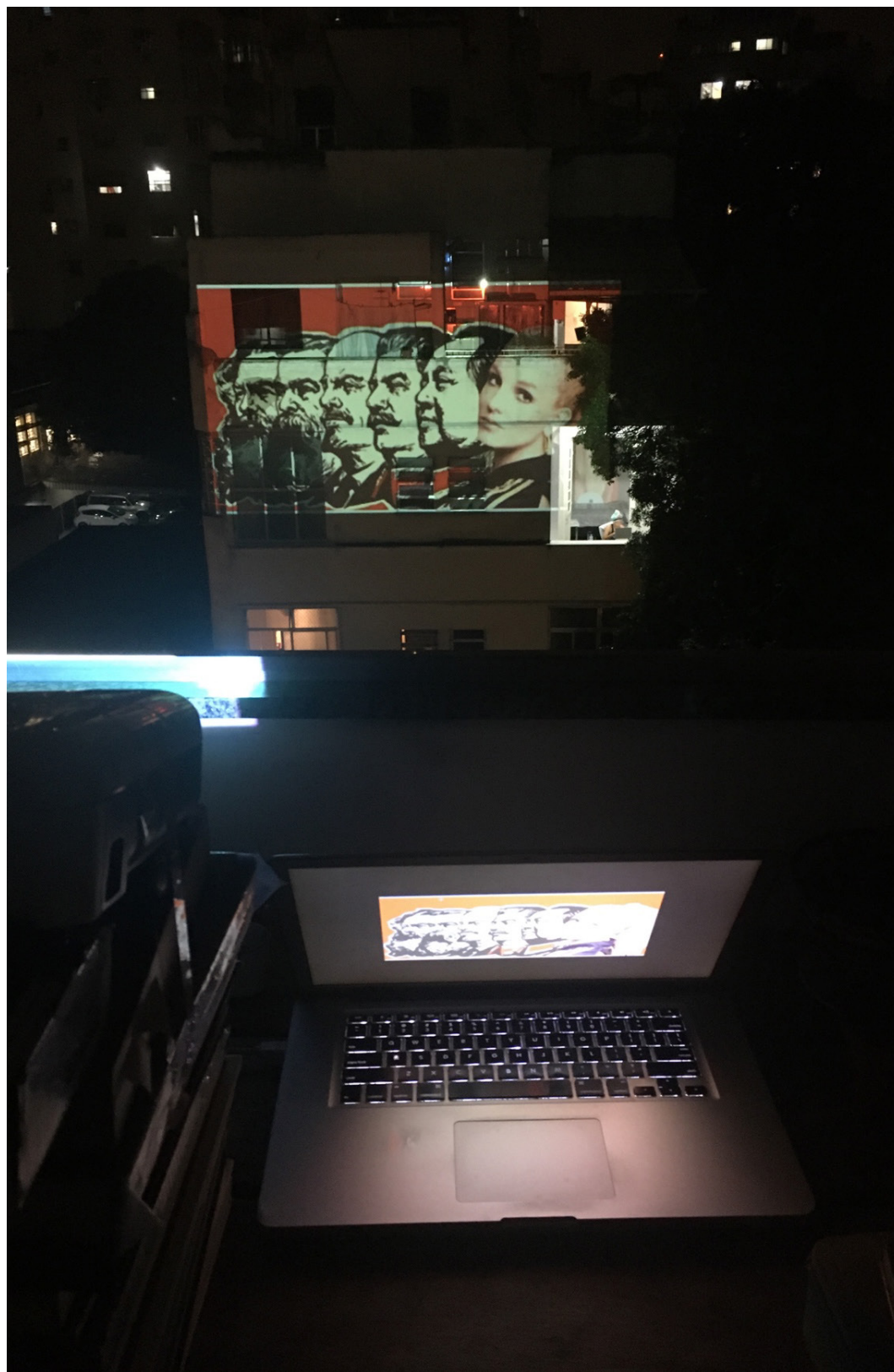
98. DUBOIS, Philippe. Um “efeito cinema” na Arte Contemporânea. In: COSTA (org.), Luiz Cláudio. *Dispositivos de registro na arte contemporânea*. Rio de Janeiro: Contra Capa livraria / FAPERJ, 2009.

1 de novembro

Rememoro sobre o poder da projeção. Projetar é uma forma de pensar. A imagem projetada é intervenção quando encontra uma superfície urbana e se torna, em certa medida, em cinema público. Na situação de confinamento, esse cinema expandido⁹⁷ pode ocupar superfícies da cidade com palavras-imagem de narrativas diversas, algumas assumindo a cadência dos haikais, outras com poder de palavras de ordem, e, ainda outras, como confissões anônimas e universais.

A imagem projetada, imaterial e efêmera pode nos chegar através das cidades, agora esvaziadas. Quem projeta manipula tempo e espaço.

Aqui a experiência não está dissociada da visão. O espaço público que, até pouco tempo atrás, era lugar do encontro físico das pessoas, agora pode ser superfície de projeção. A urbe, em tempo de pandemia, pode proporcionar perspectivas múltiplas, onde cada espectador ocupa uma janela e a materialidade da tela se concretiza nas empenas. Em algumas situações, a experiência das imagens espacializadas pela projeção sincronizam com o som do tangido das painéis e das manifestações de indignação de quem vive hoje no Brasil de 2020. Imagem e som concatenam o que o pesquisador Philippe Dubois chamou de efeito cinema.⁹⁸



Registro de projeção. Arquivo pessoal do coletivo @_tarantinas.

2 de novembro

Hoje fiz bolo de especiarias do Jones. Vou colocando os ingredientes com muita calma, os secos primeiro, logo os molhados. Depois todos juntos. Brinco com as formas, perco tempo. Meus bolos são presenças vazias como diria Manguel. As imagens que formam nosso mundo são símbolos, sinais, mensagens e alegorias, ou talvez sejam apenas presenças vazias que completamos com nosso desejo, experiência, questionamento e remorso.⁹⁹ Neste tempo estranho, a gente deveria tentar escrever sobre nossas emoções e como elas afetam nossa leitura de mundo. Eu tenho feito bolos, que depois de prontos, embrulho e mando em pedaços para os amigos.

99. MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens; uma história de amor e ódio*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

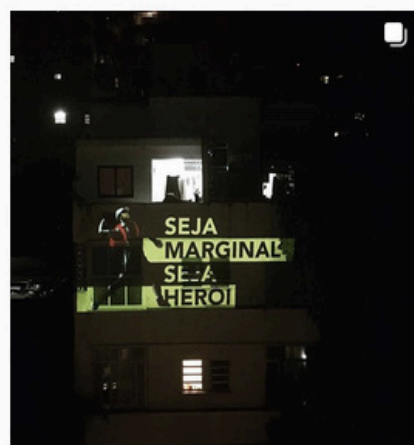
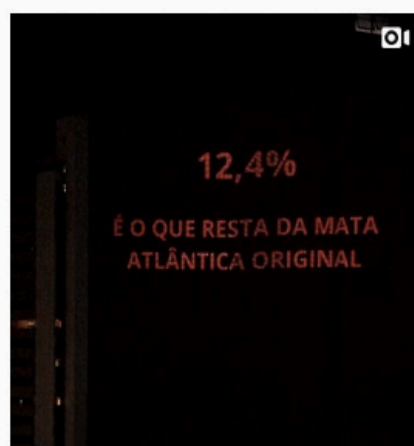
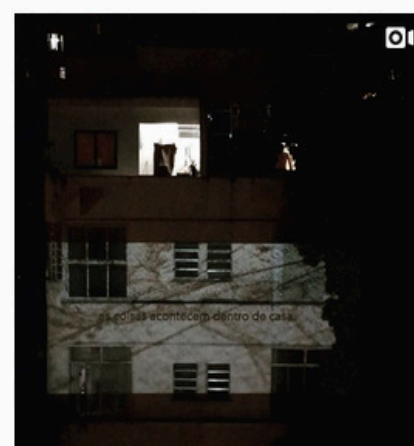
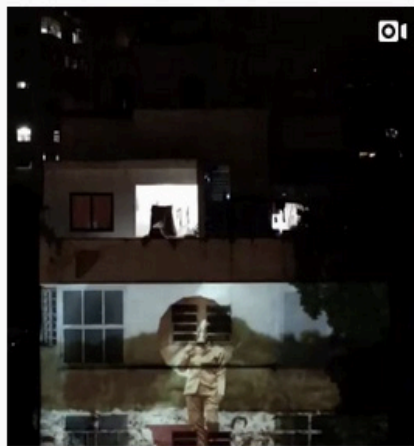
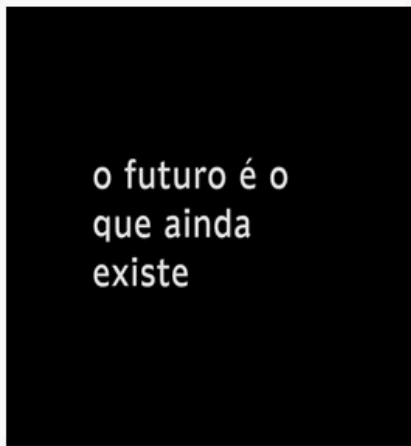
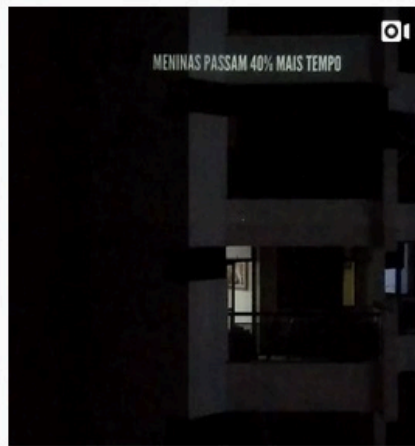
5 de novembro

Criei um envolvimento, um afeto pelas projeções das @_tarantinas. Não vivo nos mesmos bairros que elas, não conheço suas integrantes e mesmo assim sou uma espectadora que participa do fluxo de imagens criadas por elas diariamente. Faz parte da minha rotina assistir a suas projeções, porém de um outro tipo de janela [a tela do meu computador]. Nesse momento, sou uma personagem anônima, que se imagina na rotina do quarteirão onde as ações acontecem. A tela se transforma em janela. O que determina meu olhar? Vida como imagem. Existe uma profundidade sonora, como se houvesse vários microfones dispostos naquele vão de janela em noite de manifestação. Esses sons me fazem ficcionar o que está fora de quadro. Também posso ver sem ouvir, basta desconectar o som do registro da intervenção. E pronto! Tenho um outro cinema. Longe do modo da experiência do cinema clássico - uma projeção expandida é uma zona híbrida, um cinema-situação, que experimenta novas arquiteturas, novas narrativas e novas estratégias de interação.¹⁰⁰

100. Kátia Maciel coloca que o "transcinema", fundamentado no cinema-situação, extrapola o cinema clássico, pois para ser acionado, demanda a participação de um público. MACIEL, Kátia (org.). *Transcinemas*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2009.

Posso congelar a imagem se sentir vontade de ver melhor um *frame*. Ou acompanhar letargicamente a projeção em *loop*, como se estivesse em um cubo branco. Posso fazer dessa experiência de tempo e espaço algo intenso, singular. Isso me remete a Rancière, quando diz que o cinema em suas origens não conta histórias, mas proporciona experiências compartilhadas e democráticas.¹⁰¹ Hoje, o cinema dos meus olhos é uma coleção de fragmentos das projeções do coletivo.

101. RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: Estética e política*. São Paulo: EXO experimental org.; Editora 34, 2005.



Printscreen dos registros de 12 intervenções urbanas maio e junho de 2020. Rio de Janeiro e Natal.

@_tarantinas.

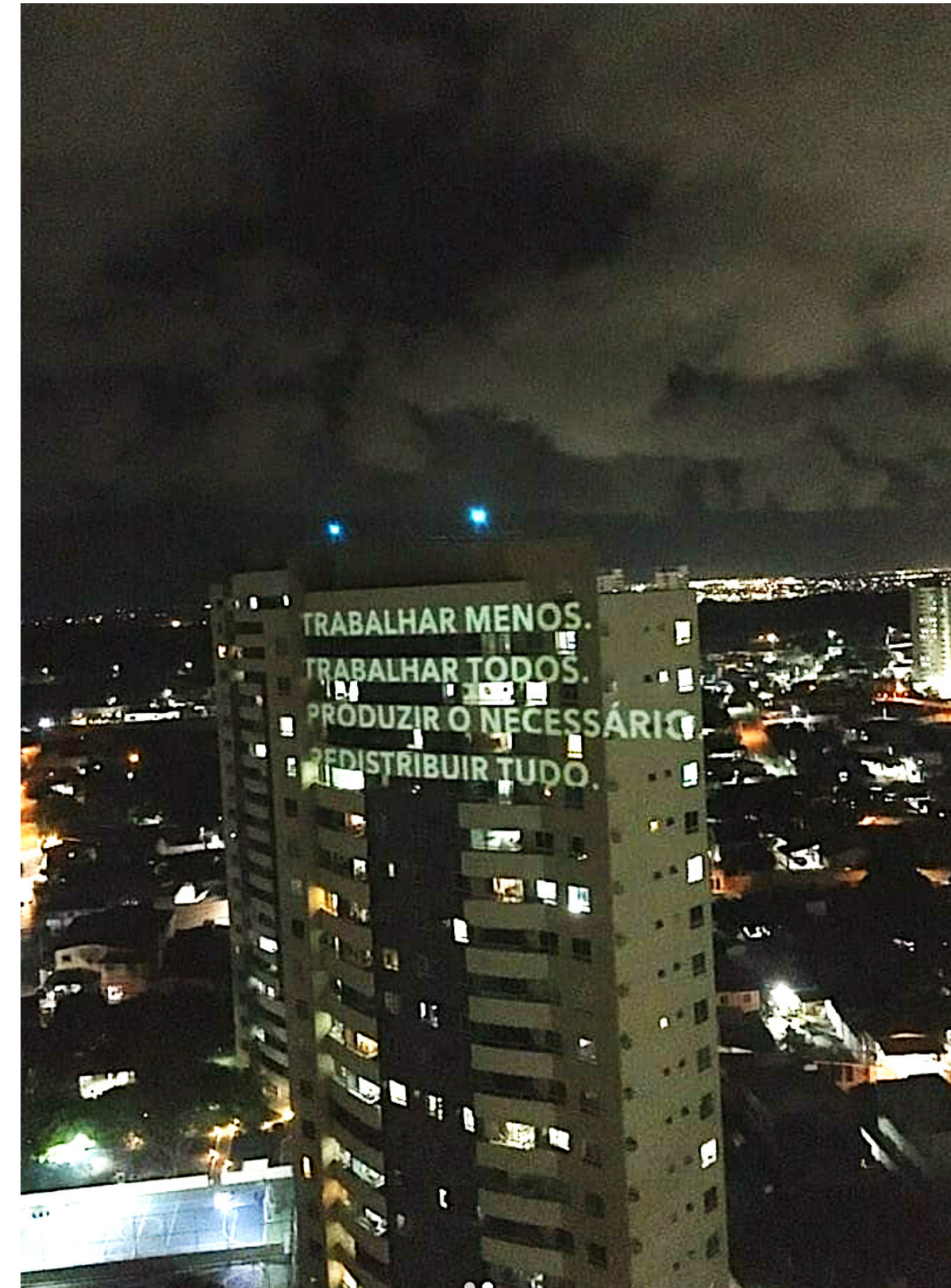
O coletivo @_tarantinas celebra 8 meses de projeções. Quanta vontade de acompanhar uma projeção ao vivo! Interesse-me em que medida a imaterialidade da imagem pode afetar um espaço público, espaço urbano.¹⁰² Estar presente, viver a projeção faz a experiência da tela ser distinta, pois a projeção carrega a imagem para o espaço, ultrapassa os limites do plano, e leva a imagem-movimento de grande formato para a cidade. Ela não é exclusiva dos espaços da arte,¹⁰³ apesar de hoje em dia ser onipresente em mostras e galerias.

O procedimento poético/político em grande formato é um recurso na narrativa das @_tarantinas, que em condições bem adversas interferem no espaço urbano para contar sua versão da história. São novas camadas de interpretação, novas formas de produção de subjetividades.

102. Há alguns anos, andava envolvida em uma pesquisa para um documentário sobre imigração e foi por esse caminho que conheci Krzysztof Wodiczko, artista polonês que me apresentou a arte ativista através das projeções em grande escala. Lembro-me de quando vi aquele espectro de luz e som tomando conta da fachada de um edifício e entendi sua forma de incorporação, seu lugar de provocação. Imagens e sons narravam o encontro entre imigrantes ilegais, os quais nunca vemos os rostos, apenas as pernas, como se estivessem sentados no telhado do edifício. Conversavam, falavam de suas experiências. Pessoas invisíveis à sociedade estavam ali, parte visíveis e audíveis, em *loop* e grande escala. Wodiczko diz que centros urbanos são galerias de arte política. (WODICZKO, 1992, p.163).

103. Menção à ideia da imagem que se faz luva. “ela se molda e envolve tudo a um só tempo, superfícies e objetos que encontra. Projetada surge como espécie de matéria luminosa móvel, que pode deslocar-se, invadir, cobrir, colar aderir e fundir com todo objeto que se depara”. (DUBOIS, 2009, p. 193).





Projeção/frames de Intervenções urbanas diversas. 2020. Rio de Janeiro e Natal. @_tarantinas.

14 de novembro

Poder mostrar o silêncio ao narrar circunstâncias... poder ocupar lugares que ninguém parece ocupar, mostrar ou indicar sem nomear os espaços ou situações que captura é o que melhor faz o dispositivo audiovisual.¹⁰⁴

O uso da imagem e linguagem como dispositivo de arte não é um recurso exclusivo do audiovisual, que mesmo centenário parece ainda ser a forma mais natural de contar histórias no contemporâneo. Imbuídas de realidade, as @_tarantinas usam a projeção na cidade, narram o cotidiano e discutem a verdade através do texto-imagem em movimento.

15 de novembro

Paciente zero. Nunca foi detectado o primeiro humano contagiado a partir do qual a pandemia teve início e mudou o mundo. Hoje li nas notícias que a OMS organizou uma equipe de investigação para uma missão até a China. Planejam ir até Wuhan, nos mercados de mariscos e animais onde se suspeita ser o local de origem da propagação do vírus, apesar de terem registros do vírus nas tubulações da cidade muitos meses antes da explosão do contágio. Buscam detalhes para a história da origem e da transmissão da primeira infecção humana.

18 de novembro

As projeções das @_tarantinas contam histórias de como intervenções urbanas são capazes de transformar o espaço da rua comprometido em um momento como este. Apropriam-se de empenas em cidades e bairros diferentes e personificam a palavra-imagem. As imagens projetadas dialogam não só com o público, mas também o fazem com as cidades, superfície de projeção, e com o espaço.¹⁰⁵

Volto a olhar o registro da intervenção de 29/03/2020. Sobre a fachada de um edifício colonial, o coletivo projeta: *Menos pós-verdades, mais verdades*.

Vivemos uma situação absurda: as pessoas já não acreditam em nada e ao mesmo tempo são capazes de acreditar em qualquer coisa.

104. DIAZ, Marta Llorente. Arte, literatura e cidade. In: *Arte cidade: imagens, discursos e representações*. Orgs: Selma Passos Cardoso et all. Salvador: Ed. UFBA. 2015.

105. O artista e curador Peter Weibel fala de abordagens assíncronas, não-lineares, não cronológicas, aparentemente ilógicas, paralelas, narrativas múltiplas a partir de perspectivas múltiplas projetadas em telas múltiplas. (...) As repetições, a suspensão do tempo linear e a assincronia espacial explodem a cronologia clássica. As telas múltiplas funcionam como campos nos quais as cenas são representadas a partir de uma perspectiva múltipla, cujo fio narrativo foi rompido." WEIBEL, Peter. Teoria narrada: projeção múltipla e narração múltipla. In: LEÃO, Lúcia (org.). *O chip e o caleidoscópio*. São Paulo: Editora Senac, 2003.



Projeções/frames de Intervenções urbana 29/03/2020. Bairro da Glória. @_tarantinas.

Dezembro-

Processos de criação

106. Informação Verbal. Conversa com o coletivo @_tarantinas em 9/09/2021. Diariamente o coletivo se reunia, trocava materiais e notícias e conversava muito antes de criar as ações de intervenção, e a partir de um posicionamento anticapitalista transformava o texto-imagem em frases, trocando palavras, modelando o conceito gráfico, a cor, a ordem, o tamanho para, em seguida, produzir os gifs, quadro a quadro, até chegar no formato final de projeção.

107. A expressão *alisar empenas* consubstancia poética e visualmente o trabalho de intervenção urbana com audiovisual. A artista Virgínia de Medeiros fala da relação entre a projeção e a cidade que muito se aproxima ao discurso visual do coletivo @_tarantinas: "Alisando a epiderme das empenas, comondo imagens, alterando escalas, recolhendo vibrações da cidade". Disponível no Instagram da artista: <https://www.instagram.com/p/CT2YvnyP20U/>.

5 de dezembro

Comecei a pré-produção de um filme. Todas nossas reuniões, leitura de roteiro, conversas entre departamentos são *online*. Os produtores pretendem confirmar as datas de filmagem para janeiro, mas tudo depende dos números de contágio aqui no estado. Eu e toda a equipe fizemos um pacto de mantermos o isolamento para nos preservar.

12 de dezembro

O processo de criação das @_tarantinas se afina com o processo da arte ativista: a preparação, as conversas, a coleta de informações, as escolhas narrativas e gráficas, a organização da projeção, as táticas de divulgação, o registro das obras. A cada intervenção, recorte, menção, novos elementos aparecem desenvolvendo formas, iluminando fachadas e empenas.¹⁰⁶

Os trabalhos operam a partir de choques do cotidiano, do mal-estar vivido em cada casa, cada cidade e de textos e imagens que são colhidos a partir das conversas diárias do coletivo. As projeções do coletivo alisam empenas.¹⁰⁷ Elas têm pressa em fazer-se ouvir.

A ação de intervenção é um ponto de fuga ao fluxo informativo dos dias sombrios. A ironia e o humor são combustíveis para muitas ações, contrastando com o *Zeitgeist* do cotidiano brasileiro. Essa narrativa cocriada, fruto de trocas de experiências, é a síntese do processo criativo e colaborativo, é o modo de fazer dessa rede que discute, aprende, propõe e aceita desafios. Talvez seja mais correto nomeá-la como exercícios para uma revolta. Revolta que nos obriga a olhar e encontrar o lugar de nossas lutas e resistências pessoais. O processo criativo ativista é um convite à desobediência, a dar respostas àquilo que incomoda e afeta, diante de discursos e regras estabelecidas, diante de preconceitos, paradigmas, injustiças e situações emergenciais. Acionar revoltas internas e externá-las de forma colaborativa como fazem as @_tarantinas é possibilitar um movimento de resistência, recuperando territórios, contagiando e compartilhando através de suas ações de intervenção luminosas.

17 dezembro

Li um artigo sobre a roleta russa da Covid. Não basta que o coronavírus nos mate ou nos deixe confinados. Ao nos expormos em reuniões, festas e encontros natalinos estamos expondo dezenas de pessoas que provavelmente sequer tenhamos encontrado. Tão bizarro e tão real. O Brasil ainda não tem um plano de vacinação, e nós não temos planos de comer uma ceia com amigos.

20 de dezembro

Faltam 10 dias para o fim de 2020. Fazer uma retrospectiva seria desnecessário. Volta-me à memória *Groundhound Day*,¹⁰⁸ um filme da sessão da tarde dos anos 90 que poderia muito bem se encaixar na distopia que vivemos esse ano: o personagem de Bill Murray fica preso em uma armadilha temporal que o obriga a reviver o mesmo dia infinitas vezes, em *loop*, atacadado na essência do presente. Estamos nessa espécie de *loop* do medo, sem vacinas, sem perspectivas. Por trás da grande esperança (vacinas para todos), a grande mentira: a falsa promessa de um ano novo e que as coisas vão melhorar. Tento me concentrar em palavras positivas. Tento respirar. Tento caminhar.

108. Menção ao filme GROUNDHOUND Day. Direção: Harold Ramis USA. 1993.

31 de dezembro

Procurro por uma nova projeção das @_tarantinas, não encontro.

No lugar do registro da projeção, encontro uma foto das meninas vestidas de dinossauro tomando água de coco em frente ao Museu do Amanhã. Colado à foto, um recorte de jornal que diz “trabalhando por um fim do mundo mais divertido!”. Divirto-me com essa lembrança quase sépia do carnavalizar. Junto da postagem, um pequeno texto sobre o trabalho coletivo dos últimos meses. Como as @_tarantinas, cheguei a achar que com a quarentena haveria uma possibilidade de um futuro não capitalista. A atitude *naif* se fez necessária para enxergar possibilidades no meio do caos.¹⁰⁹

109. As @_tarantinas escrevem “Chegamos a achar, por uns dias, que com a quarentena se anunciava alguma possibilidade de futuro não capitalista. Agora sabemos de nossa ingenuidade, mas também entendemos que às vezes precisamos manter algo dessa inocência para poder enxergar possibilidades. Ao longo deste ano, projetamos e escrevemos e projetamos. A rua parece mais próxima, a revolução não. Mas como seja, estaremos juntas construindo a derrocada deste mundo enfermo. O futuro será coletivo ou não será!” 31/12/2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CJeAZhpEnp/>. Acesso em 10/09/2022.

Janeiro-

Sem previsão

4 de janeiro

Solnit relata que a história não oficial do mundo mostra que indivíduos dedicados e movimentos populares são capazes de mudar o curso da história, apesar de não haver previsão de como e quando. Segundo ela, desespero e otimismo são duas razões para não agir, pois lidam com uma ideia de futuro, que remete a uma realidade “que não corresponde aos nossos planos”. A ideia é de que a esperança e a criatividade possam vir de uma “capacidade negativa,”¹¹⁰ tal como os trabalhos de intervenção urbana das @_tarantinas.

110. Solnit recorre ao poeta John Keats para defender a ideia de que é possível criar, em meio a incertezas e dúvidas, mesmo sem buscar os fatos e a razão. (SOLNIT, 2017, p.116)

O coletivo não só indica por meio de imagens escritas, possibilidades e estratégias de percepção da nossa responsabilidade diante do mundo pandêmico em crise, como também faz um chamado para uma nova cartografia, um desabafo, um manifesto impregnado de referências do ativismo, do feminismo, da ciência e da literatura.

12 de janeiro

111. SIDERAL. Brasil/França. Direção de Carlos Segundo. 2021.

Sinopse do filme¹¹¹: Em um futuro não muito distante, o primeiro foguete tripulado brasileiro tem data para partir para o espaço. Esse dia histórico afeta a vida de Marcela, Marcos e seus dois filhos. Ela é faxineira e ele, mecânico, mas ela sonha com outros horizontes...

Um set diferente. Vamos filmar com equipe reduzida, escolhemos locações desabitadas, e no caso da oficina, filmaremos em um domingo. Toda a pré-produção foi feita com muito zelo. Vamos seguir o protocolo do audiovisual e trabalhar com todos os cuidados. A delicadeza do momento exige o máximo de comprometimento. O trabalho coletivo vai tomando forma. A prática de cocriar, a troca de experiências e referências têm sido um oásis no meio desses dias de isolamento pandêmico.

Fevereiro- Carnaval

112. A performance *O fim do mundo cretáceo* (2020) realizada pelas @_tarantinas no Carnaval de rua do Rio de Janeiro (RJ) marca o início das intervenções do coletivo @_tarantinas.

113. O carnaval está presente na história recente da arte contemporânea brasileira, através das ações performáticas de Hélio Oiticica e sua defesa por um estado da arte “com tendência para proposições coletivas” In: OITICA, Hélio. *Aspiro ao grande labirinto*. Ed. Rocco. 1986.

114. Lefebvre nos fala da cidade como espaço impuro, contaminado de vida real. A rua, não só como lugar de passagem, mas como lugar do encontro: “Na rua, teatro espontâneo, torno-me espetáculo e espectador, às vezes ator. Nela efetua-se o movimento, a mistura, sem os quais não há vida urbana.” LEFEBVRE, Henri. *A revolução urbana*. Editora UFMG, 1999. p.29

115. David Harvey fala sobre a questão de que o tipo de cidade que desejamos é inseparável do tipo de pessoas que queremos nos tornar. O direito à cidade é resultado dessa “liberdade do fazer e refazer a nós mesmos e nossas cidades”. HARVEY, David. A liberdade da cidade. In: *Urbania*. Editora pressa, p. 11 -17. 2008.

Um domingo de fevereiro - acho que é Carnaval

Olho pela janela, não vejo e não escuto nada que me remete ao Carnaval. Há um ano a gente dançava feliz na rua perto da escola do Pium, enquanto as crianças, já exaustas de tanto brincar, dormiam confortavelmente sobre cangas na grama. Há um ano também as @_tarantinas nasciam a partir de uma ação performática coletiva pelas ruas do Rio de Janeiro.¹¹² Quem poderia imaginar que aquele que seria o último carnaval antes da pandemia ser declarada no planeta?

Volto na linha do tempo e olho para o registro daquela imagem das quatro mulheres-dinossauro e uma mulher meteoro, ocupando as ruas da cidade. Naquele momento, a cidade era delas. Eram elas. Caminhavam livremente entre os bairros da Glória e da Lapa (RJ), celebrando a vida e a liberdade de estar ali. De ocupar espaços. De verem e serem vistas. Na cidade. Com as pessoas. Entre encontros. Na festa. Na farra. Na fantasia.

O carnaval, como lugar da fantasia, do lúdico e do uso do corpo, que reinventa o mundo, também é espaço de mobilização.¹¹³ Mobilizar no sentido de colocar em movimento, de ativar. Carnaval como um dispositivo vinculante com o outro.

O carnaval de rua no Brasil vem crescendo nos últimos anos. A ocupação de espaços públicos, praças, ruas e avenidas é uma experiência de direito à cidade que se constrói no cotidiano, e o carnaval de rua tensiona e promove esse direito. A rua é lugar do encontro.¹¹⁴ Foi o ponto de partida para o artista visual Hélio Oiticica acionar a performance de seus Parangolés (1964) pelas ruas, junto aos sambistas e passistas da Estação Primeira de Mangueira, e foi também base para a ironia e crítica ao momento político vivido no Brasil na performance inaugural do coletivo @_tarantinas. A rua não é só local de passagem, é também local de estar. O direito à cidade demanda esforço coletivo ao redor de solidariedades sociais.¹¹⁵

A ação realizada pelas integrantes do coletivo naquele domingo de Carnaval de 2020, foi feita a partir de uma metáfora da situação política

e social quase apocalíptica brasileira.¹¹⁶ Uma menção ao meteoro e o fim do mundo. A intervenção das @_tarantinas em meio à festa carnavalesca se concretiza através da ação simbólica de uma performance, que foi registrada por amigos e outros foliões, e repetiu-se ao longo de outros dias da festa. No registro da performance o fim do mundo é anunciado. Enquanto o meteoro cruzava o céu [o asfalto das ruas no centro da cidade], os dinossauros [as amigas caracterizadas] corriam e urravam ameaçados por aquela estranha energia [imagem performance *O fim do mundo cretáceo* -11/02/2020 foi pedido pra referenciar a imagem]. Uma voz feminina fazia a contagem regressiva e a figura do meteoro avançava sobre a figura dos dinossauros. A terra tremeu. O choque é fatal. Nascia o coletivo @_tarantinas, e o primeiro trabalho em conjunto antes da pandemia de Covid-19 ser oficialmente anunciada no Brasil. Na ação do coletivo, a ideia do lúdico é mais do que uma simples motivação da festa do carnaval. Ela é um dispositivo que vincula o coletivo às pessoas, transeuntes e brincantes não passivos, que vão colaborar na construção do discurso da performance.

A performance ativa, mobiliza, chama à prática colaborativa. A projeção de hoje imprime sobre a fachada do edifício branco as imagens da performance de um ano atrás, uma lembrança ativa do momento em que o coletivo passa a existir e a praticar suas ações de intervenção luminosas. As @_tarantinas comentam “Há um ano celebrávamos o fim do mundo por pura coincidência. Ou não”.¹¹⁷ No carnaval, a felicidade é provisória, mesmo sabendo que tudo acaba em uma quarta-feira de cinzas. As @_tarantinas celebram um ciclo de existência do coletivo no vácuo e na ausência da maior performance do Brasil.

116. A situação se refere a recente eleição para presidente do ultra conservador Jair Bolsonaro, dando continuidade ao projeto de desmonte da cultura e da ciência no Brasil.

117. Post do coletivo @_tarantinas do dia 12 fev 2021. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CLNsTzXpoFJ/>. Acesso em 12/10/2022.



Registro da performance *O fim do mundo cretáceo*. Arquivo pessoal do coletivo 11/02/2020. @_tarantinas.



“Não é possível retornar a lugar nenhum. Os pontos de partida não ficam parados e na volta não estão mais lá. Para retornar, é preciso, de início, um ponto de partida eterno e imutável. Mas tudo se move e não há como parar o Universo. Acredite em mim quando digo que ninguém jamais fez um verdadeiro retorno. O homem que o conseguir realizará o maior feito da história.”¹¹⁸

O mundo não acabou, mas muita coisa ficou pendente. Não há retorno, anuncia o escritor e radialista Alejandro Dolina, pois os pontos de partida não permanecem estáticos. Este diário não vai dar a volta ao sol e cumprir os 365 dias de existência. Hoje é quarta-feira de cinzas, e o carnaval é uma expressão visceral da micropolítica, do nosso desejo de potencializar a vida em coletivo.

Temos uma lista de transformações urgentes a serem feitas em meio a este cenário político, social, cultural, sanitário e ambiental em que nos encontramos. As @_tarantinas me provocaram para além do meu lugar de espectadora. Todos estes meses de acompanhamento das ações de projeção urbana têm sido para mim um lugar de acolhida e também de encorajamento, de estímulo e de escudo. Na balança entre a macropolítica e a micropolítica, a arte pública realizada pelo coletivo alimenta potências sob uma perspectiva feminista, através de uma desconstrução diária dos modos hegemônicos de ver e de sentir, tensionando fronteiras entre arte e ativismo. Este ano não tem carnaval, mas teremos vacina. Quem sabe nos encontraremos no próximo?

118. No original: “No es posible regresar a ninguna parte. Los puntos de partida no se quedan quietos y a la vuelta ya no están. Para poder volver se necesita, por empezar, un punto de partida eterno e inmutable. Pero todo se mueve y no hay forma de detener el Universo. Créanme si les digo que nadie ha efectuado nunca jamás un verdadero regreso. El hombre que lo consiga cumplirá la hazaña más grande de la historia.” Informação sonora. DOLINA, Alejandro. La Venganza será terrible. Programa de radio de 20/07/2011. Disponível em <https://venganzasdelpasado.com.ar/users/alejandro/comments/page/54>. Acesso em 10/09/2022.

ZONA CONCLUSIVA/

Considerações finais

Chego ao fim desse documento teórico-crítico, marcado por um caminho compartilhado, construído por reflexões sobre as práticas políticas e poéticas do coletivo @_tarantinas e o relato pessoal ligado a esse encontro em meio a pandemia. Um relato com vontade de ser intervenção. O texto construiu pontes, e acima de tudo explorou a possibilidade de associar formas de projeção expandida à uma escrita íntima e feminista. Um trabalho situado em um contexto específico, com quase nenhum distanciamento histórico.

Ao longo do processo percebi que o ato da crítica, assim como o ato da escrita impõem mais perguntas do que respostas. Nas primeiras entradas do diário/*bitácora* questioneei: a pergunta abre espaço ou preenche? Não tenho conclusões, mas considerações finais sobre este trabalho. Para tanto é necessário resgatar que o objetivo geral desta pesquisa, foi configurar a história do percurso das @_tarantinas, potencializando e articulando, por meio de suas ações artísticas, a reflexão crítica sobre uma diversidade de temas. Esse percurso se entrelaçou ao meu cotidiano de pesquisadora e abriu espaço para a experiência de contar essa história pelas lentes das práticas da arte ativista contemporânea.

Georges Didi Huberman fala da importância do encontro com o objeto, que “é ao mesmo tempo uma não-escolha e uma escolha extremamente poderosa [...] Isso leva a um problema de estilo, no sentido de potência: que tipo de escrita realizar para este objeto? [...]”. Meu encontro com o objeto da pesquisa ocupa perfeitamente essa definição. Resgatei e revisei os registros das ações de intervenção urbana do coletivo, pelos quais criei uma relação de profundo respeito, permitindo que abrissem o meu pensamento. Todo o material de registro das ações de intervenção

foi acessado com permissão do coletivo @_tarantinas que gentilmente compartilhou o drive com materiais do percurso de criação, registro de bastidores e das projeções realizadas e registradas nas cidades de Natal e Rio de Janeiro, bem como pelas redes sociais do coletivo e pessoais das integrantes. Nas conversas mantidas com o grupo, percebi a simultaneidade nas trocas e diálogos entre as quatro tarantinas que lembravam que nos primeiros meses da pandemia criar as intervenções passou a ser o trabalho delas, pois começavam o dia com uma troca intensa de notícias, pensando qual seria a projeção daquela noite e qual o texto que acompanharia a ação. Mais do que uma vigília artística, as @_tarantinas criaram um diário audiovisual da pandemia e eu encontrei na escrita de um caderno/diário ficcional, a possibilidade de narrar minha relação como espectadora e pesquisadora com a produção artística do coletivo.

A escolha por narrar essa relação em forma de diário foi arriscada, pela própria natureza da escrita, fragmentada e rica em notas. Este processo me absorveu bastante, tornando-se um exercício de desapego, resiliência e aprofundamento pessoal, em especial, pelo estudo dos feminismos.

Entre as projeções que fazem parte deste trabalho, uma delas em especial, evocou, em tom de afirmação, uma das principais questões alavancadas durante a pesquisa. Essa intervenção termina por ser a primeira parte do título desta dissertação - **O futuro será coletivo ou não será?** Empregado como indagação, operando como uma máquina de crítica do presente. Para se alcançar algo na arte ativista é necessário mais do que ter potência criativa e força subversiva. Para chegar até o público, para encontrar um espaço de manifestação no futuro, é urgente fazer junto, colaborar, coletivizar.

Lucy Lippard esclarece que “a arte ativista é produto das circunstâncias externas e internas, orientada ao processo, onde suas táticas e estratégias de comunicação e distribuição formam parte do processo criativo”¹²¹ Além da influência das circunstâncias, a arte ativista produzida pelo coletivo sofreu influência dos textos do movimento feminista da terceira e quarta ondas e encontrou espaço para estabelecer sua postura antipatriarcal e anticapitalista, onde o feminismo passa a ser a chave para a leitura de conflitos.¹²²

121. LIPPARD, Lucy. Caballos de Troya: arte ativista y poder. In: Wallis, Brian (org) *Arte después de la modernidade, nuevos planteamientos em torno de la representación*. (p. 343-361) Madrid: Akal arte contemporâneo. 2012.

122. GAGO, 2018, p. 247

123. HARVEY, 2014, p. 213

124. DUBOIS, 2009, p. 193.

A cidade não é um fundo neutro sobre o qual se lê as palavras-imagem da intervenção.

Nesse sentido, nasceu o diálogo entre as ações das @_tarantinas e as ideias de David Harvey, que diz que o urbano funciona como um espaço importante de ação e revolta política. As características de cada lugar são importantes. A reengenharia física e social e a organização territorial desses lugares são armas nas lutas políticas.¹²³ Ao contrapor os painéis-protesto à postura omissa do governo diante da crise sanitária, o coletivo @_tarantinas, com sua própria participação estético-política, terminou por incluir um possível público em seu processo coletivo. Essa potente associação entre um coletivo ativista, que ocupa locais na cidade com ações de projeção, e um público que produz uma sonoridade dissidente pode converter-se em um catalizador de consciência crítica entre as pessoas que assistem às projeções ao vivo e aquelas que têm acesso ao registro das mesmas.

Os efeitos dessa pesquisa podem ser percebidos a partir da experiência de projeção expandida não mediada que transformou o espaço do cotidiano limitado pela pandemia em um espaço ativado, inventado, autônomo, criativo e praticado. Projetadas em *loop*, as ações de intervenção ocuparam temporalmente espaços disponíveis, como suas próprias janelas, invadindo e envolvendo superfícies e objetos com sua matéria luminosa.¹²⁴

É importante pontuar que o pensamento utópico foi um recurso útil para sobreviver ao mundo pandêmico, tanto para o coletivo quanto para mim, levando-me a uma escrita amparada em muitas leituras filosóficas e poéticas. Um lastro que permitiu seguir trabalhando na pesquisa, mesmo quando as condições pessoais e familiares não eram as melhores.

Muita coisa mudou desde o pré-projeto até a entrega da última versão desta pesquisa.

A mudança de estratégia metodológica, que previu a escrita do diário como cerne da pesquisa, provocou transformações interessantes, pois exigiu uma autoficção combinada à história recente, gerando uma hibridez

narrativa, além de novas perguntas durante o processo de escrita.

Narrei uma história em que me tornei personagem, agregando muito do cotidiano vivido por mim e minha família no primeiro ano da pandemia. Para alimentar essa linha do tempo utilizei não apenas fatos pessoais e coletivos, mas também informações e episódios concretos, presentes em artigos de jornais e revistas publicados no período. Quando se trata de escrever, a prática é fundamental. Não existem atalhos. Confrontei-me com novos problemas, disposta a cometer erros. A qualidade dessa escrita é resultado de quanto tempo passei trabalhando. Se fosse possível sintetizar a experiência de escrever essa *bitácora* em uma frase, seria: Inventar o possível.

Nesse processo, as leituras ofereceram um vasto campo de descobertas, onde autores e autoras revelavam outros, estabelecendo uma rica teia de referências para a transformação e amadurecimento da pesquisa.

Para além das reverberações que o processo de pesquisa de mestrado me proporcionou, desejo seguir o estudo de intervenções urbanas audiovisuais, ampliando o recorte para coletivos latino-americanos, que demandam novos diálogos e abordagens, sem abandonar o recorte curatorial, que pede trocas, vínculos de afeto, no sentido de sensibilizar e produzir atravessamentos.

Por fim, devo situar esta pesquisa no tempo. Enquanto escrevia estas considerações finais, celebrávamos a eleição de um novo governo no Brasil. Renovamos a esperança de que a partir de 2023 teremos um outro país, inclusivo, plural, que valoriza a ciência, a cultura, o meio ambiente, os povos originários, a diversidade. Uma promessa de vida refeita com a democracia. No Brasil de 2023, recuperar as ruas é uma necessidade vital, e quem sabe teremos um grande levante de maracatus e sambas, gente disposta a afetar e ser afetada, com novos dispositivos de intervenção nas cidades, configurando uma forma de arte pública.

O futuro será coletivo ou não será!

POSFÁCIO/

se isso fosse um livro

PAN! O meteoro se chocou com a terra. PAN! A China declara isolamento na cidade de Wuhan. PAN! A Itália vira o epicentro da pandemia de COVID 19. PAN! A vida está ameaçada no planeta. PAN! O Brasil declara quarentena em todo território nacional. PAN! As cidades viram cenário de filme distópico. PAN! Vão ser apenas quarenta dias. PAN! Muita gente perde seus empregos. PAN! Precisamos usar máscaras. PAN! Distanciamento social. PAN! Nova Iorque não tem onde colocar os seus mortos. PAN! Precisamos de informações. PAN! Os noticiários brasileiros mostram a maior crise sanitária vivida no país. PAN! O governo de extrema direita demora em agir. PAN! Não existe tratamento preventivo. PAN! Não há testes. PAN! O governo distribui remédios de eficácia não comprovada. PAN! Não há material hospitalar disponível. PAN! Quem puder, fique em casa. PAN! Vão ser mais de quarenta dias. PAN! O mundo vai acabar? PAN. DE.MIA.

ÍNDICE REMISSIVO DE IMAGENS

21 Printscreen do registro de Projeção /Frame da Intervenção de 3/05/2020. Bairro da Glória @_tarantinas. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B_vwkyJtuP/

26 Registro de projeção. arquivo pessoal do coletivo @_tarantinas.

35 Projeção/*frames* da Intervenção de 9/04/2020. Bairro da Glória @_tarantinas. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-x7VD7JTV5/>

38 Projeção/*frames* da Intervenção de 11/04/2020. Bairro da Glória. @_tarantinas. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-3NIQWHnAh/>

42 Projeção/*frame* da Intervenção de 12/04/2020. Bairro da Glória. @_tarantinas. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-5qD2YHDbF/>

45 Projeção/*frames* da Intervenção de 17/04/2020. Bairro da Glória @_tarantinas. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B_Gh8aunl0Z/

48 Projeção/*frames* da Intervenção de 18/04/2020. Bairro da Glória. @_tarantinas. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B_JF9BZHd9y/

52 Projeção/*frames* da Intervenção de 30/04/2020. Bairro da Glória. @_tarantinas. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B_oAzqzJzif/

57 Projeção/*frames* da Intervenção de 04/05/2020 Natal. @_tarantinas. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B_yXmBFJ1RP/

59 Projeção/*frames* da Intervenção de 5/05/2020. Bairro da Glória. @_tarantinas. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B_00YiBI2Hw/

62 Projeção/*frame* da Intervenção urbana 15/05/2020. Bairro da Glória. @_tarantinas. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CAOshM8pw5m>

65 Projeção/*frames* da Intervenção urbana 22/05/2020. Bairro da Glória. @_tarantinas. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CAGqpAxFKOi/>

67 Projeção/*frames* da Intervenção urbana de 27/05/20. @_tarantinas. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-QbEGyFr7u/>

70 Projeção/*frame* da Intervenção urbana 30/03/2020. Bairro da Glória. @_tarantinas. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-YKc7PFEM8/>

72 Projeção/*frames* da Intervenção urbana 7/6/2020. Bairro da Glória. @_tarantinas. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CBJ5hftnQwP/>

75 Projeção/*frame* da Intervenção urbana de 21/06/20. Natal. @_tarantinas. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CBt1b_cJ167/

77 Projeção/*frame* da Intervenção urbana de 18/09//20. Bairro da Glória. @_tarantinas. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CFTASstJdYC/>

80 Projeção/*frames* da Intervenção urbana de 1/07/20. Bairro da Glória @_tarantinas. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CCCleHPpb8t/>

82 Projeção/*frames* da Intervenção urbana de 03/04/20. Bairro da Glória @_tarantinas. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-ihZ-RlxYC/>

85 Projeção/*frame* da Intervenção urbana de 24/07/20. Bairro da Glória @_tarantinas. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CDC2IRzJMkc/>

88 Projeções/*frames* das Intervenções urbanas de 13/08/20. Bairro da Glória. Série *Quintas feministas*. @_tarantinas. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CD2XQCjJp4b/>

89 Projeção/*frames* da Intervenção urbana de 19/10/2020. Natal. Série *Quintas feministas*. @_tarantinas. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CD2XQCjJp4b/>

91 Projeção/*frame* da Intervenção urbana de 14/08/20. Bairro da Glória. @_tarantinas.

Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CD481dcJH1b/>

93 Projeção/*frame* da Intervenção urbana de 27/08/2020. Série Quintas-feministas. Bairro da Glória. @_tarantinas. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CEafhFXJYEs/>

97 Projeção/*frame* da Intervenção urbana. Bairro da Glória. 18/09/2020. @_tarantinas. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CFTAH1xp8LR/>

100 Projeções/*frames* da Intervenção urbana de 18/09/2020. Natal. @_tarantinas.

101 Projeções/*frames* da Intervenção urbana de 18/09/2020. Bairro da Glória. @_tarantinas.

103 Projeção/*frame* da Intervenção urbana de 7/09/2020. Bairro da Glória. @_tarantinas. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CE2rOySpB6C/>

105 Projeção/*frame* da Intervenção urbana de 25/11/2020. Bairro da Glória. @_tarantinas. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CFIMyCEJa33/>

111 Projeção/*frame* da Intervenção urbana. 8/10/2020. Natal. @_tarantinas. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CGGjUIUpNqu>

113 Projeção/*frame* da Intervenção urbana 10/10/2020. @_tarantinas. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CGJlQ86pA6h/>

118 Registro de projeção. Arquivo pessoal do coletivo @_tarantinas.

120 *Printscreen* dos registros de 12 intervenções urbanas maio e junho de 2020. Rio de Janeiro e Natal. @_tarantinas. Disponível em: https://www.instagram.com/_tarantinas_/

127 Projeções/*frames* de Intervenções urbana 29/03/2020. Bairro da Glória. @_tarantinas. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-VyROXFqQs/>

137 Registro da performance *O fim do mundo cretáceo*. Arquivo pessoal do coletivo. 11/02/2020. @_tarantinas.

138 Projeções/*frames* da projeção da performance *O fim do mundo cretáceo*. 11/02/2021. @_tarantinas.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Para educar crianças feministas* - Um manifesto. Ed. Cia das letras, 2017.

ARCHER, Michael. *Arte contemporânea: uma história concisa*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BARROS, Manoel. Uma didática da Invenção. In: *O livro das ignoranças*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.

BASBAUM, Ricardo. *Além da pureza visual*. Rio de Janeiro: Ed. Zouk, 2007.

BAUDELAIRE, Charles. O pintor da vida moderna. In: *Filosofia da imaginação criadora*. Petrópolis: ed. Vozes, 1993.

BERARDI, Franco Bifo. Estamos entrando na era da extinção. In: PELBART, Peter Paul (org). *Pandemia Crítica* - Outono e Inverno. São Paulo: Editora N1, 2021.

_____. *Crônicas da Psicodeflação*. UBU editora. 2020.

BEIGUELMAN, Giselle. *Coronavida: Pandemia, Cidade e cultura Urbana*. São Paulo: ECidade, 2020.

CLAIRE Fontaine. *Human strike and the art of creating freedom*. Los Angeles: Semiotext(e), 2020.

COLETIVO 28 de maio. O que é uma ação estético-política? (um contra manifesto). *Revista Vazantes*, Volume 1. no. 1. Programa de Pós-Graduação em Artes. Universidade Federal do Ceará. 2017.

COMITÊ INVISÍVEL. *Motim e destituição agora*. Editora n-1. 2018.

DAVIS, Angela; KLEIN Naomi. *Construindo movimentos: uma conversa em tempos de pandemia*. São Paulo: Boitempo, 2020.

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Paris: Editora Gallimard, 1990.

DEUTSCHE, Rosalind. Agorafobia. *Revista Arte & Ensaio*. n.36, pgs.116-173. 2018.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. Editora 34, 1998.

DOLINA, Alejandro. *La Venganza será terrible*. Programa de rádio de 20/07/2011. Disponível em <https://venganzasdelpasado.com.ar/users/alejandro/comments/page/54>. Acesso em 10 set. 2022.

DUBOIS, Philippe. Um “efeito cinema” na Arte Contemporânea. In: COSTA (org.), Luiz Cláudio. *Dispositivos de registro na arte contemporânea*. Rio de Janeiro: Contra Capa livraria / FAPERJ, 2009.

FEDERICI, Silvia. *O Ponto Zero da Revolução: Trabalho Doméstico, Reprodução e Luta feminista*. Editora Elefante, 2019.

FOSTER, Hall. *O que vem depois da farsa?* São Paulo: Ubu Editora, 2021.

_____. O Retorno do real. In: *Concinittas* ano 6, v. 1, n. 8, jul 2005.

GAC. *Pensamentos, practicas y acciones del GAC*. Buenos Aires, Editora Tinta LimóSn, 2009.

GAGO, Veronica. *La potencia feminista o el deseo de cambiarlo todo*. São Paulo: Ed. Elefante, 2020.

GUIMARÃES, Cao. *Histórias do não ver*. Rio de Janeiro: Ed. Cobogó, 2019.

HAN, Byung-Chul. La emergencia viral y el mundo de mañana. In: *Sopa de Wuhan*. Ed.Aspo, 2020.

HARAWAY, Donna. *Seguir con el problema: Generar parentesco en el Chthuluceno*, Bilbao, Consonni, 2019.

HARVEY, David. *Cidades rebeldes - do direito à cidade à revolução urbana*. Ed. Martins Fontes, 2014.

_____. A liberdade da cidade. In: *Urbania* 3. São Paulo: Editora Pressa, 2008.

HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JOHAS, Regina. Arte na Era do Antropoceno. *Arteriais - Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes*, [S.l.], p. 142-149, jul. 2018.

KRUGER, Barbara. *Remote control: power, cultures, and the world of appearances*. New York: MIT Press, 1993.

LAS TESIS. *Quemar el miedo*. Ciudad de México: Editorial Planeta Mexicana, 2021.

LEFEBVRE, Henri. *Ritmo- Análisis: Espacio, Tiempo y Vida Cotidiana*. Nova York: Ed. Continuum de Val, 2004.

_____. *State, space, word*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2009.

_____. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LIPPARD, Lucy. *The lure of the local: senses in a multicentered society*. New York: New Press, 1997.

_____. Caballos de troya: arte ativista y poder. In: Wallis, Brian (org) *Arte después de la modernidade, nuevos planteamientos en torno de la representación*. (p. 343-361). Madrid: Akal arte contemporâneo, 2012.

LORDE, Audre. *Sister outsider: essays and speeches*. [S.l.], Crossing press, 2007.

MACIEL, Kátia (org.). *Transcinemas*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2009.

MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens: uma história de amor e ódio*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

MENNA BARRETO, Jorge. *Exercícios de Leitoria*. 2012. Tese. (Doutorado em Artes Visuais) - Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2012.

MESQUITA, André. *Insurgências poéticas: arte ativista e ação coletiva*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2011.

MOUFFE, Chantal. *Práticas artísticas y democracia agonística*. Barcelona: MACBA/UAB, 2007.

OKANO, Michiko. *Ma: entre-espço da arte e comunicação no Japão*. São Paulo: FAPESP, 2012

OITICA, Hélio. *Aspiro ao grande labirinto*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1986.

PELLEJERO, Eduardo. Contingência, solidão, interrupção. Ideias isoladas sobre um tempo

com o qual não contávamos. In: PELBART, Peter Paul (Org.). *Pandemia Crítica* - Outono e Inverno. São Paulo: Editora N1, 2021.

PORTUGAL, Demétrio. Outros fluxos cinematográficos e sua produção de imagens. In: BAMBOZI, Lucas; PORTUGAL, Demétrio (Orgs.). *O cinema e seus outros*. São Paulo: Ed. Equador, 2019.

PRECIADO, Paul. Aprendiendo del Vírus. In: *Sopa de Wuhan*. La Plata: Ed. Aspo, 2020.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*: Estética e política. São Paulo: Editora 34; EXO experimental org., 2005.

ROLNIK, Suely. Ninguém é deleuziano. Despedir-se do absurdo. Entrevista a Lira Neto e Silvio Gadelha. *O povo*. n.6, Fortaleza, 1995.

ROMAGNOLI, Roberta. A cartografia e a relação pesquisa e vida. *Revista Psicologia & Sociedade*, vl. 21. n.2, 2009.

SOLNIT, Rebecca. *Wanderlust*: a history of walking. New York, Editora Penguin, 2001.

_____. *Os homens explicam tudo para mim*. São Paulo: Editora Cultrix, 2017.

WARDE, Ibrahin. A caquistocracia. *Le monde diplomatique*. Edição 155. 01/06/2020. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/a-caquistocracia/>. Acesso em 20 fev. 2022.

WEIBEL, Peter. Teoria narrada: projeção múltipla e narração múltipla. In: LEÃO, Lúcia (Org.). *O chip e o caleidoscópio*. São Paulo: Editora Senac, 2003.

WODICZKO, Krystof. *Public projections*. Public Address, 1992.

TARANTINAS. Não há tempo para o equívoco: um manifesto pela ação coletiva. *Revista MoV.cidade* n 01, 2020.

TARKOVSKI, Andrei. *Esculpir o tempo*. São Paulo: Martins fontes, 2010.

TAVARES, Gonçalo M. *O Sr. Calvino*. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2007.

THOREAU, Henry David. *A Desobediência Civil*. Editora Penguin Cia das letras 2012.

TUAN, Yi-Fu. Lugar: uma perspectiva exponencial. *Revista Geograficidade*, v. 8 n. 1, 2018.

_____. *Espaço e lugar*: a perspectiva da experiência. Londrina: Eduel, 2015.

TOLOKONNIKOVA, Nadia. *El libro Pussy Riot de la alegría subversiva a la acción directa*.

Editora Titivillus, 2018.

VETTESE, Troy; PENDERGRASS, Drew. *Half-Earth socialism*: a plan to save the future from extinction, climate change, and the pandemics. London: Verso Books, 2022.

ZIZEK, Slavoj. *A pandemia e a nova classe trabalhadora*. Editora Boitempo. 2020. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2020/05/01/zizek-o-1o-de-maio-em-um-mundo-viral/>. Acesso em 14 jan. 2022.

YOUNGBLOOD, Gene. *Expanded Cinema*. New York: E. P. Dutton & Co, 1970. Disponível em: http://www.vasulka.org/Kitchen/PDF_ExpandedCinema/book.pdf. Acesso em 20 abr. 2020.

FILMES

LOS Lunes al Sol. Espanha. Direção: Fernando León de Aranoa. [s.i.], 2002. Son., color.

MEMÓRIAS del Subdesarrollo. Direção: Tomas Gutierrez Alea. Havana: ICAIC, 1968. 1 DVD.

GROUNDHOUND Day. Direção: Harold Ramis. 1993. Son. Color. Legendado.

SIDERAL. Brasil/França. Direção de Carlos Segundo. 2021.(15 min.) Son. PB.

Berenice Vianna
Revisora

Mariana do Vale
Designer gráfica